

**JEAN LAUAND**

**Linguagem e expressões brasileiras**

**– Pequeno dicionário sociológico,  
filosófico e teológico –**

**Prefácio de Paulo Ferreira da Cunha**

Edições Cemoroc

2024

Copyright © 2024 do autor

Todos os direitos reservados.

1a. edição 2024

### **Conselho Editorial dos livros do Cemoroc**

#### **Diretores:**

Jean Lauand (Feusp)

Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)

Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

#### **Membros:**

Aida Hanania (FFLCH-USP)

Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)

Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue  
University Indianapolis)

Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)

Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)

María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)

Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)

Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)

Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)

Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)

Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)

Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)

Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)

Terezinha Oliveira (Uem)

Vitor Chaves de Souza (Umesp)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

---

Lauand, Jean

*Linguagem e expressões brasileiras – Pequeno dicionário  
sociológico, filosófico e teológico.* São Paulo: Cemoroc, 2024

ISBN 978-65-00-89327-4

1. Cultura brasileira 2. Expressões idiomáticas – Dicionários 3. Expressões  
populares 4. Dicionários 5. Língua portuguesa - Brasil - Dialetologia

CDD-469.31

---

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC

<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/>

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>Prefácio</b> - Do hospital das letras à festa das palavras<br>Paulo Ferreira da Cunha               | 07 |
| <b>Linguagem e expressões brasileiras – Pequeno<br/>dicionário sociológico, filosófico e teológico</b> | 19 |
| <b>Introdução</b> - O alcance filosófico-sociológico-<br>teológico das expressões                      | 19 |
| Adulteração no “Parabéns prá<br>você...”: “muitas felicidades”   | 27 |
| Adulterações na interpretação do<br>Pique-Pique do “Parabéns...”                                       | 32 |
| Ainda bem – Ainda mal  | 35 |
| Ajoelhou tem que rezar   | 38 |
| Álgebra: das fraturas às equações e<br>ao Alcorão...   | 39 |
| “Alugar” alguém  | 44 |
| Atazanar   | 45 |
| (O) Basquete e seus 5 nomes no Brasil  | 45 |
| Bento x Francisco: dois santos e suas<br>ordens para o brasileiro                                      | 47 |

|  |    |
|--|----|
| Bicho-papão  | 56 |
| Cara de tacho e outras caras inexpressivas                     | 57 |
| <i>Catu</i> tupi – catupiry, Botucatu etc.                     | 60 |
| Charme, charmoso e charminho                                   | 63 |
| Clássico é clássico... – provérbios do futebol                 | 64 |
| Dar a mão à palmatória, braço a torcer etc.                    | 66 |
| De fechar o comércio   | 69 |
| Desde que me conheço por gente                                 | 70 |
| <i>Deus Ludens</i> , o lúdico e Deus que cria brincando        | 72 |
| (Um) Deus nos acuda  | 85 |
| Ei, juiz, vai...   | 85 |
| Engolir o sapo   | 87 |
| (Vai) Enxugar gelo, ver se estou na esquina & Cia.             | 88 |
| Esperança – a teologia na língua francesa                      | 67 |
| (O) Espírito da coisa – a virtude da Epiqueia                  | 91 |
| (Voltar à) Estaca zero   | 92 |
| “Eu, hein?” e “Vou te contar”, expressões de datação possível? | 93 |
| Fofo, fofura   | 95 |
| Gente fina é outra coisa – fidalguia                           | 96 |
| Gírias provenientes do mundo das drogas                        | 97 |
| Glória de Deus- I: Tom Jobim e Tomás de Aquino                 | 99 |

|  |     |
|--|-----|
| “Glória de Deus”- II: a felicidade eterna  | 105 |
| “Há coisas que só acontecem ao Botafogo” -<br>corrigindo mais uma lenda da fraseologia | 107 |
| (O) Homem, esse esquecediço (/futuriço)  | 109 |
| (O texto de) Humor mais divulgado na<br>história de nossa imprensa                     | 114 |
| Inglês – o concreto e o enxuto   | 120 |
| (A) Inveja I – na teologia medieval  | 124 |
| (A) Inveja II – seu antônimo: <i>synkhaírein</i>                                       | 128 |
| Jogar (?) verde para colher maduro   | 130 |
| “Let it be” dos Beatles é hino a Nossa Senhora?  | 131 |
| Maria chuteira   | 134 |
| Nem contra nem a favor, muito pelo contrário   | 135 |
| Num abrir e fechar de olhos  | 136 |
| Ótima noite e um excelente fim de semana   | 137 |
| Pandarecos, cacarecos, tarecos e trecos  | 137 |
| Para seu governo, fique sabendo que...   | 139 |
| Pecado capital da acídia em vez de preguiça?   | 141 |
| (Com o) Perdão da palavra  | 145 |
| Princípio ou começo?   | 147 |
| Provérbios árabes – uma pequena amostra  | 149 |
| Quebrar o gelo   | 152 |
| Respeito – é bom e eu gosto  | 153 |

|   |     |
|---|-----|
| Salvação da lavoura (e a saúva...)                            | 154 |
| Se cobrir vira circo, se cercar é hospício                    | 155 |
| Se melhorar, estraga  | 156 |
| Simancol e desconfiômetro                                     | 157 |
| Subir (/elevar) o sarrafo – consolida-se<br>uma nova metáfora | 158 |
| Surdo no absurdo  | 160 |
| Torcida celestial   | 161 |
| (Fazer das) Tripas coração                                    | 162 |
| Ubuntu: eu sou porque nós somos                               | 163 |
| Vossa Excelência...   | 165 |

## Prefácio

### Do hospital das letras à festa das palavras<sup>1</sup>

Paulo Ferreira da Cunha<sup>2</sup>

#### I

Não sei se quem este Prefácio lê costuma escrever, e escrever para publicar. É possível que tal suceda em alguns casos, talvez bastantes. Se assim for, com quem tal ocorra, pode ser que reconheça esta sensação ao mesmo tempo de excitação exaltante e embaraço entorpecente.

Ao ser convidado a escrever o Prefácio desta obra, um significativo *Dicionário* (que, na verdade, pela sua amplitude, é um verdadeiro Elucidário, ao mesmo tempo erudito e atualíssimo, num estilo algo “razoado”, que lembra o clássico *Elucidário* de Frei Joaquim Santa Rosa de Viterbo) da autoria de uma personalidade ímpar na cultura de língua portuguesa e (sem exagero) um dos maiores vultos da cultura universal do nosso tempo (que só não tem ainda mais renome porque não faz propaganda pessoal, nem pertence aos círculos bafejados pela sorte – ou azar – da ribalta), fui possuído por uma alegria entusiasmada, que me não deixava pousar, parar, refletir e

---

<sup>1</sup> Este livro é o terceiro volume da série de Dicionários de Expressões e reproduzimos este Prefácio, originalmente publicado no primeiro volume: *Pequeno dicionário de expressões brasileiras*, de Jean Lauand, Editora Enguaguaçu, 2023.

<sup>2</sup> Juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça de Portugal e catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (em licença para o exercício da magistratura).

muito menos escrever. Tal a sensação da honra, mesclada com uma profunda emoção grata. Mas, simultaneamente, era o peso da responsabilidade que me prendia a caneta, ou o teclado do computador, normalmente fáceis a pronunciar-se, escorregados a jorrar palavras, porque por norma com ideias assentes e sentimentos estáveis.

O desafio é interpelante. Jean Lauand merece o melhor, e este seu livro merece o melhor. Só quando me conformei com o facto de não poder dar senão o melhor que possa, aqui e agora (e *nemo dat quod non habet*), mas muito, muito longe do melhor absoluto ou mesmo do melhor *tout court*, é que consegui afastar o bloqueio de escrita que, realmente, em mim é coisa raríssima. Tive de resignar-me.

Várias são as razões dessa dificuldade e suspensão da escrita. São, antes de mais, a velha admiração e amizade muito profundas com o autor, não apenas epistolar como pessoal, durante os anos em que vivi em São Paulo, e sempre que aí, diuturno peregrino, tenho voltado. É, ainda, a temática da Língua Portuguesa e das suas expressões idiomáticas, digamos, que são afinal chave de uma cosmovisão lusófona (precisamente sublinhando, na própria palavra designadora, a importância da Língua na mente e na mentalidade, como Casa do Ser e do Pensamento – para recordar Heidegger). É, afinal, o Brasil, para mim *alter ego* inter-nacional do meu País, uma segunda Pátria / Mãria / Frátria, no seu pulsar mais genuíno, impondo-se ao mesmo tempo (e num fervilhante paradoxo) pela semelhança e pela diferença, em expressões de enorme sabedoria e inenarrável sabor.

## II

Jean Lauand é um intelectual do nosso tempo, *gigante* aos ombros de gigantes (glosando Bernardo de Chartres), que



ao mesmo tempo domina o clássico e está a par do mais atual, do mais abstrato como do mais concreto, que tanto cita, com rigor e em Latim, São Tomás de Aquino e tantos outros, medievais, gregos e romanos, como um samba, uma novela, ou um *gibi* de hoje. Que domina na perfeição as subtilezas do futebol (desporto brasileiro por excelência) e o seu léxico mais técnico como as densas equações matemáticas e o *ballet* estratégico do jogo de xadrez. E que em tudo coloca a máxima inteligência que é o ludismo, a graça e até o humor (que assinala até como existente na Divindade), de forma amigável, afável, sã e elevada.

O meu saudoso professor de Teoria da História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, João Marques, chamava a atenção para um processo de intenção a que se poderia chamar “cientificamente correto”, o qual, solidário dos preconceitos do politicamente correto num dogmatismo totalitário, descredibiliza alguns estilos de fazer ciência, ou de a transmitir. Assim, v.g., na Antropologia, o Levi Strauss de *Tristes Trópicos* estaria condenado, ou, na História, o Oliveira Martins da *História da Civilização Ibérica* banido, porque escreviam bem, e até literariamente. Não é, porém, a qualidade literária inimiga do rigor científico. Como não o é a escolha mais pessoal (ou até inusitada) do estilo, dos temas, ou das fontes. Jean Lauand, verdadeiro polígrafo de saber enciclopédico e curiosidade voraz, é um indagador multidimensional, que, como, por exemplo, teorizou Van de Velde, procura colher o que importa onde ele está.

Nesse largo espectro de fontes, seria de dizer o nosso autor um pós-moderno, mas já estamos (e ele sempre esteve) para lá da própria pós-modernidade... Já a ultrapassamos (se é que ela existiu como época e não apenas como corrente, ou moda, como poderemos pensar, inspirando-nos em Hal

Foster) e a superou. Embora, evidentemente, se saiba que vivemos, neste mundo sublunar, a várias velocidades e, como dizia Teilhard de Chardin (em *Le Phénomène humain*), haja hoje, como provavelmente sempre, muitos dos nossos contemporâneos que não são sequer modernos.

### III

Entrar na leitura desta obra (que tanto se pode ler de uma assentada, como ao acaso, verbete aqui e verbete ali, entrada hoje, entrada amanhã, como ainda consultar-se conforme a necessidade – indo à procura de um significado, ou de um comentário sobre um dito) é aceder ao mundo maravilhoso, redobradamente fascinante do Brasil, a que há a tentação (nem colonial, nem decolonial) de considerar esse “imenso Portugal” no dizer (obviamente *cum grano salis* – como é necessário ler tudo cada vez mais inteligentemente!) da canção do obviamente insuspeito Chico Buarque, e ao mesmo tempo, um *ganz Andere* (sem blasfémia), um “novo mundo nos trópicos”, mas um mundo realmente diferente, e novo.

Para um português, neto de brasileiro, como eu, o fascínio do semelhante e do diferente, do *trompe-l'oeil* e do *false friend* (no sentido gramatical) é não apenas extasiante como grandemente perturbador, por vezes; e sempre, *à la longue*, estimulante e dador de profundas lições. Porque há uma metafísica e uma ontologia na Língua. Como aliás o nosso autor viu para o tupi-guarani, por exemplo: e com lições de sabedoria interessantíssimas. Aliás, o seu conhecimento de poliglota é de uma riqueza profundamente alargadora de horizontes. E há um nó cego a desfazer (ou a cortar, como o Nó Górdio de Alexandre, o Grande) neste emaranhado de sentidos que são também sentimentos e sensações, transpostos (vertidos, vividos) em palavras.

Numa outra ocasião, com mais vagar e adequação (cada coisa no seu lugar) não deixaremos de ceder à enorme (e “gostosa”, saborosa, interpelante) tentação de dialogar diretamente com este Dicionário, em que tantas e tantas expressões são também do português de Portugal, em que tantas foram daqui exportadas, em que tantas outras para aqui foram importadas, e que têm, de um lado e do outro do Atlântico, sentidos semelhantes ou quase idênticos, e significativas diferenças, assim como desinências, associações e contrastes assinaláveis e eloquentes. Dialogar e proceder por associação de ideias, deixando o inconsciente falar, respondendo à “deixa” implícita...

Ao ler esta estimulante obra, não deixamos de recordar inúmeros provérbios e ditos, frases-feitas, lugares-comuns. Imediatamente à mente surgiram, não raro, letras de canções, daqui e do Brasil, trechos de textos canônicos, enfim, uma tópica afinal luso-brasileira. Vinda por vezes de uma memória de infância...

É verdade que, nem no mesmo País, nem sequer na mesma região de um mesmo País todos falam “a mesma língua”. Há idioletos e socioletos. Mas sente-se, para além de todas as palavras e expressões que são de cada um e cada uma, e as que apenas estão nos dicionários ou na caixa negra geral da memória coletiva (algo virtual), a existência de um património comum riquíssimo, que não é só falar, nem só dizer, mas é pensar e viver de uma certa forma. As palavras (e mais ainda as expressões, como as aqui repertoriadas) são testemunhas e agentes vivíssimos e atuantes, que depõem por uma Cultura, ou (não entremos nessas querelas) até quiçá por uma Civilização. Pelo menos, trata-se de desfazer a maldição da Torre de Babel, juntar e não separar: *a todos em comum outorgou o grande dom da voz e da palavra para sermos mais amigo e mais irmão e, pela comum e mútua declaração*

*dos nossos pensamentos, estabelecermos a comunhão das nossas vontades*, explicitou La Boétie, no Discurso sobre a Servidão Humana.

Num tempo em que impera uma tendência para a uniformização linguística (bastante empobrecedora e banalizadora – e não impondo verdadeiramente uma língua, que tem alma, mas uma espécie de para-*esperanto* a partir de um idioma), em que falamos já, por vezes, ou simplesmente com palavras importadas ou com frases decalcadas das suas construções semânticas, e mesmo vocábulos apenas aportuguesados ou abrasileirados, mas de raiz alheia, e pior, certamente, quando as estruturas mentais exógenas colonizam os nossos padrões mentais (com expressões que geram coisas – e vice-versa: *nomina sunt sequentia rerum* –, situações, realidades que certamente não sonharíamos ou não representaríamos do mesmo modo se as não houvéssemos importado, normalmente para sermos modernos e cosmopolitas), quando toda essa abdicação da genuinidade da Palavra-mãe está em curso, é salutar, é refrescante, é galvanizador, ver renascer em toda a sua amplitude o portento da nossa Língua (ou, se se preferir, com Saramago, das nossas línguas: vem dar pouco mais ou menos ao mesmo, no essencial).

Não é uma epopeia desse complexo linguístico, nem um panegírico do modo de ser brasileiro (e, ao menos por tabela, português e dos PALOP, e de Timor...). Cremos estar superada essa obsessão que, no limite, poderia ser recuperada para o moinho dos nacionalismos, perigosíssima doença e desvio. É, pelo contrário, uma radiografia inteligente de como falamos, quando não dizemos coisas demasiado inteligíveis aos dicionários lineares e não idiomáticos, quando falamos com o coração e os sentidos, quando usamos a língua com saber e sabor.

Daqui resulta a nossa profunda humanidade, não de super Pessoas, mas de gentes de carne e osso, sangue e nervos. Daqui resulta a assunção da nossa contingência. A nossa auto ironia, a nossa capacidade de zombar com a própria adversidade, a nossa desconfiança sábia, a nossa prudência... até à página 3... Enfim, uma mundividência que será muito interessante continuar a estudar, como o intentaram, no passado, em Portugal, o poeta Pascoaes e o antropólogo Jorge Dias, o historiador Jaime Cortesão e o filósofo Agostinho da Silva, tendo estes últimos conhecido o exílio no Brasil, e nele, nomes nem sempre consensuais, mas indubitavelmente de peso e valor, como Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro ou Sérgio Buarque de Holanda. Mais recentemente, Roberto DaMatta e Florestan Fernandes, assim como, em Portugal, Fernando Pereira Marques e Eduardo Lourenço.

Não é uma radical novidade, esta *démarche*. É fascinante como podemos entrever os indo-europeus através dos dois portentosos volumes do *Le Vocabulaire des institutions indo-européennes* de Emile Benveniste. Dos estudos arqueológicos de uma língua em descoberta, não falada hoje nem escrita, se procurou reconstituir uma sociedade, nos seus mais variados aspetos. Estamos *hic et nunc* bem melhor e mais próximos do nosso *quid*. A língua que se analisa é viva, e encontra-se plasmada em acessíveis escritos. O salto destas expressões, desta tópica da Língua, para a sua Cosmovisão, a mundividência dos seus falantes e pensantes, é muito mais fácil e seguro. Jean Lauand é um formidável, hercúleo indagador (o *corpus* de que parte é imenso). Como Isidoro de Sevilha, mas dotado agora de um muito mais rico *instrumentarium*, procura, afinal, a natureza das coisas (natura rerum) pelo conhecimento da natureza do seu nome (*Etim.*, I, 29), ou das expressões que a manifestam.

Saber quem somos, para além do contingente, para lá do que superficialmente (ou menos) nos possa dividir (nos diversos “cortes” e segmentos que se possam pensar), é uma indagação que este livro pode abrir. Para além da boa disposição, do prazer de ler estas aventuras do idioma, na sua evolução sempre surpreendente e por vezes verdadeiramente cómica. E para além ainda da simples, mas não descurável, função utilitária, de procurar uma expressão para denotativamente e simplesmente saber o que quer dizer.

Seja qual for o intuito do leitor, ficará ele muito bem servido.

#### IV

Muitos dos lexicógrafos e afins desejaram escrever as suas obras para submeter a língua viva e pulsante aos tratos de polé, para a reconduzirem a uma ideal (e quantas vezes puramente subjetiva) pureza, numa atitude normativa, impositiva, quase punitiva, mas que não raro se apresentava como terapêutica: procurando ser “hospital” de uma língua mais ou menos doente. *Mereça-vos minha afeição que passeis um pouco pelas enfermarias deste Hospital das Letras, sem que vos embarace a julgar estas, não só pelo receio do contágio, porque contaminam os sábios, senão a curar os inocentes* – convidava já em 1657 D. Francisco Manuel de Melo, no seu *Hospital das Letras, Apólogo Dialogal Quarto*.

É verdade que a nossa língua anda com mazelas muitas, e sobretudo quotidianamente assassinada até por muitos dos que teriam obrigação de a cuidar e usar bem – desde quem dela é locutor, a quem dela é escrevente, e, sendo professor, a usa para ensinar... Mas de pouco adiantam essas mágoas, e não são decerto dicionários os melhores

medicamentos para a cura. Uma confluência de fatores, que não podemos agora convocar, *brevitatis causa*, nos estropiam o idioma e assim nos prejudicam o claro entendimento. Isso já o dissera Confúcio, nos seus Analectos, e mais perto de nós o viu Simone Weil: “là où il y a une grave erreur de vocabulaire, il est difficile qu’il n’y ait pas une grave erreur de pensée” (*La Personne et le sacré*, ed. de Paris, Alia, 2022, p. 7).

Não é, porém, aqui hospital das letras (sem embargo de correção de ideias e fórmulas erradas e falsas), mas verdadeira festa da Língua. Uma cornucópia, por vezes algo carnavalesca até, de coloridas frases, que são uma explosão de vivacidade, de juventude, de pujança.

Dizem alguns que o Português de Portugal seria um ensurdecimento do velho Português falado nas Descobertas (ou achamentos), de algum modo mais preservado no Brasil. Não o sabemos. Sabemos sim que, independentemente do acento, do sotaque, da musicalidade da língua, nestas belas expressões que são pedaços de vida está presente o modo de ser brasileiro, que tem toda a razão em orgulhar-se de si e em dizer de si mesmo, num dos mais belos hinos do Mundo, ser “gigante pela própria natureza” (e não só gigante em tamanho), e liricamente confessar que “Do que a terra mais garrida / Teus risinhos, lindos campos têm mais flores / Nossos bosques têm mais vida / Nossa vida, no teu seio, mais amores”.

Portugal deve ter um imenso orgulho, até embevecido, de ser do Brasil nação irmã. Por muito que um azedume pretensamente bem-pensante (certamente mais afeito a influências e afinidades com outras latitudes) desejasse obnubilar, esquecer, ou até caluniar esse parentesco que, como todos os parentescos, é questão de sangue e não de escolha. E está para lá de todas as reconhecidas culpas

históricas, feridas que seria tempo não de macerar, mas de ir esquecendo, sob pena de um fardo quase cármico continuar a pesar sobre os ombros de quem não tem culpa alguma do que fizeram ou sofreram os primos dos seus longínquos antepassados.

Não é – tão longe disso, tão noutra sintonia e “vibração” – de passadismos de qualquer tipo que se trata. Este livro é uma atualíssima celebração da Língua, e não é necessário fazer contabilidades antecipadoras do preço competitivo do idioma (certamente em dólares) para saber do imenso valor deste pensar, sentir e ser, entre si solidários, entretecidos pelos fios visíveis e invisíveis da Palavra.

Esta obra, com rigor e sem preconceitos, celebra a Língua Portuguesa, estudando-a num excelente estudo mais que interdisciplinar pós-disciplinar, em que se juntam, sem antolhos, a filologia, a etimologia, a história, a sociologia, a antropologia e a filosofia – pelo menos.

Num tempo em que, para alguns, na linha de ideologias de suspeita e pior, a simples palavra “lusofonia” é já em si mesma pecado, assimilado desde logo a “francofonia” (e suas políticas reais e / ou efabuladas), e treslada como perversidade condenada à partida (sem direito a recurso), é uma lufada de ar fresco poder dialogar com uma inteligência brasileira a propósito da Língua.

Num tempo em que muitos estudos considerados científicos e académicos oscilam entre uma placidez cinzenta, ininteligível ou redundante, e uma paixão ideológica (e agora há novas ideologias que como tais até se negam) levada ao extremo mais fanático, é um conforto para o espírito e um regalo para a alma poder degustar uma obra como esta, que não nos quer doutrinar, nem aborrecer de um tédio de morte.



Por tudo isso o nosso muito obrigado a Jean Lauand,  
diuturno e agudo “intérprete do *Logos*”.

*Porto, 4 de janeiro de 2023*



## **Linguagem e expressões brasileiras – Pequeno dicionário sociológico, filosófico e teológico**

**Nota prévia:** Este é o terceiro “Dicionário” que publico em 2023-2024. O primeiro foi o “Pequeno dicionário de expressões brasileiras” e o segundo, com ênfase na filosofia, foi o “Pequeno dicionário sociológico- filosófico de expressões brasileiras”, ambos em 2023 pela Editora Enguaguaçu, de São Paulo. Neste volume, privilegiamos as análises que relacionam a teologia com a linguagem. Nesses livros, além de buscar esclarecer o sentido das expressões de nossa língua, procuramos frequentemente estabelecer – com a precisão cabível, em cada caso – a datação de seu surgimento. Discutimos também diversos fenômenos de linguagem em suas interfaces antropológicas, nesta obra sobretudo em relação à teologia.

**Uma abreviatura importante** Para a datação dos verbetes, valemo-nos sobretudo da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, que abreviaremos por BN.

### **Introdução**

#### **O alcance filosófico-sociológico-teológico das expressões<sup>3</sup>**

##### 1. O *humanum* escondido na linguagem

O velho Heráclito, que *avant la lettre* deu alguns preciosos princípios de, diríamos hoje, metodologia de pesquisa, dizia que a natureza gosta de se esconder.

---

<sup>3</sup> Aproveito aqui ideias que apresentei em meu “dicionário” anterior: “[Pequeno dicionário filosófico e sociológico](#) de expressões brasileiras” São Paulo; Enguaguaçu, 2023. Naturalmente, mudando os exemplos e comentários, próprios deste volume.

Especialmente a realidade humana tende a se ocultar. E nós, que estamos interessados em antropologia filosófica, enfrentamos esta dificuldade: especialmente o *humanum* não se deixa apanhar facilmente, está escondido e resiste a se manifestar.

Essas considerações ligam-se a outra sentença de Heráclito, conhecido como “o obscuro”: “O caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho”. Aparentemente, nada mais evidente do que essa sentença. Como naquela vez – parece piada – em que um ciclista, gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: “E descidas, tem?”. Claro que, se não há subidas, também não há descidas: o caminho que sobe é o mesmo que desce.

Mas, por vezes, há algo mais, há surpresas por trás das obviedades. Quem não toma um pequeno susto quando vem a saber que o primeiro critério de desempate para times que tiverem o mesmo número de pontos no Campeonato Brasileiro de Futebol é favorecer a equipe que tiver maior número de derrotas? Mas, poderia alguém objetar, o critério beneficia é o time que tiver maior número de vitórias. Acontece, porém, que o time que tem mais derrotas e o que tem mais vitórias são o mesmo e único (aquele que tem menos empates).

Nesse caminho que sobe e desce, precisaremos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”) para *subir* até esse tesouro que desceu e está escondido. Para a realidade não humana, o caso é menos complexo. Se eu quero saber o que é o sal, eu pego (literalmente) o sal, levo-o a um laboratório e, após alguns procedimentos técnicos de análise, identifico que há tanto de sódio, tanto de cloro, iodo etc. Se pretendo examinar uma mosca, ponho-a no microscópio. Se quero saber do planeta Marte, valho-me de

um telescópio ou envio uma sonda. Já a realidade humana, tantas vezes, não se deixa observar diretamente: como “apanhar” o que é a gratidão, o que é o amor, o que é o homem?

Nesses casos, a pesquisa tem que se valer de caminhos indiretos: buscar onde se manifestam essas realidades. O grande filósofo alemão Josef Pieper (1904-1997), em toda a sua obra, mostrou como a linguagem é um dos sítios privilegiados para “vasculhar” e resgatar o *humanum* escondido.

A linguagem e as etimologias são parte importante desse jogo de sobe e desce e de esconde-esconde. Não é por acaso que também Martin Heidegger (1889-1976) volte-se continuamente para as etimologias, para as origens das palavras e expressões, e para os modos de dizer, quando quer investigar as profundezas da realidade humana.

Como apontamos, precisamente uma das grandes contribuições do próprio Pieper para o método da antropologia filosófica foi a de evidenciar que nosso acesso ao ser do homem, escondido, é fundamentalmente indireto. Pois os grandes *insights* que temos sobre o mundo e o homem não permanecem em nossa consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder – principalmente na linguagem.

## 2. A linguagem, reveladora da realidade humana

Esses grandes *insights* estão, portanto, ativos, mas ocultos, especialmente na linguagem, a linguagem comum, essa que falamos e ouvimos todos os dias. Assim, a antropologia filosófica deve procurar atingir a realidade por trás desses *insights* em seu novo estado “invisível”, como princípios ativos a serem descobertos também nas

etimologias e no sentido originário das expressões que o povo usa. Nesse quadro, a fraseologia e a etimologia passam a ser importantes componentes nesse “laboratório-linguagem” para o filósofo: é por trás de fatos da linguagem que se escondem preciosas informações filosóficas – e também sociológicas, históricas etc.

Assim, o interesse, o fascínio que temos por conhecer o que está “por trás” das expressões que o povo cria vai além da mera curiosidade (o que, de *per si*, já seria uma forte motivação para explorarmos esse tema) e revela muito sobre as características do “brasileiro” e mesmo do ser humano. Além do mais, são, muitas vezes, grandes “sacadas” que contribuem para uma comunicação cheia de graça, vida, humor e sabedoria e para expressar, através de um par de palavras, de forma sucinta e adequada – em lugar de fastidiosos palavrórios insossos –, situações de imensa complexidade.

De autoria anônima e aparentemente inofensivas, surgem (de modo não consciente) expressões dotadas de forte carga antropológica, procedentes de comparações com o futebol, das antigas marchinhas de carnaval, de piadas particularmente incisivas, de acontecimentos marcantes ou simplesmente do gênio do povo (especialmente os cariocas, que são responsáveis pela maioria das gírias e locuções engraçadas).

Assim, por exemplo, para expressar que, embora não tenha nada contra, não me sinto à vontade para aceitar um convite e não quero magoar a pessoa que me fez esse convite, digo simplesmente “Não é a minha praia”. Caberia todo um estudo sociológico sobre o Rio de Janeiro e sobre outras culturas, pois na mesma situação o inglês diz *it is not my cup of tea* e o espanhol, *no es santo de mi devoción*.

Nesta Introdução, destacarei a apresentação de alguns temas que compõem esta obra. Em muitos dos verbetes aqui publicados (a maioria elaborada especialmente para este livro; outros, adaptações de estudos anteriores), o leitor poderá resgatar o frescor original das expressões e sua transparência, perdidos ao longo de décadas (ou séculos) de uso. Em alguns casos, trata-se somente da análise de uma interessante frase feita; em outros, o convite para um aprofundamento antropológico.

A opção preferencial pelo enfoque teológico (além do filosófico e do sociológico) é notada já no primeiro verbete, no qual vemos a autora da letra do “Parabéns a você” protestar contra a adulteração de sua composição, substituindo “muita felicidade” por “muitas felicidades” e, como procuramos mostrar, há uma razão teológica para isso.

Veremos o contraste entre dois grandes santos, Bento e Francisco, e também o que se dá entre as congregações que fundaram. Uma importante dimensão do divino, o brincar, é esmiuçada no verbete “*Deus Ludens*”, o Deus que cria brincando.

Ainda no âmbito da teologia, vemos sua profunda influência em dois fatos “gramaticais” da língua francesa, sobre a esperança.

Examinamos também uma enigmática afirmação, que se repete nas missas de domingo: o agradecimento que fazemos a Deus pela glória dEle! Aliás, a mais profunda interpretação da “glória de Deus” procede de ninguém menos do que Tom Jobim.

Dois pecados capitais são contemplados nos verbetes sobre a inveja e a clássica acídia (que acabou sendo injustamente desbancada pela preguiça).

O verbete “Let it be” lança a conjectura de que a canção dos Beatles tenha uma dimensão religiosa: afinal o *fiat* de Maria em Lc 1, 38 – “Faça-se em mim segundo a tua palavra...” – é em inglês precisamente: “**Let it be** to me according to your word”.

Discutimos fatos curiosos da língua como o de que a palavra árabe “Álgebra” (al-jabr) originalmente aplica-se à prática ortopédica de reduzir ossos (imobilizar, engessar etc.), sentido vigente também no português do Brasil ainda no século 19... E as relações que a cosmovisão dos antigos estabelecia entre “surdo” e “absurdo”.

Das muitas expressões que contemplamos neste Dicionário, diversas têm interface com a sociologia, como é o triste caso da gíria “alugar”; outras com a filosofia, como as palavras que recebem do tupi os sufixos *catu* ou *poranga*, ou a expressão “para seu governo”.

Além das línguas já mencionadas, examinamos também algumas características do inglês, do árabe – a relação dessa língua com sua tradição de provérbios – e das línguas bantu, estas no verbete “Ubuntu”.

Como em “Dicionários” anteriores, desmascaramos falsas interpretações fraseológicas como a que pretende associar a origem do corinho “Pique-Pique” aos acadêmicos da Faculdade de Direito ou sobre a autoria da sentença “Há coisas que só acontecem ao Botafogo”.

Uma contribuição particularmente importante é a descoberta e apresentação do mais importante texto humorístico de nossa imprensa: a “Grammatica dos namorados”.

Para concluir esta Introdução, relembro que é importante verificar as eventuais alterações semânticas que as



palavras e expressões podem sofrer ao longo das gerações. O grande filósofo espanhol Julián Marías, sempre sensível aos fenômenos da linguagem, em artigo sobre o convívio entre avós e netos, indica a conveniência da datação de expressões:

Um aspecto de singular importância é o linguístico. Preocupam-me as variações do léxico, a sintaxe, até a fonética. Há palavras que já não se usam, ou só muito raramente, ou expressões da língua que eram usuais e deixaram de ser. Procuro averiguar a que níveis de idade essas mudanças afetam. Os avós põem diante dos ouvidos e da mente de seus netos a língua viva de outro tempo, que começou a cair em desuso, substituída por outras expressões – em geral empobrecida, não o esqueçamos.<sup>4</sup>

Em nosso tempo, tão apressado, esquecido e desatento, esse trabalho de revitalização da linguagem é quase uma emergência educacional e, com muita alegria, tenho recebido relatos de jovens leitores que se dizem fascinados com essas descobertas.

É também por isso que nossa metodologia foi fortalecida pela busca da datação de cada verbete, um dado de muita importância para a sociologia e a antropologia associadas aos estudos fraseológicos, examinando o momento de seu surgimento na imprensa brasileira, o que permite também, em muitos casos, uma melhor compreensão de seu significado, em função das “camadas geológicas” que se acumulam nas expressões.

Se é, em geral, impossível registrar com precisão a data de surgimento desta ou daquela fórmula na boca do povo,

---

<sup>4</sup> Julián Marías, *Abuelos y nietos*, ABC, 17-12-1998.

pelo menos buscamos situá-la no momento em que acontece na imprensa nacional. Para isso, além de outras fontes de consulta (como o Acervo Digital do jornal *O Estado de S. Paulo*), contamos com a Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, que abreviaremos por BN. Em cada citação (na qual manteremos a grafia da época), indicamos o órgão de imprensa, a data de publicação e a cidade ou estado da federação do qual ela procede. A BN é uma preciosa ferramenta que permite a busca de palavras e expressões em cerca de 8 mil periódicos da imprensa brasileira, desde a vinda da Família Real até os dias de hoje.

*Jean Lauand*

## **Adulteração no “Parabéns prá você...”: “muitas felicidades”**

Como se sabe, a versão em português do “*Happy Birthday to you*” foi estabelecida em concurso promovido em 1942 pela Rádio Nacional (e não Tupi, como muitos erradamente afirmam, seguindo o Wikipedia...). Poucos anos depois, a versão se consolidou e hoje é cantada mais de meio milhão de vezes por dia no Brasil.

Menos conhecido é o fato de que a professora e poeta, depois doutora em Letras, Bertha Celeste (1902-1999), a autora da letra em português do “Parabéns a você” (e não “prá você”, reclamava a compositora!) em vão reiterou protestos ao longo de toda sua vida contra uma adulteração que o uso popular impôs a seu verso, cantando “muitas felicidades” em vez do original: “muita felicidade”.

Não se trata de filigrana de excesso de zelo de autor; na verdade, o problema do singular ou plural na “felicidade” é clássico e tem muita densidade filosófica e teológica. Como sabiamente adverte Bertha em entrevista para o “Jornal do Brasil” (RJ, 21-03-1999), publicada no dia em que ela completou 97 anos:

Não gostei de terem colocado “muita felicidade” no plural, como se canta agora. Afinal de contas, felicidade é uma só.

Começemos por uma distinção fundamental entre singular e plural que Santo Tomás de Aquino (1225-1274), “o último grande mestre de um cristianismo ainda não

dividido” (Josef Pieper<sup>5</sup>), estabelece: a diferença entre “*secundum quid*” e “*simpliciter*”.

O *secundum quid* (aquilo que é sob determinado ponto de vista) refere-se ao plural, aos diversos aspectos de algo; já o *simpliciter* é o advérbio que se refere ao todo, ao que é pura e simplesmente; no caso da ética: ao que se é enquanto homem. Um tiro pode ser bom *secundum quid*, se atinge seu alvo, mas não será bom *simpliciter* se esse tiro for a causa do assassinato de alguém. Uma falcatrua pode ser boa do ponto de vista (*secundum quid*) financeiro de quem a aplica, mas certamente não é boa *simpliciter*.

Pois para Tomás, a moral diz respeito ao todo, refere-se simplesmente ao ser do homem. Assim, no Prólogo da parte II da Suma Teológica, dedicada à moral, ele diz: “Trataremos agora da moral, **isto é**, do ser do homem”. E a virtude aponta para o *ultimum potentiae*, a realização máxima, *simpliciter*, ou como muito bem traduz Pieper, *selbstverwirklichungsvorgang*: “processo de autorrealização”.

Assim, os antigos distinguem realização de realizações; felicidade de felicidades; esperança de esperanças (v. verbete “Esperança”).

Pensemos nas felicidades e realizações *secundum quid*, plurais, jocosamente chamadas “dos S”: saúde, saldo, sucesso, sexo, status, “seleção” (no *secundum quid* do futebol) etc. É claro que alguém pode realizar atos pelos quais se dá bem do ponto de vista dos S, mas que são um desastre do ponto de vista de sua realização *simpliciter*, a realização radical, enquanto homem<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup>. O filósofo alemão contemporâneo (1904-1997) é, a meu ver, o melhor intérprete contemporâneo de Santo Tomás.

<sup>6</sup>. Certamente dão-se também casos em que o *secundum quid* está em harmonia e colabora com o *simpliciter*.

Nossa época, tão sensível para as realizações, anda um tanto esquecida da realização. Pense-se por exemplo, na realização profissional. O profissional é, antes de tudo, um homem. Daí que a realização profissional deva subordinar-se à moral. Pieper, a propósito, lembra a atual tendência – cada vez mais acentuada em nossa sociedade organizada com base na divisão do trabalho – de pensarmos que uma ação, por trazer o rótulo de trabalho, estaria, por esse próprio fato, legitimada também moralmente. Essa atitude de esquecimento da ética pode levar a desastrosas consequências: “*From a technical point of view it was a sweet and lovely and beautiful job*”, “do ponto de vista técnico, um trabalho doce, belo e fascinante”, são palavras de Oppenheimer, referindo-se à sensação que experimentaram alguns físicos que trabalhavam na produção da bomba atômica...

Compreendemos, assim, aquela sentença de Sócrates: é muito pior cometer uma injustiça do que sofrê-la. “Minha afirmação, que precisamente já foi frequentemente pronunciada, mas sem prejuízo sempre ainda uma vez pode ser pronunciada, diz assim, meu Cálicles: receber de modo injusto uma pancada na face não é a maior vergonha, também não cair nas mãos de um assassino ou assaltante (...). Cometer tal injustiça contra mim é para o autor muito pior do que para mim, que sofri a injustiça”<sup>7</sup>. Se eu te firo o rosto com uma faca, o grande desfigurado sou eu...

Independentemente do que nossas ações possam realizar nos diversos âmbitos *secundum quid*, a moral, a realização do homem, está instalada no *simpliciter*, na realização do ser-homem, no “*to be or not to be*”. Como diz Tomás, contrastando os polos *secundum quid* e *simpliciter*:

---

<sup>7</sup> Ibidem, 508 d 5-e 6.

“Quando porém se trata da moral, a ação humana é vista como afetando não a um aspecto particular, mas à totalidade do ser do homem... ela diz respeito ao que se é enquanto homem” (I-II, 21, 2 ad 2)

Daí que seja muito diferente desejar felicidades ou felicidade. A felicidade é uma só, insiste Bertha! Se até aqui distinguimos a felicidade singular das *secundum quid*, a análise se completa com a consideração complementar, a da união desses dois polos: a tendência a unificar a felicidade em uma única palavra e realidade (em vez de distinguir na linguagem, a felicidade das alturas espirituais das prosaicas alegrias humanas).

Para o aprofundamento nesse tema, a partir daqui, seguiremos a análise de Pieper em seu clássico livro sobre a felicidade<sup>8</sup>.

Pieper observa que o grego possuía duas palavras para duas formas de felicidade: *mákares* são somente os deuses; a forma derivada *makários*, a participação do homem na felicidade sem mal algum dos deuses, acabou se vulgarizando tanto, que autores como Ésquilo ou Sófocles a evitam intencionalmente. Já a outra palavra para felicidade, *eudaimon*, designa originalmente, o homem que tem dinheiro, e mais amplamente, que é bafejado por felicidades... O Novo Testamento nunca usa *eudaimon* e *eudaimonia* e para as bem-aventuranças ou em qualquer outra passagem, só emprega *makários*, *makariótes*. Do mesmo modo na *Vulgata* nunca se dão *felix* e *felicitas* (a *eudaimonia*), mas somente *beatus* e *beatitudo* (a felicidade do divino).

---

<sup>8</sup>. Seguiremos a edição espanhola *Felicidad y Contemplación* (cap. 1) contida em *El ocio y la vida intelectual*. 4ª. ed. Madrid: Rialp, 1991, pp. 231 e ss.

Pieper, a seguir, observa que a linguagem tende a “vulgarizar” a felicidade e expressar suas diversas formas – a divina, a participação do homem nessa bem-aventurança e até a pequena satisfação de um desejo fugaz – **com uma mesma e única palavra**. E isto não por acaso, mas pela própria estrutura da Criação divina, que conecta as supostas “duas felicidades”. E, nesse sentido, cita uma sentença fundamentalíssima de Tomás<sup>9</sup>:

Assim como o bem criado é certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de qualquer bem criado é também certa semelhança e participação da felicidade eterna (*De Malo* 5, 1, ad 5).

O que Tomás quer dizer é que não só as intensas experiências místicas e elevações espirituais, mas mesmo um copo de água fresca em um dia de calor, um gol do meu time, um sorriso amigo etc. qualquer felicidade, qualquer satisfação tem que ver com a eterna bem-aventurança. Pela Criação, Deus nos dá o ser em participação e todo desejo humano aponta para a Felicidade final, todas as felicidades são, no fundo, uma busca da mesma e única Felicidade. É aquela sentença proferida à entrada do Paraíso (o paraíso: o mesmo e único doce fruto que nós, mortais, por mil ramos procuramos), uma das prediletas do próprio Dante:

*Quel dolce pome che per tanti rami  
cercando va la cura de' mortali  
Oggi porrà in pace le tue fami*

---

<sup>9</sup> Sentença tão fundamental que a ela voltaremos em outros verbetes.

Felicidade é, assim, o doce fruto, singular, e Dona Bertha alinha-se à tradição clássica cristã em seu verso que deseja “muita felicidade”, pois como ela mesma diz: “afinal de contas, felicidade é uma só”.

## **Adultrações na interpretação do Pique-Pique do “Parabéns...”**

No filme “O homem que matou o facínora” (1962), o personagem Ransom (um advogado culto e avesso a armas, que acaba por se eleger senador), de volta à sua pequena cidade, após anos afastado, conta ao editor do jornal local a verdadeira história da morte do bandido Liberty Valance e que – ao contrário do que dizia a lenda de muitos anos – não foi ele quem matou o facínora. Ao final de seu relato, Ransom pergunta ao jornalista: “O senhor não vai usar essa história, não é?”. Ao que este responde:

“Não, senhor. Aqui é o Oeste, senhor. Quando a **lenda se torna fato**, publique a lenda” (“*When the legend becomes fact, print the legend*”).

É o que ocorre frequentemente com falsas etimologias e fraseologias: prevalece a lenda, simplesmente porque certos senhores, do alto de suas “certezas”, acham muito mais interessante (e muito menos trabalhoso do que pesquisar com rigor científico...) promover uma lenda que eles julgam engenhosa, uma *fake news* na fraseologia, pelo gosto de terem sido eles a inventá-la ou por outras motivações...



É o que acontece com o corinho, em geral de aniversário, que contemplamos neste verbete. A lenda, no caso, vem “avalizada” por fonte acadêmica: o artigo “O Brasil que as Arcadas vislumbraram”, na prestigiosa revista Pesquisa Fapesp (No. 102, agosto 2004 - <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-brasil-que-as-arcadas-vislumbraram/> Acessado em 01-10-2023). Nesse estudo, o autor atribui à Faculdade de Direito a origem do famoso corinho, criado pelos “pândegos estudantes das Arcadas da década de 30” e, entre outros delírios pontifica:

“É pique, é pique” era uma saudação ao estudante Ubirajara Martins, conhecido como “pic-pic” porque vivia com uma tesourinha aparando a barba e o bigode pontiagudo. (...) “Rá-tim-bum”, por incrível que pareça, refere-se a um rajá indiano chamado Timbum, ou coisa parecida, que visitou a faculdade – e cativou os estudantes com a sonoridade de seu nome. O amontoado de bordões ecoava nas mesas do restaurante Ponto Chic, com um formato um pouco diferente do que se conhece hoje: “Pic-pic, pic-pic; meia hora, é hora, é hora, é hora; rá, já, tim, bum”.

Infelizmente, as *fake news* no campo da fraseologia são, muitas vezes, propaladas por ilustres acadêmicos – que as apresentam como certezas – e mesmo sendo a “lenda” de péssima categoria, acaba sendo aceita e reproduzida por inúmeros veículos e sites e tida como a versão oficial. Em meus dois dicionários anteriores – *Pequeno Dicionário de Expressões Brasileiras* e *Pequeno Dicionário Filosófico e Sociológico de Expressões Brasileiras* (São Paulo: Enguagaçu, 2023) – procurei desmascarar diversas dessas farsas.

Neste caso, em vez da estranha tese da tesourinha do pic-pic, está registrado o “pique-pique” (grafado como pique – como no jogo de pega-pega – ou no turfe) como corinho autônomo (e independente do “tudo”/”nada”), associado sobretudo ao carnaval (p. ex.: “Correio Paulistano”, 03-03-1935) e cuja versão completa era:

Pique, pique,  
Pique, pique,  
Pique!...  
Hurrah! Hurrah!  
 (“Correio de S; Paulo”, 27-01-1934)

O mais ridículo é a invenção do exótico potentado indiano. Já que o marajá Timbum parece inverossímil ao próprio autor, ele deveria, ao menos, nos apontar suas fontes e não afirmar categoricamente suas duvidosa existência e visita às Arcadas...

Como é natural em corinhos, cantigas, parlendas etc. não há uma fórmula rígida e imutável, além do fato de que o texto vai se modificando/ampliando ao longo das décadas e pode se juntar cumulativamente com congêneres. O fato – este, sim, documentado – é que nosso corinho aparece registrado, em forma primitiva breve da época, já na “Gazeta Popular” (São Paulo, 25-10-1933), como grito de torcida em jogo de várzea entre o Interrogação (sic) e o S. Paulo. A torcida animada comemorava:

– Ao Interrogação nada? Tudo. Como é, comé,  
comé, comé... Rá... rá... rá... Chiii Pum...  
Interrogação... Interrogação... Interrogação...  
Pique, pique,  
Pique!... Hurrah! Hurrah!  
 (“Correio de S; Paulo”, 27-01-1934)

Uma curiosidade: em Portugal, o corinho correspondente (veja-se p. ex. <https://www.youtube.com/watch?v=-Nl-4MhdmtQ>) é:

- Então (malta), e para.....não vai nada, nada, nada, nada?  
- Tudo !  
- Mas mesmo nada, nada, nada, nada?  
- Tudo!  
- Então, com toda a cagança, com toda a pujança ...(e outros dizeres)..... aqui vai/sai um...F-R-A [efe-erre-a]!  
- Frá!  
- FRE! [efe-erre-e]  
-Fré!  
-FRI! [efe-erre-i]  
- Fri!  
- FRO! [efe-erre-o]  
- Fró!  
- FRU (com prolongamento do som É da letra F: “éf“- concluindo com RU - “ériu”).  
- Fru!  
-(todos) FRA, FRE, FRI, FRO FRU  
ALIQUA, (a)liquá, (a)liquá (BIS)  
CHIRIBIRIBI-TÁ-TÁ-TÁ-TÁ (BIS)  
HURRA, HURRA, HURRA!!!  
(<http://notasemelodias.blogspot.com/2008/09/notas-sobre-o-grito-acadmico-fra.html>)

## **Ainda bem – Ainda mal**

Para o falante de hoje, pode parecer surpreendente, mas ao longo de todo o século 19, além da locução “ainda

bem” (vivíssima até hoje) era frequente também a antônima: “ainda mal”.

Para compreendermos essas expressões, devemos considerar que alguns usos de “ainda” contêm um aspecto adversativo, de “embora”, como por exemplo em: “Sei que vai chover, ainda assim vou sair”, “Ainda que tenhamos convicções, não somos fanáticos” ou “Ainda que sejam pobres, são muito generosos”.

É também o caso de “ainda bem”, que significa “felizmente”, mas por vezes, com um sentido adversativo, que neutraliza ou atenua um mal declarado inicialmente: “Os bandidos entraram em nossa loja, ainda bem que a polícia chegou a tempo”. O que poderia ser lido desmembrando os dois termos da locução: “**Ainda** que (tenha havido um mal:) bandidos entraram em nossa loja, houve um **bem**: a polícia ter chegado a tempo”. Ou “Perdi três de meus cartões de banco, ainda bem que recuperei um deles”, **ainda** que (tenha havido um mal:) eu tenha perdido meus três cartões de banco, houve um bem: a recuperação de um deles”.

Essa expressão existe desde sempre na BN, sua primeira aparição dá-se em “A Malagueta” (RJ, janeiro de 1821):

Ainda bem que a boa fé do Redactor do Semanario Civico (...) não tem permitido que (...) o Semanario visse, até agora, no Brasil mais do que huma casta de Portuguezes infames, ou perigosos.

De modo similar, era frequente no século XIX a locução “ainda mal” (presente na BN desde 1821), no sentido de infelizmente, geralmente com um bem suplantado por um mal: “Tirei notas excelentes em Geometria, ainda mal fui reprovado por faltas”, ou “Ainda que (tenha ocorrido um

bem:) eu tenha tirado notas excelentes em Geometria, houve o mal da reprovação por faltas”.

Nesse sentido, “O Imperio do Brasil” (RJ, 12-12-1826) celebra a bondade da Imperatriz Dona Leopoldina, falecida na véspera. Após louvar o imenso bem de sua virtuosa vida:

“(…) fallam tão altamente todas as acções de sua vida innocente, e ainda mal tão breve”.

“Ainda bem” e “ainda mal” podem também partir de situações neutras, não necessariamente más ou boas, respectivamente. Assim, por exemplo, “Meu time, o Esportivo F. C., passou o primeiro turno no meio da tabela”, admite como complementos: “ainda bem que no segundo turno foi avassalador e sagrou-se campeão” ou, pelo contrário, “ainda mal que no segundo turno desandou e acabou rebaixado”. Ou simplesmente no sentido de “Que bom!” (/Que chato!): “Ainda bem que o chefe me deu uma promoção” ou “Ainda mal que hoje o chefe me despediu.”

Cabe ainda, em emprego menos próprio, o uso das expressões como “felizmente” (/”infelizmente”), no sentido de reforço de um bem (/mal), de “ainda por cima”: “O meu Esportivo ganhou o Brasileirão, a Copa do Brasil e, ainda bem, que também a Libertadores”. E na BN:

Cumpre que eu te revele um episodio de minha vida, – doloroso e amargo sim – mas ainda mal que verdadeiro.

(“O Mercantil”, SP 11-01-1851”)

Sugestivamente, nosso “ainda bem”, em italiano é *meno male...*

## Ajoelhou tem que rezar

Inúmeras são as canções que em seus títulos se apropriam de provérbios e expressões populares. E, por vezes, ocorre o contrário: é uma canção (especialmente as antigas marchinhas de carnaval) que gera uma expressão, que é adotada pelo povo.

“Se ajoelhou, tem que rezar” surge por primeira vez na BN em 1969, como título de uma canção – hoje esquecida – de Vinicius de Moraes e Edu Lobo:

Baden Powell recebendo a letra de Vinicius de Moraes e Edu Lobo “Se ajoelhou, tem que rezar”, para fazer a trilha [de um show].  
 (“Diário da Noite” RJ, 21-04-1969)

A letra dizia:

Não é só perder por perder  
Não é só ganhar por ganhar  
Quem nunca viveu não vai merecer  
Porque, se ajoelhou, tem que rezar

O verso, que convoca à autenticidade, é típico de Vinicius e está na mesma linha, por exemplo, dos de “Na tonga da mironga do kabuletê” (1970):

Você que lê e não sabe  
Você que reza e não crê  
Você que entra e não cabe  
Você vai ter que viver  
Na tonga da mironga do kabuletê  
Você que fuma e não traga  
E que não paga pra ver  
Vou lhe rogar uma praga

Eu vou é mandar você  
Pra tonga da mironga do kabuletê

Só no ano seguinte, 1970, a expressão “ajoelhou...” começa a ser usada correntemente, embora da música ninguém se lembre.

## **Álgebra: das fraturas às equações e ao Alcorão...**

Tal como, no latim, a palavra “absurdo” (v. verbete “surdo”) migrou do âmbito acústico para o da lógica, assim também o vocábulo “álgebra”, na língua árabe, passou para a ciência matemática, mas seu significado original era (e ainda é) o da arte de recondução de ossos ao seu lugar natural (talvez forçando-os por tala, gesso etc.), em casos de fratura ou luxação. Também na Espanha (e em Portugal), no tempo em que os barbeiros acumulavam funções, podia-se ver a placa “*Algebrista y Sangrador*” em barbearias<sup>10</sup>. E no Quixote, quando o engenhoso fidalgo vence o Cavaleiro dos Espelhos (o bacharel Sansón Carrasco), deixando-o com grandes dores nas costelas, em uma aldeia tiveram a ventura de encontrar “*un algebrista*” que curou Sansón (parte II, cap.XV)

Assim, “algebrista” ocorre nesse sentido ortopédico até o século 19 no Brasil, como vemos na BN, por exemplo em:

---

<sup>10</sup>. Kline, Morris *Mathematical Thought from Ancient to Modern Times*, New York, Oxford University Press, 1972, p. 192.

Conheço uma família em que o talento de algebrista parece hereditário. Luxações que os mais habéis cirurgiões ou não reduzem ou reduzem muito mal, são reduzidas por qualquer da dita família, homem ou mulher, com uma facilidade que espanta.  
("Diario Novo" PE, 16-08-1843)

(Uma dançarina) tinha desconjuntado o pé esquerdo em certo passo de dança. A deslocação mal tratada por um algebrista degenerara em inflamação maligna. ("Gazeta da Tarde" RJ, 01-06-1881)

Como o significado de "Álgebra" se estendeu de redução de ossos para o ramo da matemática que estuda as equações?

Muhammad Ibn Musa Al-Khwarizmi foi membro da "Casa da Sabedoria", a importante academia científica de Bagdad, que alcançou seu esplendor sob Al-Ma'amun (califa de 813 a 833). A ele, Al-Khwarizmi dedicou seu *Al-Kitab al-muhtasar fy hisab al-jabr wa al-muqabalah* ("Livro breve para o cálculo da *al-jabr* e da *muqabalah*"), o livro fundador da Álgebra (*Al-jabr*).

Começemos por observar que as palavras que nomeiam a nova ciência, *al-jabr* e *al-muqabalah*, embora empregadas por Al-Khwarizmi em sentido técnico, eram (e ainda são) termos da linguagem corrente árabe. O radical trilítere *j-b-r*<sup>11</sup> designa uma força que compele, que obriga e, em alguns casos (como o das "álgebras"), força algo a entrar no devido lugar.

---

<sup>11</sup>. Como se sabe, o radical consonantal é, em árabe, o que é semanticamente decisivo: as vogais, a prefixação etc. só fazem uma determinação periférica de sentido.



O Alcorão diversas vezes (11, 59; 14, 15; 28, 19; 40, 35; etc.) emprega *j-b-r* para “tiranizar”, “tirano” etc.. E não por acaso, a corrente teológica muçulmana que nega o livre-arbítrio do homem em favor de um inevitável destino pré-determinado, foi denominada *jabariyah*. E também o serviço militar compulsório é *ijbary e Al-Jabar* – o forte, o que faz valer sua vontade – é um dos 99 nomes de Deus (Alcorão 59, 23). O arcanjo Gabriel, *Jibryl*, é, literalmente, força-de-Deus, a que Allah usa para pôr as coisas no devido lugar...

Por que Al-Khwarizmi escolhe a palavra Álgebra (*Al-Jabr*) para o procedimento característico de sua nova ciência? Precisamente porque – analogamente à ortopedia – nas equações, cada termo é obrigado a ir para o lugar que lhe deve corresponder<sup>12</sup>.

Do ponto de vista teológico, a Álgebra – ciência árabe – nos conduz à consideração de uma importante distinção entre o cristianismo e o islam sobre as relações da religião com o mundo temporal.

A Álgebra foi criada literalmente para equacionar problemas práticos suscitados pelo Alcorão, a propósito do tema: herança. Pois na questão da herança, o Alcorão (4, 11 e ss.) é muito concreto e detalhista: “Allah vos ordena o seguinte no que diz respeito a vossos filhos: que a porção do varão equivalha à de duas mulheres. Se estas são mais de duas<sup>13</sup>, corresponder-lhes-ão dois terços da herança. Se é filha única, a metade. A cada um dos pais corresponderá um sexto da herança, se deixa filhos; mas, se não tem filhos e lhe herdarem só os pais, um sexto é para a mãe etc., etc.”. E

---

<sup>12</sup>. Para detalhes técnicos sobre a *jabr* e a *muqabalah*, ver o capítulo “A Álgebra como ciência árabe” em meu livro *Filosofia, Linguagem, Arte e Educação*, disponível em: <https://www.jeanlauand.com/FilosofiaArte.pdf> O capítulo também aprofunda sobre as divergências teológicas entre cristianismo e islam.

<sup>13</sup>. E se só há filhas...

conclui: “De vossos ascendentes ou descendentes, não sabeis quais vos são os mais úteis. Isto compete a Allah. Allah é onisciente, sábio”.

Contrastemos com o cristianismo. Por coincidência, o mesmo problema da herança (para o muçulmano, sob a legislação direta de Allah) é proposto a Cristo. Cristo, que declara – algo impensável na visão muçulmana – “A César o que é de César; a Deus o que é de Deus”, recusa-se a estabelecer concretamente os termos da herança.

Trata-se de um episódio evangélico *aparentemente* intranscendente: “um da multidão” aproxima-se de Cristo e faz um pedido: que Jesus use Sua autoridade para convencer seu irmão a repartir com ele a herança (Lc 12, 13). Para surpresa daquele homem (e contrariando a mentalidade antiga e a oriental, que uniam o poder religioso a questões temporais...), Cristo recusa-se terminantemente a intervir nessa questão: “Homem, quem me estabeleceu juiz ou árbitro de vossa partilha?” (Lc 12, 14). O máximo a que Cristo chega é a uma condenação genérica da cobiça, contando a esses irmãos a parábola do homem rico cujos campos haviam produzido abundante fruto e com o célebre convite à contemplação dos lírios: “Olhai os lírios do campo...!”.

Além do mais, para o cristianismo, a revelação divina é meramente inspirada ao hagiógrafo: o evangelho *segundo* Lucas, João etc.; para o Islam, ao contrário, a revelação é ditada, “descida” (em árabe, o verbo *nazala*, que se aplica à revelação divina, significa “descer”). A revelação de Allah é para uma unidade (*tawhīd*) e esse princípio de unidade se aplica não só à política, mas alcança também as ciências.

Já para um cristão, o mundo é criação de Deus e obra de sua Inteligência: o mundo foi criado pelo *Logos* e, portanto, conhecer o mundo é conhecer sinais de Deus. E

mais: cada criatura é porque é criada inteligentemente por Deus, participa do ser de Deus. O Deus cristão é *Emmanuel*, Deus conosco, e pela Encarnação, a eternidade de Deus ingressa na temporalidade e Cristo encabeça, re-capitula (como diz o *Catecismo da Igreja Católica*) toda a realidade criada. Daí que a Igreja defenda a lei moral, lei natural da dignidade do ser do homem, que lhe foi conferida pelo ato criador do *Verbum*. Mas, precisamente por essa mesma concepção teológica, o cristão pode afirmar a mais decidida autonomia das realidades temporais: **porque** o mundo é obra do *Logos*, a realidade temporal tem sua verdade própria, suas leis próprias, naturais, descartando o clericalismo.

Em resumo, pensando em termos de princípios, para o cristão é muito mais fácil, é natural aceitar a autonomia das realidades temporais (no que não fira a ordem moral da natureza, afirmada e defendida pela Igreja). Esta é mesmo a doutrina oficial católica, reafirmada pelo Concílio Vaticano II, que rejeita tanto o clericalismo quanto o laicismo, que pretende afastar Deus da realidade social. Assim, na mesma passagem (4, 36) em que a *Lumen Gentium* afirma: “nenhuma atividade humana pode ser subtraída ao domínio de Deus”, ajunta: “é preciso reconhecer que a cidade terrena, a quem são confiados os cuidados temporais, se rege por princípios próprios”. E a *Gaudium et Spes* (1, 3, 36): “Se por autonomia das realidades terrestres entendemos que as coisas criadas e as mesmas sociedades gozam de leis e valores próprios, a serem conhecidos, usados e ordenados gradativamente pelo homem, é absolutamente necessário exigí-la. Isto não é só reivindicado pelos homens de nosso tempo, mas está também de acordo com a vontade do Criador. Pela própria condição da criação, todas as coisas são dotadas de fundamento próprio, verdade, bondade, leis e ordem específicas. O homem deve respeitar tudo isto, reconhecendo os métodos próprios de cada ciência e arte”.

A sabedoria que se requer é a de equacionar esses polos no âmbito das realidades concretas em cada caso...

## **“Alugar” alguém**

Algumas expressões, por limitações das próprias ferramentas, são praticamente impossíveis de serem pesquisadas na BN, Acervo do Estadão etc. É o caso da gíria brasileira, “alugar”, no sentido de tomar abusivamente o tempo de alguém ou mesmo maltratá-lo, como quando se diz: “ele alugou o pobre do professor e ficou 20 minutos depois da aula, incomodando o mestre com suas perguntas imbecis”.

Um referencial importante para datar, mesmo que imprecisamente, a expressão “alugar alguém” é o fato de que “Você me alugou” é o título de uma canção de 1988 da dupla sertaneja Althair & Alexandre, que dizia:

Hoje, você me alugou  
Pra falar das coisas que eu não mereço  
Falou na minha cabeça  
Até de um romance que eu desconheço

Se a memória não me engana, esse uso de “alugar” originou-se mesmo nos anos 80 e foi muito popular nas décadas seguintes. Mas, o mais importante é a perversa mentalidade tupiniquim que fez com que “alugar” passasse a significar também maltratar, abusar: se o carro não é meu, mas alugado, não vou tomar cuidado com lombadas ou tartarugas na rua; se se aluga um quarto num hotel, o ar

condicionado fica ligado, mesmo quando se está ausente por horas, etc...

## **Atazanar**

É forma relativamente recente e aparece por primeira vez na BN em 1890, como variante da original, bem mais antiga, “atenazar”, que deixa transparecer a etimologia (a “tenacidade” do incômodo agarramento das hastes do “tenaz”), como em:

O Sr. é tenaz em atenazar nossa paciência.  
Arre! Que sarna!  
 (“Gazeta Illustrada” RJ, No. 218, 1880)

“Atazanar” só surge na BN em 25-11-1892, em artigo de “O Estado” (SC), sobre os mosquitos:

“Insuportáveis bichinhos... Sempre a atazanar a humanidade”

## **(O) Basquete e seus 5 nomes no Brasil**

Um caso curioso e singular: a existência de cinco denominações distintas, vigentes na BN – simultaneamente

ao longo de 70 anos (1930-2009) –, para um mesmo esporte: Basquete, Basquetebol, Basketball, Bola ao cesto e Cestobol (e até seis nomes, se considerarmos a forma Basket-ball).

Esse fato que sempre me intrigou, foi objeto – por indicação minha – de uma interessante pesquisa de jovens autores para o projeto *Coepta* do Cemoroc-Feusp (publicada em: <http://www.hottopos.com/rih60/47-56Basquete.pdf>).

Se desde 1905, a primeira menção a esse esporte, e até o fim da década de 1910, “basketball” (ou “basket-ball”) foi a única forma existente em nossa imprensa; nos anos 20 surgem timidamente “Bola ao cesto” e “Cestobol”, hoje desaparecidas.

A partir dos anos 60, vai se impondo avassaladoramente a forma “basquete”, seguida de longe por “basquetebol”. O quadro completo, oferecido pelos autores, das incidências dos nomes na BN ao longo dos decênios é o seguinte:

| Decênio     | Basketball | Bola ao cesto | Cestobol | Basquete | Basquetebol |
|-------------|------------|---------------|----------|----------|-------------|
| 1890 - 1899 | 0          | 0             | 0        | 0        | 0           |
| 1900 - 1909 | 33         | 0             | 0        | 0        | 0           |
| 1910 - 1919 | 668        | 0             | 0        | 0        | 0           |
| 1920 - 1929 | 8.548      | 3.935         | 636      | 0        | 1           |
| 1930 - 1939 | 38.476     | 13.315        | 3.916    | 488      | 443         |
| 1940 - 1949 | 23.278     | 10.100        | 3.989    | 6.254    | 12.356      |
| 1950 - 1959 | 23.319     | 17.260        | 5.969    | 23.344   | 37.295      |
| 1960 - 1969 | 3.380      | 6.459         | 1.716    | 31.516   | 25.694      |
| 1970 - 1979 | 326        | 2.071         | 742      | 40.149   | 19.057      |
| 1980 - 1989 | 715        | 1.056         | 79       | 40.096   | 8.317       |
| 1990 - 1999 | 1.364      | 316           | 29       | 32.782   | 2.374       |
| 2000 - 2009 | 368        | 72            | 7        | 26.097   | 2.459       |
| 2010 - 2019 | 253        | 29            | 0        | 11.114   | 549         |
| 2020 - 2023 | 35         | 0             | 0        | 676      | 9           |

## **Bento x Francisco: dois santos e suas ordens para o brasileiro**

Antes de compararmos esses dois grandes santos, comecemos com um par de associações que o vulgo fez a ordens religiosas e que passaram a integrar a linguagem comum. Bem ou mal, acertada ou preconceituosamente, o povo ligou certas qualidades a ordens religiosas. Assim, desde 1838 (e até hoje) na BN, fala-se em “paciência beneditina” (que Houaiss dicionariza: “aquele que se devota incansavelmente a trabalho metuculoso”):

[o diretor de nosso jornal com] paciência beneditina vem transpondo todos os obstaculos em busca da Perfeição e do progresso de nossa querida terra.  
 (“O Maranguape” CE, 04-12-1838)

Tão antiga e frequente na BN quanto a beneditina, é a “paciência de Jó”, se bem que aquela se aplica melhor a trabalhos voluntariamente assumidos (como as intermináveis cópias de manuscritos realizadas nos mosteiros medievais), e esta a sofrimentos impostos de fora. A primeira aparição na BN data de 1823:

Aquelle fiel Povo, exemplo de fidelidade, por não querer parecer revoltoso, tem soffrido com paciencia de Job, e sem se queixar, as extorções e despotismos de seu tyrannico Governo.  
 (“Correio do Rio de Janeiro”, 24-11-1826)

Beneditina ou de Jó, a paciência cristã é santa, como na expressão “tenha a santa paciência”, usada para esconjurar

absurdos propostos pelo interlocutor. Sua primeira aparição na BN dá-se em 1824:

Estou para chama-lo tambem à palmatoria; tenha santa paciencia: a seu tempo lhe direi o motivo; eu sou velho, devo dizer o que sinto, e como seu amigo não o devo poupar.  
(“Imperio do Brasil” RJ, 03-07-1824)

Sobre a virtude da paciência, Josef Pieper lembra (em seu tratado sobre a virtude da Fortaleza), o agudo diagnóstico de Santo Tomás: a paciência é que preserva o homem do perigo de que seu espírito seja vencido pela tristeza e abdique de sua grandiosidade (“ne frangatur animus per tristitiam et decidat a sua magnitudine”) e é por isso que Cristo afirma: “Pela vossa paciência possuireis as vossas almas” (Lc 21, 19).

Já na maledicência preconceituosa, “Farra Franciscana” é mesmo o título de uma notícia (“Última Hora” RJ, 08-07-1957) sobre orgias no interior de veículos no Rio de Janeiro... E “franciscanada” aparece na BN desde 1884, no sentido que lhe dá Houaiss: pândega, folia.

No caso de “jesuítico”, as línguas venenosas dão-lhe os sentidos figurados, dicionarizados por Houaiss: “de caráter artificioso, hipócrita, indigno de confiança” e “que tem espírito sectarista; parcial, faccioso, fanático”, qualificativos de ódio amplamente repetidos na BN desde 1817 (“Correio Braziliense” Londres. vol. XVIII) e mais propriamente já na década seguinte, como por exemplo:

Sejam banidas as idéas intolerantes do Seculo XII e a hypocrisia jesuitica, para que a



interessante Província de Minas Geraes gose dos fructos das nossas instituições politicas.  
("Astro de Minas" MG, 01-03-1828)

Na verdade, o contraste entre os perfis psicológicos de São Bento (480-547) e São Francisco de Assis (1181-1226) é gritante e se estende para as respectivas congregações por eles fundadas. Tecnicamente – para os cultores da tipologia de David Keirsey – ela expressa a oposição entre os temperamentos SJ e SP ou, mais concretamente, entre os tipos ISTJ e ISTP. Mas não trataremos aqui de detalhes da psicologia de Keirsey e nos expressaremos de modo compreensível para o leigo.

As pessoas do tipo de São Bento (ISTJ) correpondem a pouco menos de 10% da população. Suas características são o apreço pela responsabilidade, dever, ordem, regras, tradições etc. O site oficial de Keirsey assim descrevia o tipo ISTJ:

Superresponsáveis, superconfiáveis. Em casa ou no trabalho são extraordinariamente perseverantes e cientes do dever, especialmente em “estar de olho” para assegurar que nada falhe nas pessoas e produtos que dele dependem. Com seu jeito quieto (cinza), estão vigilantes para que as regras se cumpram, as leis sejam respeitadas e os padrões mantidos. São eles os verdadeiros guardiões (SJ) das instituições. São pacientes no trabalho e com as rotinas da instituição. (...) Envolvem-se em associações de serviço da comunidade, como escola dominical, escoteiros etc., que transmitem valores tradicionais aos jovens. Como todos os SJ, prezam as cerimônias sociais da família, bodas, aniversários etc. embora

tendam a um retraimento se o evento se estende por muito tempo ou com muita gente. Não se sentem bem com espalhafatos; sua fala tende a ser sóbria e pés no chão, sem exuberâncias ou floreios; seu modo de vestir, simples e sóbrio (e não da última moda); sua casa e escritório limpos, em ordem e tradicional, sem ostentações. Suas coisas – carro, pasta de dente etc. – são standard. Gostam de clássicos e antiguidades e preferem o antigo à última onda<sup>14</sup>.

Não por acaso, São Bento é o criador da **Regra** para os monges (que permanece até hoje) e o inventor dos horários, que regulam as orações e a vida.

Não esqueçamos que S. Bento fundou sua Ordem em tempos difíceis: o Império Romano no Ocidente tinha sido extinto e assolado por bárbaros (em um primeiro momento, ainda não convertidos ao cristianismo e ao catolicismo) e a ideia era a de preservar valores espirituais no espaço sagrado do mosteiro, que mesmo os bárbaros, em geral, respeitavam – daí que, em inglês, até hoje, o espaço inviolável (de asilo político ou reserva ecológica) seja *sanctuary*.

Em tempos por ele tidos como de “novos bárbaros” e considerando-se fiador da verdade, não é de estranhar que Joseph Ratzinger (também ele um caso acentuado de ISTJ), tenha elegido para si o nome de Bento XVI, inspirando-se em Bento (padroeiro da Europa e, para Ratzinger, até mesmo o fundador da Europa), em seu projeto de reconversão do continente:

Paulo VI, proclamando a 24 de Outubro de 1964 São Bento Padroeiro da Europa, pretendeu

---

<sup>14</sup>. Cit. por Lauand, Jean. *Uma introdução à tipologia de David Keirse*. São Paulo: Factash, 2018. Disp. em: <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/LivroKeirse.pdf>.

reconhecer a obra maravilhosa desempenhada pelo Santo mediante a *Regra* para a formação da civilização e da cultura europeia. Hoje a Europa que acabou de sair de um século profundamente ferido por duas guerras mundiais e depois do desmoronamento das grandes ideologias que se revelaram como trágicas utopias está em busca da própria identidade. Para criar uma unidade nova e duradoura, são sem dúvida importantes os instrumentos políticos, económicos e jurídicos, mas é preciso também suscitar uma renovação ética e espiritual que se inspire nas raízes cristãs do Continente, porque de outra forma não se pode reconstruir a Europa. (...) Procurando o verdadeiro progresso, ouvimos também hoje a *Regra* de São Bento como uma luz para o nosso caminho. O grande monge permanece um verdadeiro mestre em cuja escola podemos aprender a arte de viver o humanismo verdadeiro. (Bento XVI, Audiência geral de 9 de Abril de 2008.)

São Francisco de Assis.

Se o tipo de Bento (SJ) é tipicamente voltado para o dever, a seriedade e a responsabilidade; preza a ordem, a hierarquia, as instituições e a organização, o tipo de Francisco (SP) é voltado para a ação impulsiva, preza a liberdade, a independência, a alegria e o lúdico e não dá a menor importância para hierarquias e instituições. Tipicamente, se o SP queixa-se da quadradice do SJ (para ele, o chato de galocha), o SJ queixa-se do SP e de sua indiferença para com as regras e as leis...

O realismo do SJ, sua experiência, pode tender ao pessimismo, como em *Os Lusíadas* o Velho do Restelo, “c’um saber só de experiências feito” (IV, 94), maldizendo e

denunciando as escusas motivações da expedição; enquanto o SP Vasco da Gama, movido por afã de aventura (o famoso “navegar é preciso” refere-se precisamente ao imperioso impulso dos SP), ordena o embarque sem despedidas, sem olhar para o choro das mães e esposas na praia: “por não mudarmos do propósito firme começado” (IV, 93).

Keirseey coloca São Francisco de Assis como claramente ISFP (uma das formas do SP) e assim caracteriza esse tipo:

Estão em sintonia com seus sentidos e especialmente ligados em todos os tipos de obra de arte. Enquanto outros SP têm habilidades com ferramentas, pessoas e entretenimento, os ISFP têm uma excepcional capacidade inata para lidar com sutis diferenças de cor ou de tom, textura, aroma ou sabor. Dedicando longas horas solitárias à sua arte, são tão impulsivos como os demais SP. Não esperam, agem, no aqui e agora, com pouco ou nenhum planejamento. Estão dominados pela composição, como se fossem arrebatados por um furacão. Eles pintam ou esculpem; dançam ou fazem skate, compõem melodias ou receitas de pratos ou seja lá o que for como um imperativo. Essa capacidade de se perder na ação conta para os resultados espetaculares individuais de alguns deles e em seu lado social mostram uma gentileza incomparável. Os ISFP são especialmente sensíveis à dor e ao sofrimento dos outros e solidarizam-se com os que sofrem. Alguns têm notável jeito para lidar com crianças pequenas, com um natural vínculo de compreensão e confiança com elas. Alguns têm esses laços até com animais, mesmo animais selvagens. Muitos deles sentem um instintivo desejo da natureza, mesmo da

inexplorada. (...) Em geral, não se interessam por desenvolver capacidade de falar em público ou mesmo na arte da conversação; preferem sentir o pulsar da vida pelo toque, músculos, pelos olhos, ouvidos etc.<sup>15</sup>

Keirsey afirma também que o tipo de São Francisco é “de longe, o mais amável e gentil de todos os tipos, sem competidores próximos”<sup>16</sup> e é o tipo mais sensível à dor e ao sofrimento alheio. Há um parágrafo de Keirsey<sup>17</sup> que é obrigatório, por evidenciar o temperamento de São Francisco:

Podemos encontrar em muitos ISFP um desejo instintivo pela natureza, o pastoral e o bucólico. Sentem-se em casa quando estão em meio à natureza e esta parece dar-lhes as boas vindas. Alguns sabem tratar de modo especial aos animais, inclusive aos animais selvagens. É como se tivessem um laço comum de mútua simpatia e confiança. Em algunos casos, esse mesmo laço aparece entre os ISFP e as crianças pequenas de modo instantâneo sem planejamento.

O que vimos sobre os ISFP, aplica-se perfeitamente a São Francisco de Assis. Se o ISTJ São Bento foi glorioso pela sua Regra, São Francisco o foi por não querer regra alguma, mas a espontaneidade da liberdade. Se São Bento prescreveu leituras e, muito cedo – a partir de Cassiodoro e seu mosteiro *Vivarium* –, seus monges se dedicaram ao *scriptorium*: à cópia, ao estudo e ao ensino, Francisco prefere a vida à intelectualização; a compaixão para com os pobres e

---

<sup>15</sup>. Cit. por Lauand, Jean. *Idem*.

<sup>16</sup>. *Please understand me*, Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984, p.235).

<sup>17</sup>. *Por favor Comprendeme*. Del Mar: Prometheus Nemesis: 1990, p. 236.

doentes, o senso artístico-pastoral do concreto, que o leva a inventar o presépio. Seu amor à natureza e aos animais. Se o SJ Bento é o Padroeiro da Europa, o SP São Francisco é o personagem mais querido do mundo, amado por cristãos e não cristãos, artífice da paz, padroeiro dos animais, da ecologia e de milhões de carinhosamente apelidados de Chico, Paco, Quico, Pancho, Ciccio, Fran, Cisco, Kiko etc. pelo mundo. Além de dar nome a dezenas de municípios pelo Brasil afora.

No confronto Francisco x Bento, este leva o papa Ratzinger; aquele, Bergoglio. E o *Poverello* ganha de goleada no sem número de pessoas que o têm como santo onomástico. Daí que, para individualizar um determinado, Chico o povo recorra a determinações adicionais, por origem – como na clássica “Chico Mineiro” (canção que em 1946 consagrou Tonico e Tinoco e, 50 anos depois, foi sucesso na voz de Sérgio Reis) – ou por outras características (Chico Vesgo, Chico da Rosinha, Chico Valentão etc.); ou ainda, explicitando o sobrenome, como na narrativa de Caymmi na maravilhosa canção praieira “A jangada voltou só”, na qual é preciso dar o sobrenome do protagonista Francisco (pois, em qualquer aldeia, são muitos), mas não o do (raro) Bento:

A jangada saiu  
Com Chico Ferreira e Bento  
A jangada voltou só

Não é por acaso que quando o imaginário popular quer um religioso para romper as barreiras da burocracia e do legalismo, é na família franciscana que pensamos, como no caso de Frei Lourenço de *Romeu e Julieta* ou nos frades que ajudam o Zorro (ou no “franciscanizado” frei Tuck de Robin

Hood). Ou a oposição entre o nominalismo franciscano e a ortodoxia beneditina que se dá em *O Nome da Rosa*.

Para finalizar este verbete, recordemos alguns pontos do livro clássico *A propósito de frades* de Gilberto Freyre (Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959), quase totalmente dedicado a expor a enorme contribuição (embora muito menos documentada do que a de outras ordens) da energia criadora dos franciscanos para a identidade brasileira:

- a presença franciscana na paisagem, na vida e na cultura do Brasil inteiro é uma das constantes do modo brasileiro de ser (p. 15)

- o franciscano, aberto aos valores de outros povos e civilizações, opõe-se ao risco de confundir o cristianismo com a civilização europeia (pp. 19 e ss.). O franciscanismo, a difícil arte das relações de europeus com não europeus, fomenta a variedade de vozes dentro da unidade cristã. Variedade de vozes, de artes, de gostos, de danças, de alimentos, de estilos de arquitetura, contanto que sejam todos valores a serviço do Homem e, quando acrescentados às tradições europeias da Igreja, a serviço do cristianismo (p. 68).

- Essa abertura liga-se ao nominalismo, filosofia desenvolvida pelos franciscanos, que opõe o concreto ao abstrato, o especificamente regional ao abstratamente universal (pp. 71 e ss.).

- Admiramos no franciscanismo, além de sua eterna mocidade de espírito, seu caráter socialmente democrático (...), sua identificação antes com a gente simples do que com a sofisticada, sua indiferença aos títulos e aos bens chamados do mundo, sua exaltação daquilo que no homem é autêntico e daquilo que na inteligência e no saber dos homens é genuíno (p. 35). Etc.

## **Bicho-papão**

Presente na BN desde meados do século XIX, esse antigo personagem da mitologia portuguesa, importado pela Colônia, é a personificação do medo. O medo que se inculca nas crianças para conseguir obediência (ou que adormecessem!?), pois o monstro sempre estaria à espreita e seu apetite seria atraído pela desobediência.

Para além dos sadismos de pervertidas pedagogias, o bicho-papão tornou-se metáfora muito usada, tanto para temores legítimos, como para os infundados. Especialmente se – como convém a um ente mitológico – evocar algo de mistério e imprevisibilidade. Assim, em competições de mata-mata, o timeco que vai eliminando – “comendo”, “papando” – os adversários poderosos, logo é chamado de “o bicho-papão da Copa do Brasil (fase eliminatória da Libertadores etc.)”.

É tipo também de temores descabidos, que não deveriam ser levados a sério. Assim, para os que consideram o “perigo vermelho” inexistente e que não passa de mera fobia fabricada por escusos interesses políticos, nosso papão comparece já no título do artigo do jornalista Josías de Souza: “Lula soa como bicho-papão para os 52% de brasileiros que temem o comunismo” (Portal UOL, 02-07-2023).

Surpreendentemente, já na segunda aparição na BN, em 1869 (a primeira dá-se em 1861) o personagem, menino Joanico, desdenha jocosamente do monstro, em diálogo com a mãe que o ameaça. A mãe quer proibir o menino de correr:

(...) Não corras meu filho, não corras na rua  
Que vem o papão  
Comendo meninos bonitos que correm  
E quem é chorão.



Mas o garoto alega que, precisamente necessita treinar (ensaiar) correr para poder escapar do monstro:

(Mamãe me) deixe ensaiar-me p'ra logo livrar-me  
Do bicho papão.  
("Diario de Belem" PA, 29-03-1869)

Na década de 1920, aparecem na BN as primeiras menções da tradicional canção de ninar da Cuca (êmulos do papão), em variadas versões:

Dorme Nenê,  
Sinão a cuca vem,  
Papae foi na roça,  
Mamãe logo vem  
("A Vida Moderna" SP, 15-06-1922)

Druma yoyosinho  
Que a cuca já i vem  
Papae foi na roça  
Mamãe logo vem  
("Ilustração Brasileira", janeiro 1927)

## **Cara de tacho e outras caras inexpressivas**

A antiga sabedoria afirma que a cara é o espelho da mente, do ânimo, da alma – *speculum mentis est facies*: diz S. Jerônimo (*Ad Furiam*, 13), ou na formulação de Cícero: *imago est animi vultus* (*Orator* XVIII, 60).

De fato, hábeis dissimulações à parte, a cara expressa a pessoa. Daí que se falamos em cabeças de gado, pés de alface, dentes de alho etc., o português do Brasil usa “cara” como genérico de alguém: “veio um cara aqui ontem procurando por você”. E quando algo é maximamente visível, dizemos que “está na cara”: “está na cara que as promessas de tal candidato são meramente eleitoreiras”. E quando dizemos que a primeira impressão é a que vale (ou, pelo menos, “vale” – Julián Marías) é sobretudo à cara que nos referimos: ao “ir com a cara”; ou no lamento do Quico do Chaves “Você não vai com a minha cara?”.

A cara reflete disposições passageiras, mas também duradouras. Neste último sentido, a língua tupi dispõe de um sugestivo vocábulo: *pukaguera*<sup>18</sup>. *Puka* é o rir e *guera* (que estudamos amplamente em nosso *Pequeno Dicionário Filosófico e Sociológico de Expressões Brasileiras*. São Paulo: Enguagaçu, 2023) é o sufixo que designa o resíduo que permanece após um ato. Assim, após décadas de bom humor e amor à vida, instala-se no rosto a *pukaguera*, a deliciosa marca da propensão ao riso, que está na cara, digamos, de um Martinho da Vila, de uma Hebe Camargo ou Neginho da Beija-Flor (mas não da, digamos, de um General Heleno...).

Porém, para além das marcas de uma vida, mais modestamente o rosto vai expressando as emoções transitórias do cotidiano e nesse âmbito, encontramos um fato surpreendente: a imensa desproporção de locuções para a inexpressividade da cara de quem – em determinada situação – ficou sem jeito, sem graça, encabulado ou aturdido.

**Cara de tacho.** Desde o fim do século 19 a expressão se emprega no sentido que lhe damos hoje, o de alteração facial “diante de fato inesperado e/ou desagradável” (Houaiss), “ficar” com cara de tacho: “Diante de todos, ela

---

<sup>18</sup>. Cf. F. Edelweiss. *Estudos Tupis e Guaranis*. Rio, Brasiliana, 1969: 258-259.

recusou-se a dançar com Jonas, que ficou com a maior cara de tacho”. Por primeira vez na BN nesse sentido atual, a expressão aparece no “Diario de Pernambuco” de 18 de abril de 1891. Um bisbilhoteiro faz mil perguntas indiscretas sobre o Senhor Conde a seu mordomo e tenta, em vão, suborná-lo e o criado relata o sucedido ao Conde: que ante sua recusa “o tal senhor ficou com uma cara de tacho”. Mas a formulação é muito antiga na BN, aparece por primeira vez em 1858 (“Correio Mercantil” RJ, 16-04-1858) e por décadas, essa cara é simplesmente “tida”: não se fica, mas se tem “cara de tacho”, significando **carão**, cara feia, “**cara dura**” ou “**cara de pau**” (que, na época, significava simplesmente a cara insípida, inexpressiva).

Na mesma linha do “tacho” dispomos também de “ficar com a **cara no chão**”, originalmente “cair a cara ao/no chão”, que indicava, sobretudo, vergonha alheia. A primeira aparição na BN é a de um missivista que protesta contra uma árvore que, na prática, interdita uma via, sem nada que o justifique:

Eis que se não quando dou com a tal arvore plantada no meio de uma rua na Cidade de S. Paulo, que na verdade fez-me cahir de vergonha a cara no chão.  
 (“O Farol Paulistano”, 15-04-1930)

“**Cara de bezerro desmamado**” (p. ex.: “O Malho” RJ, 2-12-1911) também indica embaraço e desapontamento.

O rosto inexpressivo (em inglês *poker face*) pode ser designado por “olhar de peixe morto” (na BN desde meados do século 19) ou “**cara de peixe morto**” (na BN desde meados do século 20); “**cara de esfinge**”, como no apelido de um personagem do filme mudo “Uma noite de apuros”: “mais

conhecido pela alcunha de “Cara de Esphinge”, devido à impenetrável expressão de sua *physionomia* (“A Scena Muda” RH, ed. 298, 1926); ou “**cara de múmia**” (combinando talvez com qualidades como palidez, velhice etc.), presente na BN desde o final do século 19. E também pelas mais recentes “**cara de paisagem**”, que surge na BN em Santos (“Jornal da Orla”, 25-10-1997); “**cara de alface**” (surge na BN no “Correio Braziliense”, 05-05-2014); “**cara de bunda**”, que teve de esperar “O Pasquim” para ter seu registro na imprensa (primeira aparição em 28-12-1979).

Se numericamente ocupam o primeiro lugar as locuções para o rosto inexpressivo, em segundo lugar, estão as que se referem ao ar aborrecido: para a cara fechada, cara amarrada, a *cara larga* do espanhol (que equivale ao nosso tupi jururu, *juru-ru*: cara comprida) e “cara de poucos amigos”, que era muito frequente e quase bicentenária na BN – aparece por primeira vez em “O Simplicio” (RJ, 31-10-1831). Outra expressão muito usada era a “cara de quem comeu e não gostou”, cuja primeira aparição na BN dá-se no “Almanak de Juiz de Fora” do ano 1891.

Curiosamente, não dispomos de locuções com “cara” para outras situações em que ela expressa estados de ânimo: de quem está feliz, enamorado, curioso etc. Isso fica por conta de outros elementos da face: ficar de “queixo caído”, “de olhos arregalados”, boquiaberto etc.

## **Catu tupi – catupiry, Botucatu etc.**

Bom, em tupi, é *catu*; belo, *poranga* (ou *porã*, em guarani). Duas palavras que para os brasileiros são familiares,

especialmente a última, pelos topônimos, como por exemplo, Botucatu (vento bom, bons ares); Ponta-Porã (híbrida: ponta bonita). E há, pelo menos, oito estados<sup>19</sup> com cidade chamada Itaporanga.

No tupi descrito por Couto Magalhães, há uma interessante peculiaridade, assim expressa por esse autor:

Em vez de dizerem *alguma coisa boa*, eles dizem *alguma coisa bonita (poranga)*. Bondade física para eles é o mesmo que boniteza e vice-versa. A palavra **catu, bom, exprime ou qualidades morais ou bondade que não se veja**, como a de uma planta eficaz para uma moléstia<sup>20</sup>. (grifo nosso)

E nesse ponto a língua indígena vem ao encontro da filosofia de S. Tomás.

O belo é um transcendental do ser, algo idêntico (na coisa) ao ente (e ao bem), e com ele conversível (I-II, 27, 1, ad 3), embora tenha uma razão de definição diferente: “O belo é idêntico ao bem, só dele difere pelo aspecto que enfatiza” (*ibid.*). E este algo, que o belo acrescenta ao bem, é uma certa relação com o conhecimento: neste ponto, S. Tomás faz notar (sempre atento à linguagem comum!) que dentre as coisas sensíveis, chamamos belo ao que vemos e ouvimos (um quadro belo, uma melodia bela), mas não aos aromas ou sabores. E conclui: “Chama-se bem ao que absolutamente (*simpliciter*) apraz ao apetite; belo àquilo cuja apreensão nos apraz” (*ibid. loc. cit.*).

---

<sup>19</sup>. BA, GO, MS, PB, SP, SE, MG, CE; ocorrendo por vezes as variantes: Itapurã ou Itapuranga.

<sup>20</sup>. *O Selvagem*, ed. fac-sim. Edusp-Itatiaia, 1976, p. 65-66.

Assim, *poranga* é o “bom” (real ou meramente aparente) claramente perceptível, que se vê; o “bom” de *catu* pode ser invisível. Neste, como em tantos outros fatos de linguagem, o tupi revela sua visão de mundo, tão marcada pela relação com a natureza. Na natureza, muitas vezes, o *poranga* coincide com o *catu* e o manifesta. Uma pessoa que vai escolher uma fruta, digamos, uma banana ou um mamão, sabe que o aspecto externo é indicativo da qualidade real e nutritiva da fruta: podemos presumir que uma banana *poranga* seja também uma banana *catu* e, reciprocamente, se sua casca estiver desfigurada e negra (banana não *poranga*) provavelmente causará algum dano à saúde (banana não *catu*).

Mas não nos iludamos: os bons ares de Votu-poranga, podem ser simplesmente ares agradáveis, “gostosos” (mas não necessariamente saudáveis). Já em Botu-catu, se a cidade faz jus ao nome, os ares são saudáveis, benéficos para a saúde, embora não necessariamente agradáveis. E a catuaba (“planta boa” – Houaiss) é de gosto estranho e amargo, mas produz diversos bons efeitos, alguns prodigiosos...; já a frutinha porangaba, tem uma aparência vistosa e apetitosa.

Não por acaso, com *poranga* temos inúmeros topônimos (como os nomes de municípios paulistas Echaporã, Indiaporã, Iporanga, Itaporanga, Mairiporã, Nuporanga etc.); diversos nomes de plantas etc.

E para *catu*, destaquemos o sugestivo nome do famoso requeijão Catupiry. Ao escolher esse nome, o fabricante quis afirmar a superior qualidade do produto: catupiry é o bom comparativo (melhor-*better*); melhor para a publicidade teria sido afirmar o bom *catu* absoluto: catureté (o melhor, *the best*).

## Charme, charmoso e charminho

A palavra francesa *charme*, a “graça sedutora própria de pessoa que agrada, cativa ou mesmo deslumbra” (Houaiss), conquistou o mundo todo e foi “naturalizada” por muitas línguas. No português, embora disponhamos de “encanto” (que etimologicamente coincide com “charme”, ambas remetem a fórmula de feitiço), o acolhimento da palavra francesa em textos em nosso vernáculo já ocorre com frequência desde o fim do século 19, inicialmente em itálico ou entre aspas para indicar que não pertencia a nosso léxico. É praticamente impossível datar com precisão, quando charme passa a ser considerada palavra naturalizada em nossa língua (mas isto ocorreu bem antes de 1975 – datação do Houaiss). Nesse sentido, uma pesquisa interessante revela o uso dessa palavra na revista carioca “Fon-Fon” ao longo do ano de 1930: das seis ocorrências, três já são sem aspas ou itálico (que ocorrem em todas as sete aparições na revista no ano anterior).

“Charmosa/o” começa a aparecer na BN em 1953 (e desde então é muito frequente na imprensa) em um muito apropriado comentário sobre a divina Elizeth Cardoso:

Hoje deram a Elizette – uma mulher bonita, charmosa e elegante – e à sua voz o lugar que merecem.

(“Flan” RJ, 12-07-1953)

Já “charminho” surge na BN em 1960 e, como tantos neologismos, em Coluna Social. A colunista, ao cobrir uma reunião de socialites, vai elogiando a beleza de uma, o glamour de outra etc. e “o charminho de Teresa Mello”

(“Correio Paulistano, 05-10-1968). Não se trata ainda de “fazer charminho”, mas simplesmente de diminutivo afetivo. Esse sentido “de chamar a atenção” e “simular desinteresse” não demorará a aparecer, como na canção “Nenem, corta essa”, gravada por Erasmo Carlos em 1968:

Se quer dançar pode ir bem direitinho  
só não pode é ficar fazendo charminho.

Uma nota final: os neologismos/importações são frequentemente tomados de línguas (e nações) que têm a cara da realidade que a palavra expressa: “charme” tinha que ser francês (e não, digamos, alemão); know-how (americano/inglês); guerrilha (*guerrilla*: espanhol/latino-americano); salamaleque (*salam ‘alaik*), da cerimôniosidade do cumprimentar árabe; os tipos de massa (*pasta*) e andamentos musicais (*allegro*, *vivace* etc.), do italiano etc.

## **Clássico é clássico... – provérbios do futebol**

A imensa experiência acumulada pelos milhões de brasileiros que, ao longo de toda sua vida, acompanham de muito perto o futebol, acaba gerando um rico adagiário, um tesouro de máximas e provérbios (e chavões...) que permitem a melhor leitura da dinâmica desse esporte.

Nesse sentido, uma das sentenças mais clássicas é “em time que está ganhando não se mexe”, que aparece na BN já em 1954, como “Não se altera um time que está



ganhando” (“Gazeta de Notícias” RJ, 19-03-1954) e que em 1971 recebe na imprensa a formulação atual (“Diário da Noite” SP, 15-06-1971). Nesse mesmo ano, surge na BN a máxima “Empate fora de casa é vitória”, proferida por Oto Glória, então técnico do Grêmio (“Jornal dos Sports” RJ, 03-10-1971). Outro provérbio com autor é “Jogo é jogo, treino é treino”, sentença do lendário Didi, eleito pela Fifa o melhor jogador da Copa de 1958, e que já aparece na BN em 1963 (“Jornal dos Sports” RJ, 10-07-1963).

Já a famosíssima “Quem não faz toma” vem na BN com datação e até autoria. Pelo campeonato carioca de 1966, o Bonsucesso acabou vencendo por 2 a 0 o América, após este ter desperdiçado uma infinidade de oportunidades de gol. O jogo foi marcado também por ocorrências médicas de gravidade, causadas pelo excessivo calor. Entre os médicos que deram seus pareceres profissionais sobre o caso, um deles estendeu seus comentários ao próprio jogo e introduziu a expressão na BN, ganhando até um título para seu comentário:

**Quem não faz...**

Quem não faz, toma. Com estas palavras o médico Ica definiu o que havia acontecido na partida com o Bonsucesso.

Wilson Santos concordava também com Ica, dizendo que no futebol são muitos os casos iguais ao do jogo de ontem (...). Para Wilson, o América poderia ter vencido no primeiro tempo e poderia se dar ao luxo de descansar no segundo. Não fez os gols quando os teve aos montes e, quando quis fazê-los, era tarde.  
 (“Jornal dos Sports” RJ, 05-12-1966)

Outra “lei” do futebol refere-se à imprevisibilidade de resultado de um clássico. O time A pode estar disparado na liderança do campeonato e o B na absoluta lanterna: se é clássico qualquer resultado pode ocorrer. É o que expressa categoricamente a sabedoria anônima da lei, surgida na BN em 23 de novembro de 1997, no “Jornal do Brasil”: “Clássico é clássico. E vice-versa”.

### **Dar a mão à palmatória, braço a torcer etc.**

Admitir o erro não é tarefa fácil e na linguagem figurada é mesmo comparado a formas de tortura: a palmatória e a torção do braço (“tortura” é etimologicamente ação de torcer, na qual a vítima se contorce, se retorçe).

As duas expressões são muito antigas e aparecem por primeira vez na BN na década de 1820:

naquelles que por uma conducta inconsiderada,  
se querem constituir innocentes a todo custo,  
em vez de dar a mão à palmatoria, e recolher-se  
aos bastidores da contrição...  
(“A Malagueta” RJ, 24-04-1822).

E falando da possível repercussão internacional da corrupção, diz também “A Malagueta” em 27-03-1829:

Seria desairoso dar o nosso braço a torcer sobre  
taes objectos!

Dada a dificuldade da contrição, as expressões, via de regra, são usadas na forma negativa: o impenitente “não dar...”, não querer dar...” a mão (/ o braço) para o devido castigo. Um texto de 1839, afirma mesmo que o refrão é “não dar o seu braço a torcer” (“O Universal” MG, 03-10-1839).

A propósito da contrição, uma curiosidade “arqueológica”. O espírito lúdico brasileiro conseguiu uma genial “tradução” do mais famoso versículo bíblico sobre a misericórdia de Deus para com o penitente: “Cor contritum et humiliatum Deus nos despicias” (Sl 50, 19, *Vulgata*): “Couro curtido e molhado nem Deus espicha”. Na verdade o salmo diz que Deus não despreza um coração contrito e humilhado. Sobre a tradução “criativa”, duas curiosidades: 1) há hoje diversos sites da Internet que citam o provérbio do “couro curtido” sem suspeitar de sua ligação com o salmo e 2) a brincadeira com o latim é muito antiga: ela aparece na BN já no “Vassourense” de 14-03-1886!

Os castigos não eram aplicados somente aos escravizados, mas também durante muito tempo nas escolas. Como diz Gilberto Freyre:

Houve verdadeira volúpia em humilhar a criança; em dar bolo [dolorosos golpes na palma da mão] em menino. [...] Ao vadio, punha de braços abertos; ao que fosse surpreendido dando uma risada alta, humilhava com um chapéu de palhaço na cabeça para servir de mangação à escola inteira; a um terceiro, botava de joelhos sobre grãos de milho. Isto sem falarmos da palmatória e da vara – esta, muitas vezes com um espinho ou um alfinete na ponta, permitindo ao professor furar de longe a barriga da perna do aluno. O aluno que não soubesse a lição de português,

que desse uma silabada em latim, que borrarasse uma página do caderno – quase um missal – de caligrafia, arriscava-se a castigo tremendo da parte do padre-mestre, do mestre-régio, do diretor do colégio - de um desses terríveis Quibungos de sobrecasaca ou de batina. [...] Um errinho, qualquer - e eram bordoadas nos dedos, beliscões pelo corpo, puxavante de orelha, um horror. Os rapazes de letra bonita que o visconde de Cabo Frio sempre preferiu, para secretários de legações, aos de letra de médico, foram educados por esses mestres terríveis que fizeram do ensino da caligrafia um rito; alguma coisa de religioso e de sagrado<sup>21</sup>.

Quanto ao puxão de orelha (na BN desde 1860), metáfora de castigo/repreensão para corrigir alguém, se hoje é usado muito mais no sentido figurado, nas escolas (e lares...) de antigamente era literal... Falando de diversas torturas sádicas do tempo da escravidão, um conto publicado em “O Jornal” (RJ, 19-09-1920) entre outros castigos, diz:

Puxões de orelha: o torcido, de despejar a concha (bom, bom, bom, gostoso de dar!) e o a duas mãos, o sacudido...

Em nosso tempo de radicalismos, polarizações e fanatismos, compreendemos melhor a comparação com duros sofrimentos para a dificuldade de reconhecer os erros, mudar de opinião e converter-se.

---

<sup>21</sup>. *Casa Grande & Senzala*. 51ª. ed. São Paulo: Global, 2006, p. 507-508.

## De fechar o comércio

O comerciante, de qualquer ramo, o que quer é estar sempre de portas abertas: “fechar o comércio” só se dá por limitações legais, como a do descanso semanal, por ameaças de roubo ou agressão (como no caso da Cracolândia de São Paulo ou por ordem dos Comandos do crime organizado), ou por previsão de grandes aglomerações, não necessariamente violentas, mas com potencial de risco para as lojas...

Este último caso foi expresso pelo jornal carioca “Diário de Notícias” de 26 de novembro de 1938 (jocosamente acrescentando outros impedimentos e com o acentuado preconceito racial da época):

No Brasil, o Leonidas [craque da seleção: o “Diamante Negro”] interrompe todo o tráfego da cidade, obriga a fechar o comércio, paralisa a administração pública e, apesar de sua escura pigmentação epidérmica, ganha beijócas sensacionais de moças brancas e elegantes, só porque deu uns ponta-pés espetaculares.

Claro que não demorou a passagem do sentido literal para o potencial “de fechar o comércio” de mulheres “boazudas”. Assim, nas fofocas da “Revista do Rádio” (RJ, 22-07-1952), Neyde Fraga interpela seu namorado Randal Juliano, por ter cortejado a Rainha do Mi-Carême, em sua coroação. Randal se defende:

– Mas, minha filha, você sabe que não havia a mínima intenção no que fiz... – responde Randal, talvez com um pouco de sentimento de

culpa, por ter dançado com uma loura dessas de fechar o comércio...

Cabe ainda, um intensivo:

Me viro e vejo um mulherão de fechar farmácia  
me acenando  
(“Última Hora” RJ, 05-01-1962)

## **Desde que me conheço por gente**

Antes de mais nada, observemos que a palavra “gente” em nosso português tem uma insuspeitada multiplicidade de sentidos, configurados sutilmente por nuances de contexto.

A aproximação pessoal – tão importante para o brasileiro – alcança também nossos usos da palavra “gente”. Na Espanha, *la gente* indica a pluralidade genérica. Para o brasileiro, esse uso – como no *Hino da Independência* (“Brava gente brasileira...”) e em Camões (“A grita se alevanta ao céu, da gente”) – dá lugar a outro, carregado de sentido pessoal, como no vocativo que evoca incredulidade ante a falta de virtude humana, de sensibilidade do coração: “Gente! Que crueldade fizeram com a criança!”. Aqui ainda cabe o recurso ao transcendente, para corroborar o espanto: “Gente do céu!”.

A pluralidade anônima de *la gente* é pessoalizada em “minha gente”. “Gente” pode ocupar o lugar dos pronomes de primeira pessoa “eu” (“Por mais que a gente se esforce – diz o motorista da madame –, a patroa nunca para de

reclamar”), “nós outros” (“Por que vocês não vêm jantar com a gente?”) e “nós todos” (“Bem que a gente podia se reunir mais”).

“Gente” também pode acentuar a descomplicação e a leveza no trato, como nas expressões “ele é muito gente”, “muito boa gente” ou “gente como a gente”. Assim, por exemplo, de Emerson Fittipaldi, disse Roberto Carlos:

Acho o Emerson espetacular. Mas o que mais aprecio é sua simplicidade. Ele é muito gente.  
(revista “O Cruzeiro” RJ, 09-05-1973)

E o mesmo Roberto cantava (“Se você pensa”) em 1968: “Você tem de aprender a ser gente e seu orgulho não vale nada, nada!”.

Das dezenas de personagens de Chico Anísio, diz a mesma revista “O Cruzeiro” (15-06-1968):

Todos eles estão presentes nas ruas, onde os encontramos a cada instante, gente como a gente, como o vizinho do lado.

“Gente” são as pessoas comuns, com suas fraquezas e problemas, como no “Poema em linha recta” de Álvaro de Campos (/Fernando Pessoa):

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana  
Que confessasse não um pecado, mas uma  
infâmia;  
Que contasse, não uma violência, mas uma  
cobardia!  
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.

Quem há neste largo mundo que me confesse  
que uma vez foi vil?  
Ó príncipes, meus irmãos,  
Arre, estou farto de semideuses!  
Onde é que há gente no mundo?  
Então sou só eu que é vil e erróneo nesta terra?

Há uma expressão, porém, em que com “gente” se acentua o lado racional do ser humano: “desde que me conheço por gente”, isto é, desde que tenho uso da razão. Essa fórmula é mais do que sesquicentenária na BN. Esta é sua primeira aparição:

“Nem todas as verdades se dizem” é um adágio que ouço desde que me conheço por gente.  
 (“Tribuna Militar” RJ, 15-12-1881)

## ***Deus Ludens, o lúdico e Deus que cria brincando***

“Com Deus não se brinca” é formulação proverbial, frequente também na BN desde sua primeira aparição em 12-12-1854 (no “Jornal do Commercio” do Rio de Janeiro). É advertência séria, que traduz a sentença de Paulo em Gálatas 6, 7, que na Vulgata (padrão naquela época) tem como original: “*Deus non inridetur*”. Trata-se aqui do “brincar” em seus sentidos de alerta contra leviandade, imprudência ou não dar a devida importância a algo, como quando se diz: “não brinque com fogo!” ou “brincou no volante e acabou mal” ou “aqui não é lugar de brincar, vamos trabalhar”, “olhe como



“você fala: não brinque comigo” etc. Na verdade, a melhor tradução do versículo paulino teria sido: “de Deus não se zomba”, o que também contribuiria para deixar intacto o brincar (o genuíno) como importante categoria teológica e evitar o estereótipo de um Deus severo, rígido e rigoroso. Afinal, a Bíblia diz da Sabedoria de Deus, que está: “brincando diante dEle o tempo todo, brincando no orbe da terra, e as minhas delícias são estar com os filhos dos homens” (*Provérbios* 8:30-31).

Neste verbete examinaremos o brincar de Deus em Tomás de Aquino, o último grande mestre de um cristianismo ainda não dividido.

Deus brinca. Deus cria brincando. E o homem deve brincar para levar uma vida humana, como também é no brincar que encontra a razão mais profunda do mistério da realidade, que é porque é “brincada” por Deus. Bastaria enunciar essas teses – como veremos, fundamentalíssimas na filosofia do principal pensador medieval, Tomás de Aquino (1225-1274) – para reparar imediatamente que, entre os diferentes preconceitos que ainda há contra a Idade Média, um dos mais injustos é aquele que a concebe como uma época que teria ignorado (ou mesmo combatido) o riso e o brincar.

Naturalmente, não se trata só de Tomás de Aquino. A verdade é que o “homem da época” é muito sensível ao lúdico, convive com o riso e cultiva a piada e o brincar<sup>22</sup>. Tomás, por sua vez, situa o lúdico nos próprios fundamentos da realidade e no ato criador da sabedoria divina.

O *ludus* de que Tomás trata na *Suma teológica* e no *Comentário à Ética de Aristóteles* é sobretudo o brincar do

---

<sup>22</sup>. Um estudo completo sobre o tema deste verbete encontra-se no capítulo “*Deus Ludens*”, em meu livro *Ensaio*. São Paulo: Enguaguaçu, 2022.

adulto (embora se aplique também ao brincar das crianças). É uma virtude moral que leva a ter graça, bom humor, jovialidade e leveza no falar e no agir, a fim de tornar o convívio humano descontraído, acolhedor, divertido e agradável (ainda que possam se incluir nesse conceito de brincar também as brincadeiras propriamente ditas). Ao falarmos do lúdico, note-se que nos escritos de Tomás *ludus* e *jocus* são praticamente palavras sinônimas<sup>23</sup>.

O papel que o lúdico adquire na ética de Tomás decorre de sua própria concepção de moral: a moral é o ser do homem, doutrina sobre o que o homem é e está chamado a ser. A moral é um processo de autorrealização do homem, um processo levado a cabo livre e responsavelmente e que incide sobre o nível mais fundamental, o do ser homem: “Quando, porém, se trata da moral, a ação humana é vista como afetando não a um aspecto particular, mas à totalidade do ser do homem (...). Ela diz respeito ao que se é enquanto homem” (*Suma teológica* I-II, 21, 2, objeção 2).

Assim entendida, a moral pressupõe o conhecimento sobre a natureza humana (e, em última instância, sobre Deus, como seu autor). A forma imperativa dos mandamentos (“Farás x”, “Não farás y”), na verdade, expressa enunciados sobre a natureza humana: “O homem é um ser tal que sua realização requer x e é incompatível com y”. Como diz Tomás, numa sentença só à primeira vista surpreendente: “As virtudes nos aperfeiçoam para que possamos seguir devidamente nossas inclinações naturais” (*Suma teológica* II-II, 108, 2).

---

<sup>23</sup> Em latim, a palavra *iocus* tende a ser mais empregada para brincadeiras verbais, como piadas e enigmas. Já *ludus* se refere mais ao brincar não verbal, por ação. No entanto, no século XIII, *iocus* e *ludus* empregam-se frequentemente como sinônimas.

Na *Suma teológica*, Tomás, sem a preocupação de glosar, trata do brincar mais livremente do que o faz no *Comentário à Ética de Aristóteles*. Na questão 168 da *Suma*, ele expõe a afirmação central da valorização do brincar: “O brincar é necessário para uma vida humana” (*Suma teológica* II-II, 168, 3, objeção 3). A razão dessa afirmação (como sempre, o ser do homem), nós a encontraremos desenvolvida no artigo 2 da mesma questão 168. Ali, Tomás afirma que, assim como o homem precisa de repouso corporal para se restabelecer – pois, sendo suas forças físicas limitadas, não pode trabalhar continuamente –, assim também precisa de repouso para a alma, o que é proporcionado pela brincadeira.

Essa “re-criação” pelo brincar – e a afirmação de Tomás (ainda na questão 168) pode parecer surpreendente à primeira vista – é tanto mais necessária para o intelectual e para o contemplativo, que são os que, por assim dizer, mais “desgastam” as forças da alma, arrancando-a do sensível. E, “sendo os bens sensíveis conaturais ao homem”, as atividades racionais mais requerem o brincar.

Daí decorrem importantes consequências para a filosofia da educação. O ensino não pode ser aborrecido e enfadonho: o *fastidium* é um grave obstáculo para a aprendizagem (*Suma teológica*, prólogo). Em outro lugar da *Suma teológica*, Tomás – jogando com as palavras – analisa um interessante efeito da alegria e do prazer (*delectatio*) na atividade humana, efeito que ele chama metaforicamente de dilatação (*dilatatio*), capaz de ampliar a capacidade de aprender tanto em sua dimensão intelectual quanto na da vontade (o que designaríamos hoje por motivação). A “deleitação” (*delectatio/dilatatio*) produz uma dilatação essencial para a aprendizagem (*Suma teológica* I-II, 33, objeção 1). E, reciprocamente, a tristeza e o fastio produzem um estreitamento, um bloqueio ou, para usar a metáfora de

Tomás, um peso (*aggravatio animi*) também para a aprendizagem (*Suma teológica* I-II, 37, 2, objeção 2). Por isso, Tomás recomenda o uso didático de brincadeiras e piadas, para descanso dos ouvintes ou alunos (*Suma teológica* II-II, 168, 2, objeção 1).

Não é de estranhar, portanto, que, tratando do relacionamento humano, Tomás chegue a afirmar – com um realismo prosaico – a necessidade ética de um trato divertido e agradável, baseada no fato (empírico) tão simples de que “ninguém aguenta um dia sequer com uma pessoa aborrecida e desagradável” (*Suma teológica* II-II, 114, 2, objeção 1).

Daí que exista uma virtude do brincar. E há também vícios por excesso e por falta: as brincadeiras ofensivas e inadequadas, por um lado, e, por outro, a dureza e a incapacidade de brincar (também um pecado).

Basicamente as mesmas teses da *Suma* reaparecem no comentário de Tomás aos pontos da *Ética a Nicômaco* que Aristóteles dedica à virtude do brincar.

O lúdico, tão necessário para a vida e para a convivência humana, adquire na teologia de Tomás, um significado antropológico ainda mais profundo. Ele se baseia especialmente em duas sentenças bíblicas, que, na tradução de que dispunha, têm as seguintes formulações:

Com Ele estava eu, compondo tudo, e eu me deleitava em cada um dos dias, brincando diante dele o tempo todo, brincando no orbe da terra, e as minhas delícias são estar com os filhos dos homens. (*Provérbios* 8:30-31)

Corre para tua casa, e lá recolhe-te e brinca e realiza tuas concepções. (*Eclesiástico* 32:15-16)

Para Tomás, o brincar é coisa séria. Para ele, é o próprio *Logos*, o *Verbum*, o Filho, a Inteligência Criadora de Deus quem profere as palavras de *Provérbios*: “A própria Sabedoria fala em *Provérbios* 8:30: ‘Com Ele estava eu etc.’. E esse atributo encontra-se especialmente no Filho, enquanto imagem de Deus invisível e por cuja Forma tudo foi formado (...), pois, como diz *João* 1:3, ‘Tudo foi criado por Ele’” (*Comentário às Sentenças I*).

Nesses versículos encontram-se os fundamentos da Criação divina e da possibilidade de conhecimento humano da realidade. Antes de mais nada, Tomás sabe que não é por acaso que o *Evangelho de João* emprega o vocábulo grego *Logos* (razão) para designar a segunda pessoa da Santíssima Trindade: o *Logos* é não só imagem do Pai, mas também princípio da Criação, que é, portanto, obra inteligente de Deus, “estruturação por dentro”, projeto, *design* das formas da realidade, feito por Deus por meio de seu Verbo, o *Logos*.

Assim, para Tomás, a Criação é também um “falar” de Deus, do *Verbum* (razão, razão materializada em palavra). As coisas criadas são porque são pensadas e “proferidas” por Deus, e por isso são cognoscíveis pela inteligência humana. Nesse sentido, encontramos aquela feliz formulação do teólogo alemão Romano Guardini (1885-1968), que afirma o “caráter de palavra” (*Wortcharakter*) de todas as coisas criadas. Ou, em sentença quase poética de Tomás, “as criaturas são palavras”. “Assim como a palavra audível manifesta a palavra interior, assim também a criatura manifesta a concepção divina (...); as criaturas são como palavras que manifestam o Verbo de Deus.” (*Comentário às Sentenças I*, 27, 2, 2 objeção 3)

Esse entender a Criação como pensamento de Deus, como “fala” de Deus, foi muito bem expresso em uma aguda sentença de Sartre (ainda que para negá-la): “Não há natureza

humana porque não há Deus para a conceber”<sup>24</sup>. E, como vimos, essa mesma palavra – *conceptio* – é essencial na interpretação de Tomás.

Como num brinquedo ou jogo, o *Verbum* compõe (*componens*) a articulação intelectual das diversas partes e diversos momentos da Criação. Pois o ato criador de Deus não é um mero “dar o ser”, mas um “dar o ser” que é *design*, projeto intelectual do Verbo<sup>25</sup>: “Qualquer criatura, por ter uma certa forma e espécie, representa o Verbo, porque a obra procede da *concepção* de quem a projetou” (*Suma teológica* I, 45,8).

A Criação, como “brinquedo de composição”, liga-se também ao modo como Tomás – seguindo uma tradição patrística – encara as três obras dos seis dias: Criação (*opus creatus*, no primeiro dia), distinção (*opus distinctionis*, no segundo e no terceiro dia) e ornamento (*opus ornatus*, quarto, quinto e sexto dia). Para ele, seguindo Agostinho, as três obras do relato dos seis dias, registrado no início da *Bíblia*, são obra do Verbo.

Tomás – como, aliás, toda a tradição medieval – tem um extraordinário desembaraço em interpretar a *Bíblia*. As palavras com que se abrem os livros sagrados, “No princípio”, são entendidas por ele pessoalmente, na pessoa do Verbo, e não adverbialmente, “No começo”.

Essa atitude dá-lhe, como veremos, inesperadas possibilidades exegéticas. Começemos, seguindo sua análise no livro I do *Comentário às Sentenças*, do já citado versículo de *Provérbios* 8:30-31: “Com Ele estava eu, compondo tudo, e eu me deleitava em cada um dos dias, brincando diante dele

---

<sup>24</sup> Sartre, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*, em *Os Pensadores* (volume XLV). São Paulo, Abril, 1973, página 11.

<sup>25</sup> “Deus Pai opera a Criação pelo seu Verbo” (*Suma teológica* I, 45, 6).

o tempo todo, brincando no orbe da terra, e as minhas delícias são estar com os filhos dos homens”.

“Com Ele estava eu, compondo tudo”: o Verbo estava junto ao Pai. Em outra obra (*Comentário ao Evangelho de João* I, 2), Tomás explica que essa frase significa que o Verbo estava com Ele (Deus Pai) como princípio da Criação.

“Eu me deleitava” (*delectabar*), compartilhando a glória do Pai<sup>26</sup>.

“Brincando” (*ludens*): a sabedoria de Deus cria brincando, pois é próprio da sabedoria, o ócio da contemplação, tal como se dá nas atividades do brincar, que não se buscam por um fim que lhes é extrínseco, mas pelo prazer que dão por si mesmas (*Comentário às Sentenças* I, 2, 1, 5).

“Em cada um dos dias” (*per singulos dies*): é precisamente quando comenta essa expressão que o pensamento de Tomás atinge sua máxima profundidade. “Dia” tem dois significados: 1) a diversidade da obra do Verbo, conhecimento criador, que opera algo novo em cada um dos dias da Criação; e 2) o dia como luz, luz conhecedora, inscrita na criatura, que “repassa” sua luminosidade para o conhecimento do homem. Quanto a este último sentido, lemos no *Comentário a 1ª Timóteo*: “Tudo o que é conhecido chama-se luz. Mas qualquer ente é conhecido por seu ato, sua forma: daí que o que o ente tem de ato tem de luz (...) e o que tem de ser, tem de luz”.

Juntando os dois significados de “dia”, Tomás diz que o Verbo fala “em cada um dos dias” por causa de suas diversas ações na obra dos seis dias: a concepção das diversas

---

<sup>26</sup> “*Delectabar, consors paternae gloriae*” (*Comentário às Sentenças* I, 2, 1, 5).

“razões” das criaturas, que de per si, são trevas, mas em Deus são luz (*Comentário às Sentenças I, 2, 1, 5*).

Essa luz do *design* do Verbo embutida no ser da criatura (ou melhor, que é o próprio ser da criatura) é, como dizíamos, o que a torna cognoscível para o intelecto humano. Assim, não é descabido que a inteligência humana tente captar também o senso lúdico do *Verbum*. Na *Suma teológica*, numa passagem já citada (I, 70), Tomás vai associando a obra de ornamentação aos elementos mencionados na Criação: no quarto dia são produzidas as luminárias, ornamento do céu; no quinto, as aves e os peixes, que ornamentam o ar e a água; e, no sexto dia, os animais, para a terra.

Se bem que o pecado do homem afetou a criação irracional, aventuremo-nos, neste breve parêntese, a adivinhar o senso lúdico na criação dos animais, que ornamentam a terra. É o que faz Guimarães Rosa em uma enigmática sentença sobre sua visita ao zoológico<sup>27</sup>. Após contemplar toda a cômica variedade de espécies (“O cômico no avestruz: tão cavalhar e incozinhável”; “O macaco: homem desregulado. O homem: vice-versa; ou idem”; “O dromedário apesar-de. O camelo além-de. A girafa, sobretudo”), o escritor desfere a “adivinha”: “O macaco está para o homem assim como o homem está para x”. Ao que poderíamos ajuntar: o homem está para x assim como x para y.

Se no *Comentário às Sentenças*, Tomás fala do *Deus ludens*, comentando passo a passo *Provérbios* 8:30-31, no *Comentário ao De hebdomadibus* de Boécio ele apresenta uma interpretação mais sugestiva do mesmo tema, desta vez aplicada ao homem e a propósito de *Eclesiástico* 32:15-16, que é posto precisamente como epígrafe de seu livro e objeto

---

<sup>27</sup> *Ave Palavra*, José Olympio, 1978, página 94 e seguintes.



de todo o Prólogo. Tomás interpretará de modo originalíssimo, a expressão “Brinca e realiza as tuas concepções”, com aquele sem-cerimonioso modo medieval, a que já aludimos, de interpretar não literalmente a *Bíblia*.

Aparentemente, esse versículo é um conselho moral bíblico a mais (assim o entende Agostinho<sup>28</sup>), um conselho secundário, que passou quase inteiramente despercebido aos autores anteriores ao Aquinate (e também aos posteriores). Um conselho que a *Bíblia de Jerusalém* traduz pela anódina fórmula “Corre para casa e não vagueies. Lá diverte-te, faze o que te aprouver, mas não peques falando com insolência”.

Tomás, porém, vê nesse versículo um convite ao homem a exercer seu conhecimento, seguindo, a seu modo, os padrões lúdicos de Deus. Seu Prólogo fundamenta todo um programa pedagógico, que aponta para o fim por excelência da educação: a *contemplatio* (palavra que, como se sabe, traduz o termo grego *theoría*).

Acompanhemos Tomás no Prólogo do *Comentário ao De hebdomadibus*, desde a epígrafe: “Corre para tua casa, e lá recolhe-te, brinca e age tuas concepções” (*Eclesiástico* 32:15). Tomás começa dizendo que a aplicação à sabedoria tem o privilégio da autossuficiência: ao contrário das obras exteriores, não depende senão de si mesma. Tudo que o homem necessita para aplicar-se à sabedoria, é recolher-se em si mesmo. Daí que o Sábio, o autor do *Eclesiástico*, diga: “Corre para tua casa”. Trata-se de um convite à fecundidade da solidão e do silêncio, ao recolhimento, a entrar em si mesmo, solicitamente (daí o “corre”), e afastando toda a distração e os cuidados alheios à sabedoria.

“Recolhe-te” (*advocare*): com essa palavra, Tomás quer reforçar – como em tantas outras passagens em que

---

<sup>28</sup> *Speculum* 23.

emprega esse vocábulo<sup>29</sup> – o recolhimento de quem foi chamado para outra parte, para a serena concentração, que se abre à contemplação intelectual da realidade, da maravilha da Criação.

“Brinca”: além das duas razões que aponta no *Comentário às Sentenças* – o brincar é deleitável e as ações do brincar não se dirigem a um fim extrínseco – aqui, Tomás acrescenta que no brincar, há puro prazer, sem mistura de dor, daí a comparação com a felicidade de Deus<sup>30</sup>. E é por isso que, juntando as duas passagens-chave, enfatiza que *Provérbios* 8 afirma: “Eu me deleitava em cada um dos dias, brincando diante dEle o tempo todo”.

A conclusão de Tomás é de uma densidade insuperável. “A divina sabedoria fala em ‘diversos dias’, indicando as considerações das diversas verdades. E por isso, ajunta: ‘Realiza as tuas concepções’, concepções pelas quais o homem acolhe a verdade”. Infelizmente, Tomás não diz como concebe essa imitação do *Logos* divino pela inteligência humana.

Tomás não diz como se dá esse *lude et age conceptiones tuas* (“brinca e realiza tuas descobertas”). Seja como for, trata-se de um convite ao homem, com sua limitada inteligência, a entrar no jogo do *Verbum*<sup>31</sup>, a descobrir suas

---

<sup>29</sup> Por exemplo, na *Suma teológica* (II-II, 175, 4), Tomás diz que, para conhecer as coisas altíssimas de Deus, é necessário que “que toda intenção da mente nelas se concentre”.

<sup>30</sup> Deus é feliz e suas delícias são estar com os filhos dos homens. Isso impede qualquer interpretação do brincar de Deus na Criação como uma piada de mau gosto, no sentido de Macbeth (ato V): “A vida é um conto dito por um idiota, cheio de som e fúria, não significando nada”. Num outro comentário a *Provérbios* 8:30-31, Tomás diz que Deus ama as criaturas, especialmente o homem, a quem comunica o ser e a graça, para fazê-lo partícipe de sua felicidade (*Comentário ao Evangelho de João* 15, 2).

<sup>31</sup> *Verbum* é vocábulo para “significar o processo intelectual de concepção”, afirma Tomás na *Suma teológica* (I, 37, 1).

peças, seu sentido, a “lógica lúdica” do *Logos ludens*. Certamente, trata-se da contemplação da sabedoria (o que inclui a contemplação “terrena”, da maravilha da Criação), mas nada impede que estendamos esse convite a outros campos. Num tempo como o nosso, em que alguns anteveem o fim da sociedade do trabalho, o fim da burocracia, o fim da racionalidade sem imaginação, Domenico de Masi, o profeta da sociedade do lazer (não por acaso napolitano; Tomás também era da região de Nápoles), nos vem anunciar “a importância do espírito lúdico, sem o qual não se constrói a ciência”<sup>32</sup>.

Afirmar o *Logos ludens* é afirmar a *contemplatio* – os deleites do conhecimento que tem um fim em si –, a contemplação que é formalmente fim da educação proposta por Tomás. Mas o reconhecimento do *Logos ludens* traz consigo também o sentido do mistério; mistério que se dá não por falta, mas por excesso de luz. A Criação é excesso de luz e nunca pode ser plenamente compreendida pelo homem, daí que a busca da verdade – que Tomás, em famosa questão no *Quodlibet*, afirma ser a mais veemente força no homem – conviva com a despretensão de compreender cabalmente sequer a essência de uma mosca, como o Aquinate afirma no começo do *Comentário ao Credo*. Isto é, o brincar do homem que busca o conhecimento, deve significar também o reconhecimento desta nota essencial na visão de mundo de Tomás: o mistério.

Nesse sentido, Adélia Prado, que melhor do que ninguém *sabe* de Criação, reafirma a ligação do lúdico com o mistério em diversas de suas poesias. Uma delas é *Cartonagem*:

---

<sup>32</sup> Domenico de Masi, em entrevista no programa *Roda Viva*, da TV Cultura, em janeiro de 1999, citado por Gilberto de Mello Kujawski, “A sociedade do lazer e seu profeta” (*O Estado de S. Paulo*, 25/2/1999, página 2).

A prima hábil, com tesoura e papel, pariu a  
mágica:  
emendadas, brincando de roda, “as neguinhas  
da Guiné”.  
Minha alma, do sortilégio do brinquedo,  
garimpou:  
eu podia viver sem nenhum susto.  
A vida se confirmava em seu mistério.<sup>33</sup>

A partir da estrutura dual de um *Logos ludens*,  
compreende-se a dualidade fundamental do conhecimento  
humano. Conhecemos, mas no claro-escuro do mistério,  
particularmente no que se refere ao alcance do pensamento  
humano em relação aos arcanos de Deus: nEle, não há uma  
liberdade compatível com a contradição de um Ockham –  
personagem referencial de frei Guilherme de Baskerville, o  
herói de *O nome da rosa*, de Umberto Eco – nem tampouco  
as férreas *rationes necessariae* de um Anselmo de  
Canterbury.

À rosa da qual nada resta a não ser o nome (“*stat rosa  
pristina nomine*”) e a um Deus que é um sonoro nada (“*Gott  
ist ein lautes Nichts*”) – sentenças com que se fecha o  
romance de Eco – contrapõem-se a rosa de Tomás e a de  
Julieta, que, também ela, fala do nome da rosa:

O que está num nome? Isso que nós chamamos  
uma rosa  
Por qualquer outro nome tão doce aroma  
exalaria<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> Adélia Prado, *Poesia Reunida*, Siciliano, 1991, página 111.

<sup>34</sup> William Shakespeare, *Romeu e Julieta*, ato II (*What's in a name? That  
which we call a rose/ By any other name would smell as sweet*).

Se a rosa tivesse outro nome, deixaria de ser aquilo que é? Deixaria de ser luz e fonte de luz, do *Verbum ludens* de Deus? (Tomás de Aquino, *Comentário ao Evangelho de João* 1, 4).

## **(Um) Deus nos acuda**

É interessante notar que já a primeira aparição dessa expressão (antiquíssima) na BN dá-se não na forma originária de um pedido de socorro ao Altíssimo, mas como locução substantiva, “um deus nos acuda”, designando tumulto, confusão, desordem... Ela aparece já há 200 anos:

A tal sucia foi hum Deos nos acuda. No Ministerio viamos homens abalisados, antes, e depois da confuzão das Lingoas na Torre Brasilica (...).  
 (“Imperio do Brasil” RJ, 03-01-1825)

Ao longo das décadas, a prevalência do uso como locução substantiva é crescente e chega a tornar-se quase exclusivo.

## **Ei, juiz, vai...**

Um verbete para descontrair e fazer uma jocosa conjectura: como terá surgido essa expressão contendo

pesado e chulo insulto? Como ocorre com tantas expressões, ninguém sabe, mas podemos aventar uma hipótese plausível.

A interjeição “Ei”, parece indicar um chamamento feito a alguém com quem estamos familiarizados, talvez um amigo ou conhecido. Para xingar o juiz ou outro inimigo, não se diz “Ei, Fulano...”, mas simplesmente: “Juiz, ladrão, vai...”.

O mais provável é que a fórmula que contemplamos tenha sido empregada com desfecho inesperado, o que condiz com uma brincadeira, uma peça que um grupo se permite pregar em alguém que a pode levar na esportiva e deixar passar a gracinha. Imagino, por exemplo, a seguinte situação: o exigente técnico do time conduz o treino de maneira especialmente dura e, ao final, ainda manda o grupo todo fazer flexões e dar 3 voltas no campo. Em seguida, entra em seu carro para ir embora. Os atletas, exaustos e ressentidos, gritam amigavelmente para ele: “– Ei, professor, professor...! (“mister” ou seu nome, “Fulano”)", como se quisessem avisar que ele esqueceu o celular ou algo assim... O treinador engata a ré e volta para o grupinho que o chamou, abre o vidro do carro e pergunta: “– O que é?, o que foi?”. Só então um craque, com ascendência no time e desses que não perde a piada por nada (tipo um Neymar ou Felipe Melo), ajunta a segunda metade da pegadinha: “Vai...”. Aí, a piada se espalha e acaba por virar fórmula geral que substitui, com mais sabor, o insulto simples.

Corroborar nossa hipótese, a semelhança com uma antiga forma de xingar (entre outras...), então muito frequente, que fazia anteceder ao insulto a expressão: “Antes que eu me esqueça...” (“...vai...” ou “...vai para...” etc.), ajuntando à agressão verbal uma fingida lembrança ocasional, dando-lhe um caráter jocoso.

No semanário “O Pasquim” (RJ), que se permitia (e cultivava) uma linguagem irreverente e até desaforada, encontramos essa forma muitas vezes. Nele, complementando “Antes que eu me esqueça...” ocorrem por exemplo: “... horrorosa é a xavasca da tua velha!” (05-12-1980), “...vai tomar dentro...” (25-05-1979), “...vade retro” (31-12-1976) etc.

## **Engolir o sapo**

A expressão, hoje muito empregada em qualquer âmbito, era originalmente aplicada somente aos dissabores dos políticos, posto que teve suas primeiras aparições na BN, repetindo uma sentença de Thiers (ou a ele atribuída) , presidente da França de 1871 a 1873:

(...) Na tua qualidade de ministro convém que tenhas na memória o dito de Thiers: um homem, quando está no poder, deve saber engolir um sapo todas as manhãs.  
(“Jornal do Commercio” RJ, 16-03-1900)

A mesma sentença foi também dada como de autoria de um jornalista:

Quem se envolve em politica, disse um grande jornalista francez, tem de preparar o estomago para engolir um sapo, todas as manhãs, ao ler os jornaes.  
(“O Paiz” RJ, 12-12-1906)

Já na primeira aparição da expressão na BN, em 1898<sup>35</sup>, é essa mesma sentença que se afirma, sem mencionar o autor:

Quem n'ella [na política] se mette deve  
costumar-se a engulir um sapo todas as manhãs.  
("O Pará", 18-11-1898)

A forma original era portanto “engolir um sapo todas as manhãs”. A expressão (já na forma simples atual “engolir o/um sapo”) só se popularizou na imprensa nos anos 1980, com 208 incidências na BN em todo o Brasil (nos anos 1970, ela só ocorrera 44 vezes...).

## **(Vai) Enxugar gelo, ver se estou na esquina & Cia.**

Neste verbete, meia dúzia de formas “clássicas” de mandar o chato/tolo ir importunar outrem.

Somente em meados da década de 1920, começaram a ser anunciadas geladeiras “automáticas” (importadas, naturalmente), que não precisavam ser abastecidas com grandes lingotes de gelo.

Sendo o gelo, na época, raro e caro, não é de estranhar que seja relativamente tardia a expressão “enxugar gelo” para indicar algo inútil, tolo e sem sentido, bem como o insulto do

---

<sup>35</sup> Se desconsiderarmos uma de 1897, que se refere a um obscuro “sapo de Lôla”.



imperativo: “Vai enxugar gelo!”. A primeira aparição deste dá-se no “Correio Paulistano”, em 07-01-1935, quando um amante da bebida recusa-se a seguir o conselho médico de abster-se: “Esse doutor que vá enxugar gelo com a língua...”.

Sendo expressão nova, por vezes vem – como no exemplo acima (língua) – com um complemento, também na “Revista da Semana” (RJ, 19-03-1938):

Conversa fiada... Conversa p’ra boi dormir...  
Peor ainda, como diria o outro: conversa para  
achar panno, para enxugar gelo...

Desde 1902 há na BN – primeira aparição em “O Paiz” (RJ, 04-06-1902) – e é muito usada, a expressão equivalente “Vai ver se estou na esquina”.

Antes de “enxugar gelo”, havia – muito frequente e antiga – sua equivalente: “Vá pentear macacos”, cuja primeira ocorrência na BN dá-se no “Correio Mercantil” (RJ, 26-01-1839). E também o ir mandar “lamber sabão”, que surge na BN em 1854 (“O Liberal Pernambucano, 04-02-1854).

Muito popular, também na BN (onde surge em “O Malho” RJ, 15-10-1904) é “Vá amolar o boi”.

Talvez a mais antiga dessa família de expressões seja: “Vá plantar batatas”, que está na BN já desde 1833:

...por carencia de bom senso, prudencia e zelo  
pela causa publica, naquelles que há muito os  
deviam já ter mandado plantar batatas  
 (“O Sete D’Abril”, RJ, 09-04-1833).

## Esperança – a teologia na língua francesa

A clareza e a distinção do pensamento dependem, sem dúvida, de seus correspondentes na linguagem. O grande filósofo alemão Josef Pieper, em seus livros sobre a Esperança, extrai as mais decisivas consequências filosóficas sobre essa virtude teologal, a partir do fato de que a língua francesa dispõe de dois vocábulos distintos para *esperança*: *espoir* e *espérance*. O primeiro, tendendo ao plural, aplica-se às “mil esperanças” na vida; o segundo, que se emprega quase exclusivamente em singular, dirige-se à única e decisiva Esperança, a da salvação final, a “acabar bem”, *simpliciter*<sup>36</sup>. Para além da realização ou do malogro das variadas esperanças (saúde, finanças, segurança etc.); a da salvação final, singular, é a que realmente importa...

Nessa mesma linha, a propósito da Esperança teologal (e, portanto, se cooperamos, portadora da certeza de Deus), é interessante aqui fazer notar também outro caso, ainda na língua francesa. Trata-se da exceção – aparentemente ininteligível – no francês: a do verbo *espérer*. Ensinam as gramáticas que se emprega o subjuntivo quando a oração subordinada é introduzida por verbos ou expressões que expressam um desejo ou uma vontade (je veux que...; je souhaite que...; etc.); a exceção é o verbo *espérer*, que requer indicativo (!?). Por trás dessa exceção há uma razão teológica, que remete à história cultural. Em geral, o aluno é privado dessas explicações e dificilmente vai lembrar qual é o verbo que era exceção..., que o verbo *espérer* – e isto só pode surpreender quem ignore que a verdadeira e radical esperança traz consigo a absoluta segurança – requer, por “exceção”, em sua forma afirmativa, o modo indicativo. Assim, não se diz: “*J’espère que tout finisse bien*”, mas “*J’espère que tout*

---

<sup>36</sup> *Hoffnung und Geschichte*, München, Kösel, 1967, p.30.

*finira bien*”. Pois, se “esperar”, na tradição cristã, refere-se à certeza, não cabe o subjuntivo, mas somente o indicativo: quem espera, sempre alcança!

## **(O) Espírito da coisa – a virtude da Epiqueia**

Nossa simpática expressão “o espírito da coisa” tem sua profundidade, seu próprio “espírito da coisa”, para além da advertência que fazemos a alguém de que não entendeu uma piada ou o significado de um ato. Uma primeira superação do aspecto superficial, dá-se quando consideramos o caso da epiqueia, tal como tratada na Suma Teológica. Tomás ensina (II-II, 120) que a condição humana é tal, que há uma virtude, a da epiqueia, que leva a desobedecer a lei (a letra da lei) para cumprir-lhe o espírito. Sua explicação é categórica:

Os atos humanos – sobre os quais incidem as leis –, são singulares e contingentes, e, portanto, podem se dar com uma infinita variedade de modos. Daí que não seja possível estabelecer uma lei que não falhe em algum caso concreto. Os legisladores, ao elaborarem as leis, visam o que acontece na maioria dos casos e observar a lei em alguns casos atenta contra a equidade da justiça e contra o bem comum, que é o que a lei visa. É o que acontece, por exemplo, com a lei que obriga a restituir o depósito, o que – na maioria dos casos – é justo. Há casos, porém, em que essa restituição seria nociva, como quando um louco, em estado furioso, reclama sua espada, que ele tinha deixado em depósito

ou quando alguém requer o que deixou em depósito para atacar a pátria. Nesses casos e em casos semelhantes é mau seguir o que está estabelecido pela lei; e, pelo contrário, é bom passar por cima da letra da lei e seguir o que pede o espírito de justiça e a utilidade comum. E é isso que faz a epiqueia, que entre nós se chama equidade. Fica assim evidente que a epiqueia é virtude.

Se os ultralegalistas querem ater-se à letra da lei, tornando um absoluto a sua comodidade de evitar responsabilidades, a verdadeira justiça exige atentar para seu espírito: a ideia que a gerou, sua significação real, captar “o espírito da coisa”.

Para minha surpresa, essa expressão é muito antiga na BN, mais do que centenária: já aparece em 1921. Um júri, formado por leigos, desqualificou injustamente o potro Kit Fox para uma exposição, por julgarem com base numa leitura burra do regulamento, contra “o espírito da coisa” (“O Imparcial” RJ, 11-05-1921).

## **(Voltar à) Estaca zero**

“Voltar à estaca zero” é metáfora alicerçada em marcação topográfica, aplicada literalmente sobretudo para estradas de ferro e de rodagem. A expressão surge na BN em 1875, referindo-se ao marco inicial da linha férrea que ligaria Porto Alegre a Uruguaiana. Com o boom das rodovias – em 1920 Washington Luís lançou o slogan “Governar é abrir

estradas” – “estaca zero” foi muito aplicada para estradas de rodagem.

Como metáfora – “voltar à estaca zero” – surge na BN no carioca “Diário da Noite” (13-03-1945), no qual João Alberto Lins de Barros – recém-nomeado chefe do Departamento Federal de Segurança Pública, na transição do Estado Novo para a democracia – declara-se “absolutamente partidário da anistia”:

E digo mais ainda: acho que deveríamos voltar à “estaca zero”, serenando os animos [note-se que por ser metáfora nova, o jornal põe a expressão entre aspas]

Rapidamente a metáfora – inicialmente mais usada para o âmbito político – espalhou-se, passando a ser utilizada para um novo começo de qualquer projeto.

### **“Eu, hein?” e “Vou te contar”, expressões de datação possível?**

A muito usada locução interjetiva “Eu, hein?” tem o dom de indicar, de modo enxuto, toda uma estranheza, repulsa, desconfiança etc.: “Chantili em vez de mostarda no cachorro quente? Eu, hein?”, “Caviar? Comer ova de peixe? Eu, hein?”, “Promessa de rendimento de 3% ao mês...? Eu, hein?”.

Já “Vou te contar” anuncia um fato ou algo de porte, surpreendente ou inusitado: “A esposa descobriu que ele anda com a vizinha do terceiro andar e a confusão que deu, vou te contar”. Esta, curiosamente, aproxima-se da (aparentemente) contrária “nem te conto” e, naturalmente, em nenhum dos dois casos é necessário na realidade contar o que houve (embora o “nem te conto” possa servir também como introdução para uma narrativa: “Nem te conto: tudo começou quando...”).

Um parêntese sobre a pesquisa. A busca na BN, para elaborar tantos dos verbetes deste livro, nem sempre é direta e linear, como veremos na tentativa de datação dessas sugestivas expressões. Uma das dificuldades é que a BN simplesmente não responde a consultas com palavras muito curtas, como é o caso de “Eu, hein”; outra, é que uma expressão como “vou te contar” ficaria perdida em meio a uma multidão de respostas que nada teriam que ver com nossa expressão. Por vezes, é necessário driblar o problema e renunciar à busca direta. Se quero saber quando surgiu o doce “brigadeiro” devo buscar na BN formas adequadas como, digamos “receita de brigadeiro” ou “fazer brigadeiro”, em vez de simplesmente “brigadeiro”, que me remeteria esmagadoramente a uma patente da Aeronáutica...

No caso das locuções deste verbete, as expressões foram selecionadas a partir da busca na BN da forma: “como diria Stanislaw Ponte Preta”, o genial jornalista Sérgio Porto (1923-1968), que, sob esse pseudônimo, criou inúmeras gírias e expressões, algumas delas de longa vida. Seu impacto foi tão intenso que, na BN, a busca “como diria Stanislaw Ponte Preta” dá respostas desde 1959 até 2010! Claro que esses “atestados de paternidade” só se dão em relação a formas recém-nascidas, pois logo a gíria se difunde e ninguém mais se lembra do autor.

Assim podemos afirmar que “Eu, hein?” deve ter surgido em 1967, pois aparece por primeira vez (como criada por Stanislaw) em “O Jornal” (RJ, 15-10 1967).

Estranha informação dá-nos Lêda Bastos (...) ela lançará a sua coleção de verão, na qual a mulher só estará vestida na parte da frente. Como diria o Stanislaw Ponte Preta “eu, hein?”.

E no mesmo ano, dá-se o advento de “vou te contar”, para expressar a imponência de uma ex-modelo, que acaba de se lançar como cantora:

Paola Schmidt é cantora (...). Interpreta em inglês, francês e italiano e é de uma presença geral que “vou te contar”, como diria o Stanislaw Ponte Preta.  
 (“A Cigarra” RJ, junho de 1967)

Para o autor, é sempre uma alegria dar com datações aparentemente impossíveis e, sobretudo, prestar uma homenagem a criadores geniais: “A Stanislaw, o que é de Stanislaw!”.

## **Fofa, fofura**

O adjetivo “fofo”, hoje absoluto para designar o que encanta pelo aspecto bonito e gracioso (bebês, pets,

namorada etc.), desperta ternura e convoca alterações de voz para “dialogar” fofamente com a fofura, com profusão de diminutivos e afetações na fala (“quem é o ‘cachoinho’ gracinha mais lindinho da mamãe...?”), já teve antigamente sentidos figurados negativos: arrogante, jactancioso e inchado de vaidade (Houaiss).

Só em 1962, o “Jornal do Brasil” (RJ, 28-11-1962) registra como nova gíria, esse nosso novo sentido figurado de “fofo”, que viria a ocupar o amplíssimo espaço de uso que tem hoje. Já “fofura” aparece por primeira vez na BN em 1967 (“A Ordem” RN, 11-02-1967).

## **Gente fina é outra coisa – fidalguia**

Além de seu significado principal (de normal, comum), “ordinário” tem uma série de sentidos negativos: um tecido ordinário é de pouca qualidade, inferior; um espírito ordinário é medíocre, sem brilho; atitudes ordinárias são de má educação; vocabulário ordinário é indecente e obsceno (Houaiss). O que é rude e grosseiro é associado ao comum e geral: o vulgar do vulgo, a mediocridade da média, o reles da ralé. Se a massa é considerada inferior e grossa, “gente fina é outra coisa”: expressão que surge e se impõe na década de 70 para elogiar a genuína elegância, que se destaca do rebanho (que é a etimologia de “e-grégio”), que tem um sinal que a distingue (in-signe).

A primeira aparição da locução na BN ocorre em 1971. O jurado Antonio Carlos migrou do programa do



Chacrinha para o de Sílvio Santos e, com isso, mudou de figurino e deixou o estilo despojado:

“E agora só vai de paletó Saint-Laurent, lenços Dior etc. etc. (...) Pois é, gente fina é outra coisa, né?”

(“Diário da Noite” SP, 27-11-1971)

Naturalmente, a expressão logo foi aproveitada em peças de publicidade (para promover venda de imóveis, roupas etc.), como tema de bloco carnavalesco (de gente chique) etc.

Curiosamente essa locução recupera etimologicamente uma palavra tão antiga quanto a língua portuguesa: fidalgo. Fidalgo (gente fina...) é a composição de “filho de algo”. E “algo” procede do latim *aliquid* = *aliud quid*, “outra coisa” (literalmente: outro quê).

## **Gírias provenientes do mundo das drogas**

Em 08-09-1978, “O Pasquim” publicou um “dicionário” com 130 verbetes de gírias dos usuários de drogas: o “Manual do Careta” de J. Goldstein. Muitas dessas expressões, então ainda recentes, perduraram e, a seguir, recolhemos 18 que transcenderam seu âmbito de nascença (algumas, talvez nem tenham nele se originado...) e passaram para a linguagem comum geral:

Agitar – ir à luta, descolar algum barato. [a forma “agito” não consta no “Manual”].

Barato – onda provocada por drogas.

Cortar o barato – interferir na viagem, na doideira ou na ligação. [É a 4ª. aparição na BN dessa expressão, que lá surgiu em 1973, já sem ligação com drogas: “acabar com a diversão ou prazer de alguém”].

Dançar – se dar mal.

Dar um tempo – passar um período sem consumir drogas ou determinada droga.

Descolar – se dar bem, conseguir o bagulhinho ou outra transa qualquer.

Doidão – pessoa chegada às drogas, no barato ou não.

Doidera – efeito agradável encontrado na maioria das drogas.

Fazer a cabeça – ficar doidão.

Fissura – vontade de agitar alguma.

Fissurado – indivíduo permanentemente a fim de agitar.

Ligado – diz-se do indivíduo que está agitado devido a drogas.

Ligadão – diz-se do indivíduo que está sempre agitado, com ou sem drogas.

Limpeza – estado de liberdade causado pela ausência de grilos.

Muito louco – tratamento carinhoso muito usado entre a moçada.

Onda – o que as drogas dão.

Porra louca – diz-se do indivíduo que se recusa a entender os caretas. [É a 2ª. aparição na BN dessa expressão, que lá surgiu em 1977, no sentido – hoje usual – de “irresponsável”].

Viagem – nome dado ao barato lisérgico.

## **Glória de Deus - I: Tom Jobim e Tomás de Aquino**

No antiquíssimo hino “Gloria in excelsis Deo”, que se recita/canta nas missas de domingo e dias festivos, encontra-se um verso no qual agradecemos a Deus por... sua glória:

*“Gratias agimus tibi propter magnam gloriam tuam”*, “nós vos damos graças por vossa imensa glória”.

Ele sucede a outros versos, que proclamam: “Nós Vos louvamos, nós Vos bendizemos, nós Vos adoramos, nós Vos glorificamos”. Se se trata de exaltar a glória de Deus, é óbvio que cabe o adorar, louvar etc. mas que sentido tem agradecer a Deus pela glória que é dEle? Quais são os benefícios que recebemos dessa glória?

Para bem responder a essa pergunta, precisamos recordar a doutrina da participação, central para a compreensão da Criação (na qual Deus dá o ser) e da Graça (que nos faz Seus filhos). Essa doutrina é bíblica e foi desenvolvida teologicamente por Santo Tomás de Aquino.

Neste verbete, limitar-nos-emos à Criação: nela Deus nos dá o ser como participação.

Tomás explica que o sentido mais profundo do participar é o de “ter” em oposição a “ser”: o fogo é calor; o metal **tem** calor quando participa do calor que **é** no fogo. Assim, na Criação, **temos** o ser, mas Deus **é**. (E na graça, recebemos a filiação divina, que **é** em Cristo: Ele **é** o filho de Deus, nós **temos** a filiação divina em Cristo).

Afirmar a Criação por participação é afirmar que o mundo é bom! As coisas criadas são boas (todas elas, incluindo as mais materiais e prosaicas; as visíveis e as invisíveis, como proclama o Credo!).

Uma única sentença de Tomás resume muito bem toda a visão-de mundo assentada na Criação como participação:

*Sicut bonum creatum est quaedam similitudo et participatio boni increati, ita adeptio boni creati est quaedam similitudinaria beatitudo (De malo 5,1, ad 5).*

Assim como o bem criado é uma certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de um bem criado é uma certa semelhança e participação da bem-aventurança final.

Sim, é certo que a felicidade definitiva do homem reside na posse de Deus pela contemplação, pelo olhar de amor; mas, para o Aquinate, essa felicidade não é algo “transferido” para depois da morte, e sim, algo que irrompe, que já principia nesta vida, pela fruição do bem de Deus nos bens do mundo, até mesmo em um copo de água fresca num dia de calor...

Assim, a Glória de Deus se manifesta na bondade e na beleza do mundo e é claro que devemos Lhe agradecer por isso.

Há assim, uma “estética da participação” e uma “mística do cotidiano”, tal como proposta por Adélia Prado. Sua poesia faz-nos ver (ou entrever...) e lembrar essa realidade transcendente no inaparente do cotidiano. É o que a própria Adélia reafirma:

Como quando um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa – que já tinha visto muitas vezes. “Que beleza! Eu nunca tinha enxergado isso desse jeito!”. Aí você pode **dar graças** [grifo nosso]: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo religiosa, no sentido que liga você a um centro de significação e de sentido. (...) O verdadeiro poeta está centrado na realidade, a arte não aliena ninguém, ela não tira da realidade; pelo contrário, ela traz para o real. (...)

Essa minha insistência no cotidiano é porque a gente só tem ele: é muito difícil a pessoa se dar conta de que todos nós só temos o cotidiano, que é absolutamente ordinário (ele não é extraordinário); o cotidiano da rainha da Inglaterra deve ser tão insuportável quanto o de uma lavadeira (...). E eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida (...). O nosso heroico, o nosso heroísmo é deste cotidiano (...). Nossa vida é linda: o cotidiano é o grande tesouro, como diz um filósofo [Josef Pieper]: admirar-se do que é natural é que é o bacana; admirar-se desta água aqui. Quem é que se admira da água, a que estamos tão habituados? Mas a alma criadora sensível, um belo dia se admira desse ser

extraordinário, essa água que está tremeluzindo aqui na minha frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas, admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. Eu quero essa vidinha, essa é que é a boa, com toda a chaturinha dela e suas coisas difíceis.<sup>37</sup>

Claro que podemos muito bem ficar no raso e não captar essas belezas da Criação. E a missão da arte é a de despertar nosso olhar embotado, para nos fazer ver as mil maravilhas do cotidiano, como diz um antológico verso de Adélia:

De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra e vejo pedra mesmo<sup>38</sup>

A doutrina teológica da participação (e a da Glória de Deus) encontra uma surpreendente confirmação em ninguém menos do que Tom Jobim, dotado de uma incomparável intuição para a presença gloriosa de Deus no cotidiano.

Em 1991, escrevi para o semanário “Atualidade”, da PUC-PR (08-08-1991), o artigo “A Filosofia da arte de S. Tomás e Tom Jobim”, comentando o fato de ele, naqueles dias, ter sido imortalizado no *Songwriters Hall of Fame* (New York, 1991). Depois de uma breve exposição da doutrina da *participatio* na Criação, recolhi uma declaração muito profunda de Tom, quando perguntado sobre qual era a sensação de glória ao receber essa distinção. Sua resposta foi:

---

<sup>37</sup> Disponível em [www.hottopos.com/isle7/55-68Jean.pdf](http://www.hottopos.com/isle7/55-68Jean.pdf).

<sup>38</sup> Adélia Prado, *Poesia Reunida*, Siciliano, 1991, p. 199.

Glória? A glória é de Deus e não da pessoa. Você pode até *participar* dela quando faz um samba de manhã. Glória são os peixes do mar, é mulher andando na praia, é fazer um samba de manhã.

Nessa mesma linha, outras declarações do compositor. Em 28-12-19, em memória dos 25 anos de sua morte, a Globo News exibiu um *Arquivo N* dedicado ao maestro, centrado em entrevista à sua filha Maria Luiza Jobim. Nele, em uma imagem antiga, Tom declara à entrevistadora: “Na música, o que mais me importa é levar você à felicidade, levar você a Deus!”. E das memórias de infância de Luíza, dos seus 6 ou 7 anos, aparece o Tomás de Aquino de raiz:

Eu lembro muito de nossos passeios ao Jardim Botânico, que a gente fazia quase que diariamente, só eu e ele. E ele ia me mostrando o nome das árvores e o nome dos passarinhos. E eu lembro dele me mostrando o Ipê amarelo, aquela árvore com aquele **a-ma-re-lo...**! E eu, Nossa!, extasiada, criança: “Lulu, isto é amarelo-Deus!” E eu nunca mais esqueci disso...

Duas notas finais.

1. A doutrina da participação não deve ser confundida com uma visão de mundo de Poliana ou comercial de margarina. O contraponto do encantamento está no que Tomás diz do dom da ciência (e Tom em “Águas de Março”). De fato, para Tomás, o dom da ciência (conhecer a fundo as coisas criadas), dom do Espírito Santo, corresponde à bem-

aventurança dos que choram: “scientia convenit lugentibus” (II-II 9, 4 sc). Pois a criatura, enquanto procede do nada, de *per si* é treva “est tenebra in quantum est ex nihilo” (só é luz enquanto, por participação, se assemelha a Deus). E obscuro é também o conhecimento que a criatura oferece: “sed quia creatura ex hoc quod ex nihilo est, tenebras possibilitatis et imperfectionis habet, ideo cognitio qua creatura cognoscitur, tenebris admixta est” (In II Sent. d 12, q3, 1, c). Quanto mais *scientia*, maior a depressão: porque se constata quão deficientes são as coisas do mundo. Toda essa doutrina de Tomás encontra uma inesperada e discreta confirmação até na canção “Garota de Ipanema”, de Vinicius e Tom. A letra, como todos recordam, vai falando da beleza: “Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça. É ela, menina, que vem e que passa” e de como “o mundo inteirinho se enche de graça etc.” E, de repente, o verso, tão profundo quanto inesperado e (só) aparentemente contraditório: “Oh, por que tudo é tão triste?” Por que a beleza traz consigo também a sensação de solidão e tristeza? Talvez também porque se adivinha que a criatura tem a beleza de modo precário e contingente; só Deus é a Beleza incondicional e *simpliciter*.

2. Uma curiosidade de compreensão e tradução (à primeira vista, assustadora!) dá-se a propósito da *participatio*, quando Tomás diz: “*sol non potest dici calidus*”: não se pode dizer que o sol é quente! E é que, na participação, sendo uma realidade fonte e raiz das que dela participam (daí os nossos *participios*), a fonte é o sol, que é calor e não *calidus* (em latim, um participio: “esquentado”). Assim, para Tomás, em sua concepção de participação, a rigor não podemos predicar “quente” (*calidus*) do sol, se a cada momento aplicamos a palavra “quente” para coisas esquentadas pelo sol, dizendo que a casa ou o dia estão quentes (se o dia ou a casa **têm**



calor é porque o sol é quente). Isso se compreende melhor quando consideramos que o gelo – em um isopor de piquenique – é a razão de que a cerveja esteja gelada (um participio, pois é por participação), mas do próprio gelo não se pode dizer que seja gelado (ele é, por assim dizer, a “geleidade”). Nessa mesma linha, com emoção, topei um dia, no dicionário *Robert-Proverbs* com um felicíssimo provérbio do povo africano Abé (Costa do Marfim), que diz: “Do próprio sal não se diz salgado”...

## **“Glória de Deus” - II: a felicidade eterna**

No verbete anterior, citamos uma sentença fundamental de Tomás de Aquino, que relaciona a felicidade de aqui e agora com a eterna:

Assim como o bem criado é uma certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de um bem criado é uma certa semelhança e participação da bem-aventurança final.

Essa metafísica da participação é expressa na linguagem coloquial do espanhol, que quando algo está gostoso (um doce, um prato, um vinho etc.) diz: “*¡Sabe a gloria!*”, tem gosto de céu...

Tomás, já no séc. XIII, ao discutir a felicidade humana no começo da I-II da *Summa*, denuncia *avant la lettre* os perigos existenciais de nossa sociedade de consumo:

acenar para a ânsia de infinito do coração humano com a absolutização de bens limitados, mas que prometem uma falsa infinitude: é o perigo, diz ele, dos bens artificiais (*divitiae artificiales*), que o dinheiro pode comprar: eles falseiam a infinitude genuína do coração humano (I-II, 2, 1, 3, *corpus* e ad 3).

Essa é a razão do sucesso das campanhas de publicidade que acenam para a felicidade plena, anunciando um refrigerante ou um sanduíche. Pelo mesmo instinto de felicidade eterna, pelo qual as crianças são magneticamente atraídas por histórias que acabam com “... e foram felizes para sempre”, assim também as agências nos lançam cenas de felicidade imperturbável, associadas ao Big Mac: “Gostoso, como a vida deve ser”. E por longos anos a Coca-Cola associou-se ao advérbio: “Sempre!” (que, em português, não traduz somente “always” mas também “forever”...). Tal como a língua árabe – sempre repleta de referências religiosas, mesmo para as realidades mais mezinhas – cunhou a fórmula de satisfação: *Dayman!* Quando algo (um prato, uma bebida...) está muito gostoso, vem a exclamação: *Dayman!*, “Sempre!”, que fique assim por toda a eternidade... E a resposta é: *Dayman bihayatuka!*, “Para sempre e com tua vida!”...

Esse “instinto” de paz e felicidade duradouras é tão forte que nos deixa perplexos quando somos confrontados com a realidade, que misteriosamente se apresenta como “vale de lágrimas”... É como se nosso coração dissesse: “não era para ser assim!”. Será essencialmente condenado à frustração esse desejo de paz, amor e felicidade perfeitos?

## **“Há coisas que só acontecem ao Botafogo” – corrigindo mais uma lenda da fraseologia**

O terreno da fraseologia é propício a atrair imprecisões e erros que se propalam sem o menor espírito crítico ou rigor científico.

Entre tantas outras “fake news” que venho desmascarando há anos, uma das mais importantes foi a propósito do surgimento das expressões “torcer”, “torcida” e “torcedor”, falsa e unanimemente (até então) atribuídas a Coelho Neto em uma (lendária, inexistente) crônica da década de 1910, a propósito das moças adeptas do Fluminense, que torceriam as luvas por estarem nervosas com o jogo etc. (cf. meu artigo: <http://www.hottopos.com/rih36/05-14Jean.pdf>). Como mostro no artigo, na verdade, esse uso de “torcer” já aparece na BN em 1888 e vem detalhadamente explicado em jornal de 1894!

Outro caso: em campanha avassaladora e tido por todos como quase certo campeão do Brasileirão de 2023 – tinha chegado a ficar na liderança por 30 rodadas e a abrir 13 pontos de vantagem sobre o vice – o Glorioso, com uma incrivelmente desastrosa campanha no segundo turno, deixou escapar o troféu e a mídia repetiu à exaustão a célebre sentença “Há coisas que só acontecem ao Botafogo”...

Errou a imprensa, porém, ao atribuir a criação dessa frase ao famoso poeta e jornalista Paulo Mendes Campos (entre outros equívocos), botafoguense roxo, como neste par de ilustres exemplos:

### **Esporte na Band (30-11-2023)**

A frase que virou folclore no futebol brasileiro nasceu por um alvinegro. O escritor e jornalista

Paulo Mendes Campos (1922-1991), na crônica “O Botafogo e Eu”, de 1957, deu origem ao termo “Há coisas que só acontecem ao Botafogo”

(<https://www.band.uol.com.br/esportes/saiba-como-surgiu-a-frase-ha-coisas-que-so-acontecem-ao-botafogo-16650986>. Acesso em 01-12-2023)

[Além de não ser de criação de PMC, a crônica citada é de 1962)

ou

**Paulo Vinicius Coelho – UOL (02-11-2023)**

[repete os erros da citação anterior, junto com outros equívocos]

(<https://www.uol.com.br/esporte/colunas/pvc/2023/11/02/ha-coisas-que-so-aconteceu-ao-botafogo-frase-nasceu-com-botafogo-campeao.htm>. Acesso em 01-12-2023).

Na verdade, Paulo Mendes Campos usou a frase, em 1962, na crônica “O Botafogo e eu” (“Manchete” RJ, 25-08-1962), mas a sentença aparece muitas vezes na BN já a partir de 1947, quinze anos antes da crônica de PMC. Sua primeira ocorrência dá-se em 17-06-1947, no “Jornal dos Sports”, como título de notícia assinada por Luiz Bayer (e, sendo já considerada sentença famosa, o autor nem dá explicações sobre ela). O mesmo jornal afirma e reafirma, em 06-06-1948, que o pai da expressão é outro autor: “a famosa frase de Gastão Soares de Moura”. Já em 06-12-1952, para o “Diário da Noite” a frase teria sido cunhada por um outro jornalista: “Bem diz o João Lira que ‘essas coisas só acontecem ao Botafogo’...”. No ano seguinte, o mesmo jornal atribui a sentença ainda a um terceiro: “Bem o Carlito diz que há coisas que só acontecem ao Botafogo” (07-02-1953).

Mas, claro, é mais chique dizer que quem a cunhou foi o célebre Paulo Mendes Campos, atropelando 15 anos de precedência e cento e tantos de usos prévios em relação a PMC... E essa falsa “paternidade” continua dominante na imprensa de hoje!

### **(O) Homem, esse esquecediço (/faturiço)**

O grande filósofo espanhol Julián Marías, sem falsas modéstias, reconhece que criou uma nova palavra em sua língua: “*futurizo*”, cuja versão portuguesa – “faturiço” – já circula livremente entre nós, por conta das dezenas de estudos e trabalhos acadêmicos sobre a obra de JM. Não é um rebuscado neologismo, mas palavra de formação muito normal, uma das tantas com o sufixo *-izo*, que indica tendência, propensão, inclinação, como em quebradiço, movediça, esquecediço...

Faturiço é um conceito central na antropologia de Marías, que distingue pessoa de coisa. Como ele mesmo diz em sua conferência “La persona” (<http://www.hottopos.com/mp2/mariaspers.htm>):

Pessoa não é coisa, é algo totalmente diferente (...). As coisas consistem. Consiste, em espanhol dizemos “isto consiste em”. Mas há algo anterior que é que uma coisa consiste, tem consistência, tem um certo modo de ser que lhe é próprio. Elas são reais, as coisas são, são o que são, são reais. Mas a pessoa, não. A pessoa é uma realidade que ao mesmo tempo é irreal.

A pessoa é algo orientado para o futuro. É, com o adjetivo que consegui colocar no Dicionário da Real Academia: futuriço. Futuriço significa orientado para o futuro, projetado no futuro. Não é futuro, é presente. Aqueles de nós que estão aqui, estão aqui, agora, no presente. Sim, mas estamos a antecipar o futuro, a projetar-nos no futuro, talvez à espera de que esta conferência termine, com alguma impaciência, pensando que vão fazer coisas mais interessantes mais tarde, amanhã ou daqui a um ano ou daqui a cinquenta anos. Ou seja, a vida humana é projetiva, é futurista, está orientada para o futuro, é portanto imaginativa, não é real – é real, mas também é irreal: a irrealidade faz parte da realidade da pessoa. Não das coisas, de forma alguma.

O sufixo –iço comparece também na Antropologia clássica, que afirma que o homem é essencialmente um esquecediço: O homem é um ser que esquece!<sup>39</sup>

Se perguntássemos à milenar tradição do pensamento pelos fundamentos filosóficos da Educação, os antigos dar-nos-iam esta sentença – tão simples – para meditar: “O homem é um ser que esquece”!

No Ocidente, já entre os gregos (de Hesíodo a Aristóteles, de Safo a Platão), encontramos constantemente o extraordinário papel dado à memória (por vezes personificada em *Mnemosyne*).

---

<sup>39</sup>. Ao longo deste verbete, seguimos os capítulos de Michèle Simondon “Mnémosyne, mère des Muses” in *La Mémoire et l’Oubli dans la Pensée Grecque jusqu’à la fin du Ve. siècle avant J.C.*, Paris, Société d’édition “Les Belles Lettres”, 1982; de Bruno Snell “Pindar’s Hymn to Zeus” in *The Discovery of the Mind - The Greek Origins of European Thought*, Cambridge, Harvard Univ. Press, 1953; e, sobretudo, de J. Pieper *Nur der Liebende singt*, Schwabenverlag, 1988, p.35 e ss.

Um dos pontos altos dessa tradição dá-se – 500 anos antes de Cristo – com o poeta grego Píndaro. Seu *Hino a Zeus* – um poema que é, ao mesmo tempo, um tratado de educação – parece<sup>40</sup> apresentar todas as características de uma das maiores obras-primas de todos os tempos.

A cena descrita por Píndaro é clara: Zeus resolve intervir no caos. Toda a confusão e deformidade vai, então, dando lugar à harmonia e à ordem: *kosmos*. E quando, finalmente, o mundo atinge seu estado de perfeição (estreando a terra, os rios, os animais, o homem...), Zeus oferece um banquete para mostrar aos demais deuses – atônitos ante tanta beleza – a sua criação...

Mas, para surpresa geral, um dos imortais pede a palavra e aponta a Zeus um grave e inesperado defeito: estão faltando criaturas que louvem e reconheçam a grandeza divina desse mundo... Pois o homem é um ser que esquece!

O homem, ele que foi agraciado pela divindade com a chama do espírito, o homem, afinal, saiu mal feito, mal acabado, ele tende ao embotamento, à insensibilidade... ao esquecimento!

É a partir dessa constatação – dessa trágica constatação de nossa condição ontológica (também ela, hoje, esquecida...) – que se edifica toda a educação ocidental.

As musas (filhas de *Mnemosyne*), as artes, são já uma primeira tentativa de Zeus para remediar essa situação: elas foram dadas pela divindade ao homem como companheiras, para ajudá-lo a se lembrar...

E é por essa mesma razão que os grandes pensadores da tradição ocidental, consideravam as descobertas filosóficas, não tanto um deparar-se algo novo ou insólito,

---

<sup>40</sup>. O poema só fragmentariamente chegou a nós...

mas, precisamente, *des-cobertas*: trazer à tona algo já visto, já sabido, mas que, por essa entrópica tendência para o esquecimento, não permanecera na consciência.

Assim, a missão profunda da educação não é a de apresentar-nos o novo, mas, algo já experimentado e sabido que, no entanto, permanecia inacessível: precisamente o que se expressa com a palavra *lembrar*.

Claro que ao afirmar o caráter esquecediço do homem, não estamos dizendo que ele se esqueça de tudo, mas, principalmente – e é até uma constatação de ordem empírica – do essencial.

Pois, na verdade, o homem lembra-se de muitas coisas: naturalmente, ele, “criatura trivial” (como diz Guimarães Rosa), *não* se esquece da data do depósito bancário, não se esquece de comprar sua revista predileta, da final do campeonato, nem das comezinhos realidades que compõem nosso rotineiro cotidiano. Esquece-se, sim, da sabedoria do coração, do caráter sagrado do mundo e do homem...

Se esse “jeito esquecido de ser” é tido, como dizíamos, no Ocidente, por uma característica básica do ser humano, na tradição oriental, por sua vez, tal consideração é ainda mais radical.

Na língua árabe, desde tempos imemoriais, a própria palavra para designar o ser humano é *Insan*. A surpreendente profundidade desse vocábulo torna-se manifesta, quando dirigimos nossa atenção para seu significado literal: *Insan* deriva do verbo *nassa/yansa*, esquecer e significa *aquele que esquece*.



A agudeza oriental, ao designar o homem por *Insan*, o “esquecente”, vê-se confirmada pelo fato de que o próprio falante, em seu dia-a-dia, não se dê conta disso.

Daí a proverbial sentença árabe:

*Wa ma sumya al-insan insanan illa linissyanihi*  
(O *Insan*, ser humano – o “esquecente” – foi chamado de *Insan* por causa de seu esquecimento).

Naturalmente, há na formulação original, um delicioso jogo de palavras, como se disséssemos em português, com Drummond: “O imposto chama-se imposto, porque nos é imposto”.

Não é de estranhar, pois, que no Alcorão (20, 50-52), Deus se apresente – em contraposição ao homem – como “Aquele que não esquece”. E o mesmo acontece na Bíblia, quando, pelo profeta, o próprio Deus diz: “Pode, acaso, uma mulher se esquecer de sua criança de peito?... Ainda que ela se esquecesse, Eu não me esqueceria de ti” (Is. 49,15).

Só a partir dessa consciência de que o homem é esquecediço, é que se pode edificar, dizíamos, uma educação digna desse nome.

Nesse sentido, os antigos desenvolveram uma pedagogia – hoje *esquecida* e incompreendida – a pedagogia do *dhikr*, a pedagogia do lembrar, a pedagogia baseada na sabedoria do povo, nos provérbios, na memorização, nos gestos, nas festas...

Cabe aqui uma observação sobre a linguagem. Em diversas línguas, o lembrar, o memorizar está associado não já (ou não só...) a um processo intelectual, mas ao coração:

saber de memória é, em inglês, *by heart*; em francês, *par coeur*; e esquecer-se de alguém, em italiano, é *scordarsi*, sair do coração...

Lembramos – sabemos *de cor* – o que está em nosso coração. Tomás de Aquino, o grande pensador do Ocidente, explica, agudamente, a razão profunda do lembrar e do esquecer: ele faz a ligação entre amar e lembrar: inesquecível é o que amamos! E, assim, comentando o salmo 9 e falando de Deus como o único que não se esquece, diz:

*Illud quod aliquis cum studio et diligentia facit, non obliviscitur quin illud faciat; Deus autem studiosus est ad salutem hominum: et ideo non obliviscitur (In Ps. 9, 8).*

“O que não se esquece é precisamente o que se faz com solicitude e amor. Ora, Deus ama com solicitude o bem do homem; portanto, Ele não o esquece”.

E assim, um tanto inesperadamente, a tradição clássica em educação, a pedagogia do lembrar, revela-se também uma pedagogia do amor...

## **(O texto de) Humor mais divulgado na história de nossa imprensa**

Este verbete é uma homenagem a um genial humorista anônimo e seu já sesquicentenário texto, que realizou façanha ímpar na história da imprensa brasileira.

Um caso incrível: um anônimo longo texto humorístico, que aparece na BN em 1872, foi reproduzido em nossa imprensa (integral ou parcialmente) dezenas de vezes ao longo de setenta anos, não do ponto de vista histórico, mas como se tivesse sido escrito na data em que cada jornal o reaproveita (sem nunca mencionar que sua composição foi feita 60, 30 ou tantos anos antes).

Trata-se de “A grammatica do namorado” (com suas 33 regras “gramaticais”), engenhosa produção de humor elaborado, satírico, sutil e picante (e, claro, marcada pela visão e preconceitos da época...), que aparece por primeira vez na BN no “Diario de São Paulo” de 24 de setembro de 1872, na seção “Cousas Diversas”. A “gramática” é também valioso registro histórico e sociológico da mentalidade da época.

Ao que tudo indica, a “Gramática” tem sua origem em Portugal e não no Brasil, e elementos da própria primeira edição na imprensa brasileira sugerem que ela tenha sido copiada dos lusitanos. Assim, na sentença #17, a namorada “vai para Cintra (sic)”, na realidade, a cidade de Sintra (por vezes, na época, grafada também com C, como no caso de “Bela Cintra”, famosa rua de São Paulo, que homenageia a formosa Sintra portuguesa...). Corrobora nossa hipótese, o fato de que em 22-01-1879, “O Correio da Noite”, em sua edição da “Gramática”, faz uma adaptação para o Brasil: a namorada vai para Petrópolis (a “nossa” Sintra).

Já na sentença #28 (ver na lista), o criado é “um gallego”, objeto de preconceito, na época, próprio de Portugal, já totalmente sem escravos (desde o fim da década de 1860) e com os galegos sofrendo discriminação (por vezes ácida, como o “defectivo” em # 28...) e exercendo trabalhos não qualificados na sociedade de Lisboa. Em artigo de Carlos

Pazos Justo<sup>41</sup>, precisamente sobre esse tema, encontramos “criado doméstico” entre os ofícios exercidos por galegos em Portugal na segunda metade do século 19<sup>42</sup>. Assim, em Portugal, tipicamente, o criado de recados é “galego”: ao reproduzir uma notícia portuguesa, de um golpe aplicado em uma joalheria de Lisboa, no qual o vigarista (que alega ter esquecido a carteira) pede para o dono da loja que mande um criado acompanhá-lo até o Hotel, este envia: “um gallego, que costuma fazer os recados da casa, seguiu logo o sujeito” (“O Apostolo” RJ, 29-10-1888). Significativamente, no Brasil escravista, para o jornal carioca “Correio da Noite” (23-01-1879), na mesma #28 da “Grammatica”, em vez de criada/galego, quem leva as cartas de amor é: mucama/moleque.

Finalmente, em um lance de muita sorte, topamos com uma pista decisiva: uma edição especial do jornal português “Diario Illustrado”, que trouxe o Índice de Matérias que o jornal publicou de Julho a Dezembro de 1872<sup>43</sup>. Nesse Índice, consta uma referência à “Grammatica do namorado”, que teria sido publicada no “Diario Illustrado” do dia 26-08-1872, quase um mês antes da primeira homônima brasileira. Com esses dados, pudemos acessar essa edição de 26-08-1872 e, de fato, lá estava a (provável) primeiríssima edição de nossa “Gramática”<sup>44</sup>, que logo foi copiada *ipsis verbis* pelo “Diario de São Paulo”.

---

<sup>41</sup>. “A imagem da Galiza e dos galegos em Portugal entre fins do século XIX...” **Veredas**: Santiago de Compostela. 2011: No. 16, p. 41.

<sup>42</sup>. “A imagem da Galiza e dos galegos em Portugal entre fins do século XIX...” **Veredas**: Santiago de Compostela. 2011: No. 16, p. 41.

<sup>43</sup>. [https://purl.pt/14328/1/j-1244-g\\_1872-06-30/j-1244-g\\_1872-06-30\\_item2/j-1244-g\\_1872-06-30\\_PDF/j-1244-g\\_1872-06-30\\_PDF\\_24-C-R0150/j-1244-g\\_1872-06-30\\_0000\\_Index-4\\_t24-C-R0150.pdf](https://purl.pt/14328/1/j-1244-g_1872-06-30/j-1244-g_1872-06-30_item2/j-1244-g_1872-06-30_PDF/j-1244-g_1872-06-30_PDF_24-C-R0150/j-1244-g_1872-06-30_0000_Index-4_t24-C-R0150.pdf) Acesso em 03-12-23.

<sup>44</sup>. <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/viewer/234688/?offset=10#page=3&viewer=picture&o=info&n=0&q=>. Acesso em 03-12-23.

Este é o texto dessa primeira aparição da “Gramática” na BN:

### **A grammatica do namorado**

– A mulher é um adjectivo, que precisa concordar com o “substantivo homem”, para estar “gramaticalmente” na sociedade.

– O namoro é um “adverbio de tempo, com um complemento teminativo”: o casamento.

– Os arrufos são “orações incidentes” no “periodo” adoração!

– Quando alguns pensam em tomar esposa, procuram logo a “oração principal”: o dote.

[#5] – O “verbo amar” é de todos os verbos da língua o mais “irregular”. Ha mulheres que não o sabem absolutamente conjugar, porque lhes esquece o “tempo” e as “pessoas”.

– Quantas vezes um rapaz deixa de casar, porque a mulher-preposição pede depois um “complemento transitivo”: “carruagem”.

– O grande “verbo reflexivo” é ser constante.

– Uma solteirona bem conservada, é um “pretérito-perfeito”; como uma entrada em annos e acabada, é um “pretérito-imperfeito”.

– Uma destas priminhas, que logo aos 13 annos começa a gostar de um primo, porque os pais vêm naquillo um casamento de conveniencia, é um “futuro-condicional”, que se torna um “futuro-absoluto” se apparece outra mulher que saiba captivar o primo.

[#10] – Quando se faz uma declaração de amor, conjuga-se o verbo “no modo indicativo do tempo presente”.

– Uma traição no amor é uma “conjunção-disjunctiva”.

- Quando uma mulher, que eu conheço, olhou para “elle” com aquelles olhos azues pretos que ella tem, conjugou o “verbo amar” na segunda pessoa do singular do presente do modo imperativo: ama tu?
- Quando se não pode dizer ao certo se uma mulher gosta de Pedro ou de Paulo, é porque há uma “amphibologia”.
- Quando se não vê namoro conhecido a uma mulher, deve dizer-se que o sujeito “está occulto por elypse”.
- [#15] – Quando dous namorados esfriam é porque “andam nas declinações”.
- Quando elle e ella conversam devagarinho, a um canto da sala, estão “entre parenthesis”.
- Quando ella vai para Cintra e elle coitado fica na repartição, puzeram-se “reticencias” no namoro.
- O casamento é o “ifen” ou “riscos” do namoro.
- Quando um pai anda na faina de casar as filhas, é como se tratasse da “conjugação”.
- [20] – Póde-se tanto dizer: “o meu amor” como o meu “complemento objectivo”.
- Quando “elle” ainda noivo se apresenta muito ciumento, põe na oração um “complemento circumstancial” do modo como ha de ser quando casar.
- A arte de levar com sossego um negocio de amor, chama-se a “sintaxe”.
- Um pai, se vai tirar informações do namorado da filha, está fazendo “a analyse da oração e busca conhecer o sujeito”.
- Estudar a “etymologia” de uma mulher é ver quais os namoros que tem tido.

[#25] – Uma destas mulheraças, corpulentas e espadaudas, é um “superlativo de mulher”.

– E uma creaturinha, pequenina, e muito leve, é um “diminutivo” perfeito.

– Quando um pai proíbe expressamente à filha que namore Pedro ou Sancho, “põe ponto final no periodo”, mas ela às vezes muda-o para uma simples “virgula”.

[#28] – A criada que leva as cartas “delle” a “ella” é um “verbo auxiliar”; se não é uma criada mas um gallego, é então um “verbo auxiliar defectivo”.

– Namorar duas ao mesmo tempo é um “pleonasma”.

[30] – A mulher quando falla do seu namorado póde dizer: o “meu substantivo próprio”.

– Os olhos às vezes, dizem amor, e a boca modifica esse sentimento. Os olhos são o “radical ou sufixo” e a boca a “desinencia”.

– Ha mulheres que nunca amáram: são “verbos substantivos”, não podem ter “complemento objectivo”, quando muito têm “attributo”.

– Os homens que namoram todas as mulheres são “substantivos comuns”.

Nas inúmeras reproduções na BN, desde a década de 1870 até a de 1940, nas mais variadas publicações – que vão desde a “Tribuna Militar” (1881) ao jornal fundamentalista católico “A Cruz” (1925) ou a debochada “O Rio-Nú” (1898) – o texto (nem sempre publicado na íntegra), naturalmente, não é uniforme, mas recebe ligeiras diferenças de versão, adaptações etc. E o próprio título varia: “Gramática do amor”, “Gramática das Mulheres” etc.

Na BN a última edição da “Gramática” que encontramos é de 02-02-1941, no caxiense (RS) “A Época”. Já em Portugal, mais de cem anos depois de seu surgimento, trechos de “A Mulher e a Gramática” ainda foi publicada em “Notícias de Campelo” (Avença), em sua edição de maio de 1976!<sup>45</sup>. E pude encontrar um blog português que, em pleno século 21 (maio de 2019), reproduz algumas daquelas politicamente incorretas regras<sup>46</sup>.

## **Inglês – o concreto e o enxuto**

Um bom ensino de línguas deve superar o âmbito das regras e – quando for o caso – deve discutir a filosofia /sociologia /teologia subjacentes aos fatos gramaticais. É bem mais fácil a própria compreensão da gramática quando os professores se abrirem para essa perspectiva mais ampla. Sem reflexões desse tipo (que tanto ajudam à compreensão e memorização), a gramática torna-se uma opressora tabela de regras e exceções arbitrárias.

Pensemos, por exemplo, no imenso e variado uso que a língua inglesa faz do gerúndio, das formas *-ing*. É evidente que esse fato gramatical está em conexão com a milenar tradição de pensamento britânico, tão frequentemente afeito ao empirismo, ao nominalismo, ao pragmatismo, ao fato que se manifesta à percepção. Como diz Josef Pieper, a propósito de João de Salisbury Erígenia (810-877):

---

<sup>45</sup>

[https://www.bmfigueirodosvinhos.com.pt/images/pdfs/imprensa\\_local/Noticias\\_de\\_Campelo\\_1961\\_1980/1976/noticiasdecampeloN0069\\_19760500.pdf](https://www.bmfigueirodosvinhos.com.pt/images/pdfs/imprensa_local/Noticias_de_Campelo_1961_1980/1976/noticiasdecampeloN0069_19760500.pdf) Acesso em 03-12-2023.

<sup>46</sup>. <https://joaosezures.blogs.sapo.pt/2019/05/> Acesso em 03-12-2023.



Com ele, penetra claramente no diálogo filosófico, pela primeira vez, uma figura de inconfundível selo anglo-saxão. Trata-se de um empírico, que desconfia por princípio (...) das “sínteses” de especulação metafísica e teológica. E que confia primeiramente na experiência concreta. (PIEPER, J. *Filosofia Medieval y Mundo Moderno*. Madrid: Rialp, 1973. Cf. também cap. XI: Duns Escoto e Guilherme de Ockham).

Com as devidas reservas, para uma afirmação tão geral, o inglês parece tender ao fato concreto e a recusar abstrações desnecessárias e isso se traduz na gramática. Tomemos, por exemplo, os chamados *verbs of perception*, como *to see, to hear, to overhear, to feel...* Esses verbos não podem ser seguidos de infinitivo “com *to*”, mas pela forma em *-ing*, que é o que, afinal de contas, se percebe: *Didn't you hear the phone ringing?* Caberia também a forma nua: *Didn't you hear the phone ring?*, mas se se quer enfatizar a ação em processo, então se impõe o *-ing*: “*Didn't you hear the phone ringing while I was in the bathroom?*”. Mas, em nenhum caso, o infinitivo com *to*, não se pode dizer: “*Didn't you hear the phone to ring?*” Curiosamente, em Portugal é ao contrário: a preferência pelo infinitivo em detrimento do gerúndio. O infinitivo puxa para o âmbito do abstrato; afinal eu não vejo “o correr”; não ouço “o tocar”; vejo, isto sim, o ladrão correndo da polícia; ouço meu vizinho tocando bateria...

E há verbos, como *to smell, to catch, to spot, to find* que, ainda na fórmula *verb + (pro)noun*, só admitem a forma *-ing* (não aceitam sequer a forma nua); referem-se unicamente a processo, a gerúndio, a fato ocorrendo: eu só posso sentir o cheiro de algo queimando (assando ou fritando etc.); só posso apontar (*spot*) para algo que está ocorrendo; etc.

Nessa mesma linha do gênio da língua, encontram-se outras características, como o fato de a língua inglesa tender à simplicidade, à economia, ao enxuto. Para um primeiro exemplo, tomemos uma cena extraída da famosa *sitcom* *Everybody Loves Raymond*. No começo do episódio *She's the one* (Temporada VII, episódio 9), o personagem Robert explica ao irmão Ray e à cunhada Debra como conheceu a nova namorada: Ângela. Foi por mero acaso: o cabeleireiro agendou acumuladamente o mesmo horário para ele e para a moça... O que ele diz, em inglês, é extremamente enxuto: “Anyway, he double-booked”. Compare-se com a legenda francesa para o mesmo quadro: “Mais il avait deux rendez-vous en même temps”. Já a legenda portuguesa diz: “De qualquer forma, ele marcou simultaneamente com dois clientes”.



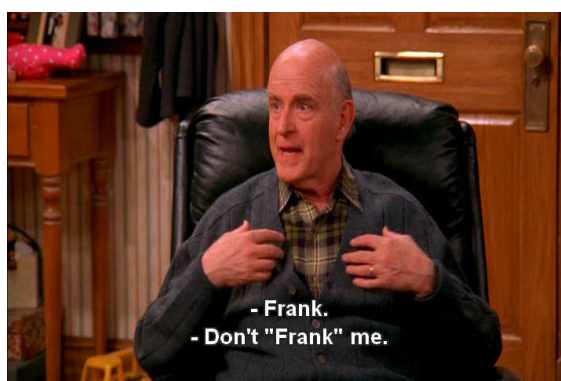
Essa qualidade de ser simples e direto é, sem dúvida, causa importante do fenômeno de importação de expressões do inglês e do surgimento de tantos anglicismos em todas as línguas (para desespero dos puristas). Expressões compostas com palavras, digamos, como *shop* ou *show* permitem expressar de maneira ágil e sintética, realidades só atingíveis por circunlóquios na tradição das línguas latinas. Assim, em vez de “loja de produtos para animais domésticos”, impôs-se

“Pet shop” e para “Veterinário de animais domésticos”, *Pet-vet*. E o tradicional *Salon international de l'aéronautique et de l'espace (Paris- Le Bourget)* acaba conhecido internacionalmente como *Paris Air Show*.

Nesse sentido, sugestivo é também o fato de o substantivo ser já quase automaticamente um verbo. Enquanto o português tem de dizer: “Eu vou pôr isto no microondas”, o inglês diz simplesmente: “I’ll microwave it”, já que não cabe: “Vou microondá-lo”... Mais um par de exemplos, também tomados de *Everybody Loves Raymond*, como amostra do falar real cotidiano:

No episódio 7 da temporada I (“Your place or mine?”), Raymond cansado da intromissão da super protetora e cuidadora mãe, Marie, em sua vida, diz que se ela quiser “bebezar” alguém (tratar alguém como criança, mimar com cuidados), que “bebeze” Frank, seu marido...: “If you want to baby somebody, go baby Dad”.

E no episódio 23 da temporada IV (“Confronting the attacker”), quando Marie começa a ameaçar Frank, chamando-o com a prosódia típica do vocativo de repreensão (Fraank...!), o marido responde com o inusitado verbo “to Frank”: “Não me **frankize**” (“Don’t ‘Frank’ me”).



Não é só no léxico que se dá a influência do inglês: esse fato gramatical já vai chegando ao Brasil. Por exemplo, desde a Olimpíada de Londres (2012), a Folha e o Estadão empregam o neologismo “medalhar” (conquistar medalhas: “Fulano não medalhou nas Olimpíadas”).

## **(A) Inveja I – na teologia medieval**

Como é bem sabido, na internet frequentemente se despejam tiradas e frases, mais ou menos engenhosas, falsamente atribuídas a autores célebres (como Fernando Pessoa ou Clarice Lispector, por exemplo) e como não é dada a fonte e o leitor está pouco se importando, tudo acaba ficando por isso mesmo e, com o passar do tempo, ninguém questiona que tal sentença seja mesmo de Pessoa ou Lispector, porque é o que todo mundo diz.

Uma dessas imprecisões, que consta em centenas de sites (nenhum fornece a fonte) é a “sentença” de Nelson Rodrigues sobre a inveja: “Há coisas que o sujeito não confessa nem ao padre, nem ao psicanalista, nem ao médium depois de morto. Uma delas certamente é a inveja”.

Na verdade, a frase tem o inconfundível DNA de Nelson, mas não foi por ele aplicada originariamente à inveja, mas sim usada para explicar um personagem que ele criara, “A cabra vadia”, um plácido animal que conseguia, em entrevistas imaginárias, arrancar os segredos mais íntimos das personalidades que com ela se abriam:

Há coisas que o brasileiro não diz nem ao padre, nem ao psicanalista, nem ao próprio medium, depois de morto; mas diz “num terreno baldio e na presença de uma cabra vadia e contemplativa”.  
 (“Jornal dos Sports” RJ, 19-02-1967)

Claro que a inveja é claramente um desses inconfessáveis. Sendo tão mesquinha e repugnante – a ela, principalmente, ficou reservado o dito popular: “A inveja é uma m...!” –, ninguém a reconhece como um seu defeito. Podemos admitir mil outros vícios, mas nunca o de invejosos!

Desde sempre, a inveja é o pecado capital mais execrado. Se a acídia é a tristeza pelo próprio bem espiritual (v. “Pecado capital da acídia”) a inveja, é a tristeza pelo bem alheio<sup>47</sup>.

A seguir, apresento uma amostra das metáforas e caracterizações desse vício em 12 sentenças que selecionei da obra de Santo Tomás de Aquino.

#### *A inveja é podridão*

1. A propósito de Prov 14, 30: “A inveja é a podridão dos ossos”, comenta Gregório (*Mor.* 6, 7): “Pelo vício da inveja, desfazem-se aos olhos de Deus os bons atos das virtudes”. (*Malo*, 10, 2 sc 1)

---

<sup>47</sup>. Quia aut hoc est respectu boni proprii, et sic est acedia, quae tristatur de bono spirituali, propter laborem corporalem adiunctum. Aut est de bono alieno, et hoc, si sit sine insurrectione, pertinet ad invidiam, quae tristatur de bono alieno, in quantum est impeditivum propriae excellentiae... (I-II, 84, 4 c).

*Roer-se de inveja.*

2. A inveja é comparada à traça, que rói ocultamente as vestes, pois dilacera o amor e, por isso, desfaz a unidade. (*Cat. Aur. in Matt 6, 14*)

*A inveja é tortuosa, como a cobra. A inveja é sombria e tenebrosa*

3. Distorcer é entortar o que era reto. Daí que por cobra tortuosa se entendam aquelas criaturas, cuja beleza se obscureceu pelo pecado e foram distorcidas em sua retidão, principalmente o diabo, por quem a inveja entrou no mundo. De sua tenebrosidade, fala Jó: “Dorme em sombras; esconde-se entre as canas”. (*In II Sent.*)

*O espinho da inveja*

4. Outros, porém, espicaçados pelo espinho da inveja... (*Catena Aurea in Lucam cp 11 lc 4*)

*A inveja morde*

5. Alguns estavam mordidos de inveja. (*Catena Aurea in Mt cp 20 lc 1*)

*A inveja é cega*

6. Porque estavam completamente dominados pela cegueira da inveja. (*Catena Aurea in Mt cp 27 lc 4*)

*A inveja queima*

7. Torturados de inveja, queimados de inveja. (*Catena Aurea in Mt cp 21 lc 4*)

8. Vejo, mas não invejo. (*Catena Aurea in Io. cp9 lc 4*)  
“Video, sed non invideo.” (trocadilho de Santo Agostinho)

A inveja é associada, até etimologicamente, ao mal-  
ver e ao não-ver (in-vejo = não vejo) – não querer ver: “O  
vizinho comprou uma Ferrari? Não sei, eu não vi”. Daí que  
Dante, no *Purgatório*, situa os invejosos no segundo patamar,  
com os olhos costurados com arame, castigo apropriado para  
quem quer não ver...:

Fio de ferro as pálpebras prendia  
A todas, como ao gavião selvagem  
Para domar-lhe a condição bravia (XIII, 70-72).

9. Há certos pecados que se cometem por tristeza,  
como a acídia e a inveja. (*In IV Sent. d 17, q 2, a 2, 1*)

É interessante notar que nesses vícios capitais (v.  
“Pecado capital da acídia”), que geram outros pecados, vê-se  
que a tristeza pode ser uma poderosa força na autodestruição  
humana...

10. Só a soberba e a inveja são pecados puramente  
espirituais, portanto do âmbito possível dos demônios. (*I, 63,*  
*2 ad 2*)

Aguda e terrível observação.

11. Como a inveja se ressentida da glória de outrem,  
enquanto ela diminui a glória desejada, apenas sentimos  
inveja daqueles a quem pretendemos igualar-nos ou a quem,  
em glória, nos preferimos; o que não se verifica quanto aos  
que estão de nós muito distantes. Com efeito, ninguém, a não

ser um louco, se empenha em igualar ou superar em glória os que são muito maiores: não só o rei não inveja o plebeu, mas também o plebeu não inveja o rei. E, assim, um homem não inveja os que estão muito longe por lugar, tempo ou prestígio, mas os que estão perto – esses são os que incomodam – e aos quais ele quer se igualar ou superar. (*II-II, 36, 1, ad 2*)

Fina tirada. Não invejo a fortuna do Elon Musk, mas o salário de meu cunhado, que é um pouco maior do que o meu... E nessa mesma linha, a seguinte sentença:

12. É frequente que homens que exercem o mesmo ofício se comportem insidiosa e invejosamente entre si. É como diz o provérbio: “oleiro inveja oleiro” e não carpinteiro. (*Super Ev. Io cp 3, lc 4*)

## **(A) Inveja II – seu antônimo: *synkhaírein***

A inveja é muito conhecida, falada e temida – teria até poderes destruidores sobre plantas, animais, crianças e adultos – e há uma variedade de amuletos para defesa contra essa terrível energia negativa (alho, figa, variadas plantas para espantar mau olhar etc.); mas dispomos, na linguagem viva, de uma palavra que expresse exatamente o seu contrário, seu antônimo?

Se a inveja é basicamente o entristecer-se pelo bem alheio, seu contrário deve ser o alegrar-se pelo bem do outro. Uma palavra que se aproxima é “congratular”, mas é formal, opaca e pouco usada entre nós. Ela expressa a alegria compartilhada pelo bem do outro, com quem nos congratulamos, isto é, nos co-alegramos (manifestamos nossa



alegria). Essa comunhão na alegria é sugerida também pela forma depoente dos verbos latinos *gratulor* e *congratulor*. A forma depoente está a indicar que a ação descrita no verbo não é ativa nem passiva, mas uma ação que, exercida pelo sujeito, repercute nele mesmo. Ou seja, no caso, que a alegria que externamos ao felicitar tal pessoa é também nossa: tornamos próprio o bem do outro.

Em diversas de suas obras, o pensador espanhol Pedro Laín Entralgo sugere uma palavra do grego, *synkhaírein*, empregada pelo apóstolo Paulo em seu célebre capítulo 12 da Primeira Epístola aos Coríntios, no qual comenta como os cristãos somos membros de um mesmo corpo e estamos interligados.

Assim como o invejar é deletério, o *synkhaírein* é situado por Laín no centro mesmo da estrutura real do amor de amizade cristão, que, em sua plenitude, deve ser compassivo e congratulante, mas a primazia é do *synkhaírein*.

Compassivo e congratulante. A compaixão, o fato e o hábito moral de padecer simpaticamente com o outro as vicissitudes penosas de sua vida pessoal, é dever elementar da convivência amistosa. Mas histórica, moral e religiosamente, esse dever se situa abaixo do mandamento da congratulação. “Se um membro padece – diz São Paulo aos Coríntios – todos os outros membros padecem com ele (*sympaskhei*); se um membro recebe honra, com ele se alegram (*synkhaírei*) todos os membros” (I Cor., 12, 26).

Para além do mero *sympaskhein*, do simples “compadecer”, com suas patentes ressonâncias fisicistas e estóicas, São Paulo estabelece o dever do *synkhaírein*, a ação de “congratular-se”, de celebrar como própria, a alegria alheia. Compadecer é fácil; congratular-se *de verdade*, nem tanto. O hábito de uma congratulação real

e não meramente formal e social, é um bom *test* cristão para estimar retamente a verdadeira disposição dos homens com relação à convivência e à amizade<sup>48</sup>.

A seguir, Laín distingue no amor de amizade cristão, o “amor de proximidade” (ao “próximo”) e “amor de amizade *stricto sensu*”; aquele, dirigido a “uma pessoa”; este, a tal pessoa determinada. O samaritano, tipo cabal do amor ao próximo, pode muito bem ter se despedido sem saber sequer o nome do homem a quem socorreu tão caritativamente: tratou-o como pessoa e não como objeto, mas não houve amizade em sentido estrito. Esta só ocorre quando dirigida “à singularíssima e intransferível pessoa do amigo, e só a ela, em princípio” (o que se dá quando há confiança).

A propósito dessa amizade, limitada a poucos, Laín lembra a ponderação de Aristóteles: é difícil congratular-se (*synkhaírein*) e condoer-se (*synalgein*) intimamente com muitos (*Et. Nic.*, IX, 10, 1171 a 7). E, neste caso, mais do que a mera formalidade expressa por nossa palavra protocolar, “congratulações”, o *synkhaírein* envolve profunda alegria, admiração e entusiasmo...

## **Jogar (?) verde para colher maduro**

Essa sesquicentenária expressão – aparece na BN por primeira vez em 1881 – só se consolidou, absoluta, com o verbo “jogar” nos anos 60. Em seus primeiros 50 anos na BN a forma esmagadoramente majoritária é com “plantar” (14

---

<sup>48</sup>. *La amistad entre el médico y el enfermo en la Edad Media*. Madrid: Gráficas Uguina-Melendez Valdés, 1964. pp. 21-22.

ocorrências), seguida de “semear” (5 vezes), “atirar” (4), “deitar” (2), “lançar”, “botar” e “jogar” (1 cada). Curiosamente, esta última (hoje, exclusiva) tem sua única incidência na BN, em suas cinco primeiras décadas, precisamente no primeiro uso que a imprensa faz da locução, em artigo assinado por “Um deputado provincial”:

Realmente eu não sabia nada de positivo a respeito, e joguei verde para colher maduro.  
 (“A Tribuna Livre” GO, 07-05-1881)

Se a forma originariamente prevalente, “plantar” (a de sempre em Portugal) é muito mais clara etimologicamente do que a opaca “jogar verde para colher maduro” por que esta acabou prevalecendo? Talvez pelo significado de “arriscar”, embutido no “jogar” (de aventurar-se), que claramente se liga ao ato indicado pela expressão...

## **“Let it be” dos Beatles é hino a Nossa Senhora?**

Em 14-11-2001, o importante jornal “la Razón” iniciou uma intensa polêmica (que dura até hoje...) na Espanha (e Hispanoamérica) com o artigo “*Polémica con ‘Let it be’ que podría ser un canto a la Virgen*”, dedicado a comentar un artigo meu<sup>49</sup> no qual aventei essa hipótese.

---

<sup>49</sup>. Em português (“Mother Mary comes to me...” em meu livro “Filosofia, Linguagem, Arte e Educação”, disponível em: <https://www.jeanlauand.com/FilosofiaArte.pdf>).

INICIO

PORTADA

CANELA FINA

OPINION

NACIONAL

INTERNACIONAL

CULTURA

MADRID

SOCIEDAD

RELIGION

ECONOMIA

ESPECTACULOS

GENTE

TOROS

**LA RAZÓN**  
digit@l

miércoles 14 de noviembre de 2001

---

Busca en nuestro Web

## RELIGIÓN

### Polémica con «Let it be» que podría ser un canto a la Virgen

**José Ángel Agejas - Madrid.-**  
Jean Lauand, catedrático de filosofía de la educación de la Universidad de Sao Paulo, ha publicado un **artículo** en el que defiende que la canción «Let it be» de Paul McCartney, que da título al último álbum de los Beatles, es una oración a la Virgen María.

**Canción religiosa**

El ex componente del grupo ha explicado que el origen de esa canción está en una visión que una noche tuvo de su madre, María, muerta cuando él tenía 10 años. Pero la canción sigue en el disco a otra, titulada «Lady Madonna», dedicada a las mujeres trabajadoras de Liverpool, pero que, como el mismo Paul contó en una entrevista, la mayoría de las mujeres trabajadoras que él conocía en Liverpool eran católicas y había una gran vinculación entre ellas, sus hijos y la Virgen María, «por lo tanto, el concepto original era la Virgen María como símbolo de toda mujer, la imagen de la Madonna aplicada a la mujer trabajadora. Es realmente un tributo a la figura de la madre». Según este profesor brasileño, es desde esta clave como hay que leer la letra de «Let it be», que no significa sólo «déjalo estar», como muchos traducen, sino también «que así se haga», puesto que es en inglés la expresión del «hágase» de María ante el anuncio del ángel. La madre le repite a lo largo de la canción constantemente ese lema: «Let it be». La canción se iba a titular en un inicio «Mother Mary», y según él mismo confiesa, «la hice como algo casi religioso».

**Una letra espiritual**

Lauand hace una lectura del contenido de la canción. La primera estrofa empieza describiendo que «cuando me encuentro en momentos de tribulación, Mother Mary viene a mí, diciendo palabras de sabiduría (...) Y en la hora de la oscuridad ella se alza ante mí, diciendo palabras de sabiduría, susurrando palabras de sabiduría». Esas palabras, «Let it be», «hágase» según este profesor, expresan la sabiduría por excelencia de María, la imagen de toda mujer.

Paul McCartney atravesaba en aquellos momentos por unas dificultades muy especiales, como él mismo confiesa en una entrevista: «Era un período muy difícil. John estaba con Yoko todo el tiempo, y nuestra relación estaba empezando a derrumbarse: John y yo atravesábamos un período muy tenso. La ruptura de los Beatles se asomaba en el horizonte y yo estaba muy nervioso. Personalmente era una época muy difícil para mí: las drogas, el stress, el cansancio y casi todo empezaba a pasarme su peaje.»

**Música para la esperanza**

La canción «Let it be» concluye con una invocación a la esperanza para todos los que sufren: «Aunque se separen/ sigue habiendo una posibilidad de que comprendan/ de que habrá una respuesta, hágase».



Paul McCartney en concierto

TIEMPO

CLASIFICADOS

OCIO

CARTAS AL DIRECTOR

Versión para imprimir

[Imprimir](#)

A célebre “Let it be” dos Beatles foi composta em momentos dramáticos e ainda que Paul McCartney afirme que se trata de uma evocação de sua mãe, Mary McCartney, é muito possível ver aí também Maria de Nazaré<sup>50</sup>. Nessa

<sup>50</sup> Da canção ““Lady Madonna”, Paul afirma: ““Lady Madonna’ started off as the Virgin Mary, then it was a working-class woman, of which obviously there’s millions in Liverpool. The people I was brought up amongst were often Catholic; there are a lot of Catholics in Liverpool because of the Irish connection and they are often quite religious. When they have a baby I think they see a big connection between themselves and the Virgin Mary with her baby. So the original concept was the Virgin Mary but it quickly became symbolic of every woman; the

canção, Paul McCartney encara momentos difíceis da vida (“*times of trouble*”), hora escura, noite sombria (*hour of darkness, cloudy night*) etc. Aqui se trata sobretudo do desmoronamento de todo o projeto “The Beatles”, problemas com drogas etc.<sup>51</sup>. Então, numa noite – é o próprio Paul quem o narra – aparece-lhe em sonhos a mãe, falecida há dez anos, para confortá-lo e tranquilizá-lo<sup>52</sup>. Na mesma entrevista, perguntado pelo caráter religioso da canção, afirma: “Mother Mary makes it a quasi-religious thing, so you can take it that way”.

Seja como for, é muito importante notar que o próprio refrão “let it be”, repetido na canção por Maria, a Mãe, não é só – como pensam muitos dos leitores brasileiros – uma fórmula banal como: “Deixa estar”, “Não esquentá, não!”, “Deixa prá lá!”, mas é a própria sentença – (speaking words of wisdom: “let it be”) – com que Maria de Nazaré expressa sua sabedoria. De fato, a palavra de sabedoria por excelência é o *fiat* de Lc 1, 38: “Faça-se em mim segundo a tua palavra...”, que em inglês soa precisamente: “**Let it be** to me according to your word”.

O artigo foi lembrado, mais de vinte anos depois, em 2012, quando um jornalista espanhol, famoso por suas

---

Madonna image but as applied to ordinary working-class woman. It’s really a tribute to the mother figure, it’s a tribute to women”. Miles, Barry. *Paul McCartney – Many Years From Now*. Secker & Warburg. London, 1997, p. 449.

<sup>51</sup> O próprio Paul fala das circunstâncias em que compôs “Let it be”: “This was a very difficult period. John was with Yoko full time, and our relationship was beginning to crumble: John and I were going through a very tense period. The breakup of the Beatles was looming and I was very nervy. Personally it was a very difficult time for me, I think the drugs, the stress, tiredness and everything had really started to take its toll. I somehow managed to miss a lot of the bad effects of all that, but looking back on this period, I think I was having troubles”. *Ibidem*, p. 538.

<sup>52</sup> It was such a sweet dream I woke up thinking, Oh, it was really great to visit with her again. I felt very blessed to have that dream. So that got me writing the song ‘Let It Be’. I literally started off ‘Mother Mary’, which was her name, ‘When I find myself in times of trouble’, which I certainly found myself in. The song was based on that dream”. *Ibidem*, p. 538

“ousadas” (ou disparatadas) polêmicas, César Vidal Manzanares, declara no rádio<sup>53</sup> a “ortodoxia católica do dogma” dos Beatles (além de outras “pérolas” como a de que, tirando uma dúzia de canções, são medíocres, plagiadores etc.). E toma, sem me citar, os argumentos de meu artigo, absolutizando-os. A reação veio dos próprios críticos espanhóis. Um deles escreveu no site do próprio César Vidal:

En esto, como en casi todo, Vidal extrapola, para variar... La hipótesis del “Let it be” de los Beatles como himno mariano es una hipótesis con firma de autor [mais um dos tantos plágios de meus escritos]. Y su autor no es precisamente César Vidal, sino un académico católico de Brasil (al que Vidal no cita, claro), que la plasmó en cierto oportuno artículo que alguna fortuna tuvo en su día en España. Concretamente se trata del prof. Jean Lauand, catedrático de Filosofía de la Universidad de Sao Paulo.  
(<http://www.libertaddigital.com/opinion/cesar-vidal/hay-salida-xvi-filadelfia-64406/3.html>)

## **Maria chuteira**

A gíria “Maria chuteira” (“Botineras” na Espanha e Argentina) foi criada para pejorativamente designar a mulher que busca “envolvimento” interesseiro com jogadores de futebol, procurando mais obter fama, dinheiro ou ascensão

---

<sup>53</sup>. O programa pode ser ouvido em: <http://esradio.libertaddigital.com/fonoteca/2012-05-08/el-primer-piso-de-herrero-la-crisis-hace-perder-al-pp-cuatro-puntos-43766.html>. E os comentários de César Vidal, aparecem a partir do minuto 19.

social do que um relacionamento genuíno. O surgimento da expressão e sua vigência (alcançando filmes, séries, novelas etc.), naturalmente, acompanham a época em que os futebolistas se consolidam como celebridades, com supersalários. Sua primeira aparição na BN dá-se em 1 de julho de 1990, como uma das “Jóias do novíssimo futebolês” do “Diário do Pará”.

### **Nem contra nem a favor, muito pelo contrário**

Essa expressão, atribuída ao político mineiro Benedito Valadares, aparece por primeira vez na BN em 1954, em ácido artigo do polêmico crítico de rádio Djalma Maciel, que investe contra o jornal “O Globo”, acusando-o de:

realizar na crônica de “broadcasting” [rádio] aquele medroso programa de “jamais ser contra, nem a favor, muito pelo contrário” – programa que orienta a opinião e a informação do simpático rotativo (...) em todos os assuntos que dizem respeito a seu interêsse econômico!  
(“Fon-Fon” RJ, 28-08-1954)

Com essa única aparição nos anos 50, viria a se popularizar na BN década de 60, sendo, a partir de então, muito usada também em primeira pessoa, como que permitindo – pela jocosidade da expressão – assumir uma cômoda neutralidade ante assunto espinhoso...

## **Num abrir e fechar de olhos**

A expressão natural para indicar algo feito rapidísimamente, instantaneamente é “num abrir e fechar de olhos”: já presente na BN desde 10 de novembro de 1828, no “Diário do Rio de Janeiro”, em missiva do Bacharel Manoel José Cardoso Junior, que declara ser seu maior prazer, ante os pedidos feitos, assegurar que...:

por utilidade publica, num abrir, e fechar de olhos, tudo seja providenciado.

Já em 1841 surge na BN também, a expressão equivalente “em hum piscar de olhos”:

já não se mostrava brutal e insolente triumphando em hum piscar de olhos, deixando a seus inimigos o tempo apenas de apararem os golpes.  
 (“Jornal do Commercio” RJ, 09-11-1841)

Nas décadas de 10 e 20 do século 20, surge uma outra metáfora para rapidez e instantaneidade: “electricamente”. Assim lemos em “O Parafuso” (SP, 09-09-1919), um articulista escrever que no tribunal, viu que na composição de um júri, quando o escrivão propunha os nomes de Fulano ou Beltrano:

Os que electricamente a promotoria recusava, vim a saber depois, eram intransigentes na absolvição...

E na edição de julho de 1926, em artigo para a revista “Brasiliana” (RJ) sobre o significado de algumas expressões, o autor curiosamente usa “electricamente” para explicar o sentido de “Num abrir e e fechar de olhos”.



## **Ótima noite e um excelente fim de semana**

A tendência brasileira ao exagero, manifesta-se também no campo das saudações. Assim, nosso telejornalismo é campeão mundial no quesito cumprimentar o telespectador (moda tupiniquim iniciada – segundo ela mesma – pela jornalista Elisabete Pacheco). Enquanto praticamente as TVs do mundo todo vão ao assunto diretamente, aqui, antes de iniciar sua matéria, é necessário que o repórter cumprimente toda a bancada e os telespectadores: “Boa noite William, boa noite Renata, boa noite a todos os que nos assistem...”. O próprio “bom dia”, “boa noite” vão se tornando votos menores e quase mesquinhos e é preciso potenciá-los: “Uma ótima noite e um excelente fim de semana...”. Se não há exagero ao expressar votos ou apreço, corremos o risco de ferir a susceptibilidade do brasileiro, campeão mundial de melindres e emotividade. Enquanto isso, os frios ingleses estudam seriamente a abolição até do ponto de exclamação da gramática da língua!!

## **Pandarecos, cacarecos, tarecos e trecos**

“Pandarecos”, restos de coisas destruídas, frangalhos (Houaiss) e seu aparentado “cacareco”, objeto velho e/ou bastante usado, objeto sem valor (Houaiss) são, na verdade, muito mais antigos do que as datações que lhes dá o Houaiss (século 20 e 1913, respectivamente). Curiosamente, ambos surgem na BN no ano de 1847.

Na poesia satírica contra um tal Jozino:

Embrulhado nas Cuécas  
Enforquilha-se no Baio;  
Corre veloz como um raio  
Traz o mundo em pandarécos  
("O BemTeVi" MA, 21-10-1847).

E o proprietário de um imóvel notifica o ex-inquilino Saturnino Correia, que deixou a casa sem quitar o aluguel, que ele tem prazo de oito dias para resgatar "seus trastes":

depois do qual não responde o proprietário da  
mesma casa por taes cacarecos.  
("Diario de Pernambuco", 20-03-1847).

Naturalmente, essas palavras prestam-se facilmente a rimas, como na poesia que celebra o fracasso da incursão militar boliviana, promovida por Ismael Montes e José Manuel Pando na guerra do Acre, rechaçada por forças brasileiras, que deixou:

Cães e tropa a cacarécos:  
Acre – *desacreditado*,  
Montes – *todo desmontado*,  
Pando – feito em *pandarécos*!  
("O Rio-Nú", 04-04-1903)

Encontramos também, desde os primórdios de nossa imprensa, "tareco", sinônimo de cacareco. Também aparentada com as já citadas está "treco".

E assim, entre tralhas, trambolhos, trastes e afins, as palavras terminadas nesse pejorativo "-eco", pela sonoridade, ganham uma distinção, como no famoso caso do(/a) Cacareco, nome da rinoceronte que foi de muito longe a mais votada (voto de protesto...) na eleição para vereador em São Paulo em outubro de 1959, fato celebrado na marchinha de sucesso do carnaval de 1960:

Ca-ca-ca-ca-re-co  
Cacareco, Cacareco é o maior  
Ca-ca-ca-ca-re-co  
Cacareco de ninguém tem dó  
(compositores: Risadinha e José Roy)

### **Para seu governo, fique sabendo que...**

Essa expressão, muito usada antigamente, era, em geral, nada amistosa: a ignorância – de determinado fato – pelo interlocutor, leva-o, além do mais, a tomar decisões equivocadas no governo de sua vida. Ou seja, antes de me aborrecer com suas impertinências, vá se informar primeiro e eu mesmo posso lhe dar o conhecimento que está faltando.

Em um caso típico, o marido furioso, discute com a mulher, por esta ter torrado 3 milhões de cruzeiros na compra de um quadro sem valor real, “um borrão idiota”:

Ele – Eu sei o que se passou, eu sei muito bem. Você não pagou três milhões pelo quadro; você pagou muito menos e gastou o dinheiro com outras bobagens.

Ela – Alfredo, eu não admito uma suspeita tão insultuosa. Para seu govêrno, fique sabendo que a Alice me ofereceu quatro milhões à vista pelo quadro. Quatro milhões, ouviu? Eu não tenho culpa de você não entender nada de arte.

(“Joia” RJ, dezembro de 1966)

A primeira aparição da expressão na BN, em forma ligeiramente diferente, é de 1862: em carta à redação, uma associação protesta veementemente contra os ataques que tem sofrido na imprensa, assinados com pseudônimo:

Fazemos-lhes esta advertência, para seu governo, e fique sciente que esta associação até esta data tem sido louvada (etc.)  
("O Moderado" RJ, 10-06-1862)

Essa expressão, ao ligar conhecimento e atos (governo da própria vida), remete à clássica Prudência. Pois as grandes e pequenas decisões que tomamos em nossa vida só serão boas (especialmente no âmbito moral-existencial) se se basearem no conhecimento da realidade. É o que afirma a grande tradição filosófica do Ocidente ao estabelecer a primazia da virtude da *prudentia* – a virtude da decisão certa, a do reto conhecimento – que para o pensamento cristão clássico é também a principal das virtudes cardeais (uma virtude intelectual!): é dela o governo da conduta.

Se hoje a palavra “prudência” tornou-se aquela egoísta cautela da indecisão “em cima do muro”, em S. Tomás de Aquino, ao contrário, *prudentia* expressa exatamente o oposto da indecisão. É a arte de decidir corretamente, isto é, com base não em interesses oportunistas, não em sentimentos piegas, não em impulsos, não em temores, não em preconceitos, mas unicamente com base na realidade, em virtude do límpido conhecimento do ser. É esse conhecimento do real que é significado pela palavra *ratio* na definição de *prudentia: recta ratio agibilium*, “reta razão aplicada ao agir”, como repete, uma e outra vez, S. Tomás de Aquino.

*Prudentia* é ver a realidade e, com base nessa visão, tomar a decisão certa. Sem esse referencial, nossa vida ficaria mal governada ou desgovernada, pois esse ver a realidade é somente uma parte da *prudentia*. A outra parte, ainda mais decisiva (literalmente), é transformar a realidade vista em decisão de ação, em comando, é para o governo de si próprio.

## **Pecado capital da acídia em vez de preguiça?**

Em nossa língua, a palavra “acídia” é praticamente desconhecida. Ela designava um dos pecados capitais, que acabou sendo substituído pela preguiça. E com isso, perdemos um importantíssimo conceito teológico (e antropológico).

Para analisar este caso, recordemos o que são os pecados capitais.

A sesquimilenar ideia de pensar as forças da autodestruição em pecados capitais exerce forte atração no homem contemporâneo. Ideia genial: a organização de dezenas de vícios em poucos eixos, que, consolidados em sete, têm o atrativo adicional que tal número produz na imaginação.

Comparada à doutrina dos mandamentos, a dos pecados capitais não tem, na história, fixidez em número e conteúdo: na origem, eram oito e, de autor a autor, variam num ou noutro elemento semântico.

O atual *Catecismo da Igreja Católica*, no ponto 1.866, traz como pecados capitais: soberba, avareza, inveja, ira, impureza, gula e preguiça **ou** acídia.

Sugestiva, intrigante, ambiguidade: a familiar preguiça ou a desconhecida acídia? Ou o *Catecismo* as vê como sinônimas? Na verdade, parece não se querer propor como capital um pecado do qual ninguém ouviu falar; e talvez se tenha vergonha de alçar, sem mais, a inofensiva preguiça ao posto.

Se a preguiça parece pecadilho, a acídia é coisa séria: é a tristeza pelo bem espiritual; a queimadura interior de quem recusa os bens do espírito.

Por séculos, essa tristeza foi pecado capital. O filósofo alemão Josef Pieper nota que não há conceito ético

mais aburguesado na consciência cristã, que o de acídia. E faz uma formulação forte em *Virtudes Fundamentales* (Madrid, Rialp, 1976, pp. 393-394):

O fato de que a preguiça esteja entre os pecados capitais parece que é, por assim dizer, uma confirmação e sanção religiosa da ordem capitalista de trabalho. Ora, esta ideia é não só uma banalização e esvaziamento do conceito primário teológico-moral da acídia, mas até mesmo sua verdadeira inversão.

Para São Gregório Magno (papa de 590 a 604), os pecados capitais são: vanglória, inveja, ira, tristeza, avareza, gula e luxúria. Se os mandamentos estão na Bíblia, os vícios capitais são elaboração de pensamento, fruto da “experiência cristã”, a dos padres do deserto, que realizaram uma tomografia da alma e descobriram possibilidades para o bem e o mal.

Como num rali, em que as máquinas passam por condições extremas, o monaquismo originário testava os limites antropológicos, no corpo e no espírito (jejum, vigília, oração, etc.). Nesse quadro, surgiu a doutrina dos pecados capitais.

As primeiras tentativas de organizar essa experiência remontam a Evágrio Pôntico, João Cassiano e Gregório Magno, mas só muito depois há a consolidação de Tomás de Aquino (século 13), que repensa (de modo amplo e sistemático) a antropologia subjacente aos vícios capitais.

Os vícios capitais para Tomás são: vaidade, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e acídia.

Derivam de *caput*: cabeça, líder, chefe; sete poderosos chefões que comandam, produzem outros vícios subordinados. Assim, são vícios que gozam de especial

“liderança” (nos dois sentidos: estar em primeiro lugar e dirigir, ser *leader*).

Vício é restrição à autêntica liberdade e condicionamento para agir mal. A acídia é tristeza. Não só é um mal, mas fonte de outros males e assim escreve Tomás de Aquino:

Como já dissemos, vício capital é aquele do qual naturalmente procedem – a título de finalidade – outros vícios. E assim como os homens fazem muitas coisas por causa do prazer – para obtê-lo ou movidos pelo impulso do prazer – assim também fazem muitas coisas por causa da tristeza: para evitá-la ou arrastados pelo peso da tristeza. E esse tipo de tristeza, a acídia, é convenientemente situado como vício capital (II-II q. 35, a.4).

Acídia é base de atitudes contrárias: uma leva à ação, a um ativismo, e outra é inação (o momento secundário, no qual que acídia e preguiça se ligam). Se a tristeza da acídia leva à inação, leva também à inquietude, à ação desenfreada. Para já, vale o poema *A troca de pneu (Der Radwechsel)* de Bertolt Brecht:

Fico sentado à beira da estrada  
O chofer troca o pneu  
Não “tô legal”, lá de onde venho  
Não “tô legal”, lá para onde vou  
Por que sigo a troca do pneu  
Com impaciência?  
(*Ich sitze am Straßenhang / Der Fahrer  
wechselt das Rad / Ich bin nicht gern, wo ich  
herkomme / Ich bin nicht gern, wo ich hinfahre/  
Warum sehe ich den Radwechsel / Mit  
Ungeduld?*)

No fazer e no não-fazer, o tédio. Fernando Pessoa, no *Livro do desassossego* (#263), diagnostica tal tédio em múltiplos aspectos; limitemo-nos à passagem em que o problema não está no trabalho ou no repouso, mas no centro do eu:

O tédio... Trabalho bastante. Cumpro o que os moralistas da acção chamariam o meu dever social. Cumpro esse dever, ou essa sorte, sem grande esforço nem notável desinteligência. Mas, umas vezes em pleno trabalho, outras vezes no pleno descanso que, segundo os mesmos moralistas, mereço e me deve ser grato, transborda-se-me a alma de um fel de inércia, e estou cansado, não da obra ou do repouso, mas de mim.

Como vício capital, a acídia tem filhas. A primeira é o desespero, a que Pieper liga uma “irmã”, a pusilanimidade. Paralisado pela vertigem, pelo medo das alturas espirituais e existenciais a que Deus o chama, não há ânimo ou vontade de ser tão grande como está chamado a ser; abdica-se do “tornate o que és”, a sentença com que Píndaro resume toda a ética. Se passamos ao plano da graça, a acídia é um aborrecer-se de que Deus o tenha elevado ao plano da filiação divina, à participação em sua vida.

Queimado por essa tristeza suicida, surge a *evagatio mentis*, a dispersão de quem renuncia a seu centro interior e entrega-se à *importunitas*: abandonar a torre do espírito para derramar-se no variado, afogando a sede na água salgada de compensações e prazeres da ação desenfreada: o falatório inócuo (*verbositas*), o agitar-se (*instabilitas*), a incapacidade de concentrar-se num propósito (*instabilitas*) e um afã desordenado de sensações e conhecimento (*curiositas*).

Evidentes os perigos: desenraizamento, abdicação do processo de auto-realização do eu, que passa a espalhar-se no variado (*importune ad diversa se diffundere*). Se já Pascal,



em *Pensamentos* (136/139), diz que a infelicidade vem de o homem não poder estar a sós num quarto, hoje as possibilidades de dispersão se ampliaram.

Doença, pecado ou misto de falta moral e enfermidade, a tristeza é força destruidora, convidando a (ou impondo...) compulsões: das drogas ao jogo, do consumismo ao *workaholism*, da imersão descontrolada em celulares e redes sociais etc. Por trás disso, não há algo daquela *desperatio*, da *curiositas*, da *evagatio mentis*, da *instabilitas*?

Hoje, mais do que nunca, vale o alerta da sabedoria dos antigos: vício capital é a acídia...

## **(Com o) Perdão da palavra**

Se hoje – para o bem e para o mal – tendemos a uma linguagem mais direta e por vezes crua, antigamente havia maior pudor da fala / escrita, que levava a evitar (atenuar ou disfarçar) palavras e expressões do escabroso, escatológico ou simplesmente chulo e grosseiro. Se bem que, comparativamente, a imprensa do século 19 era mais agressiva e direta em embates pessoais, intelectuais ou políticos, mas sem palavrões.

Nossos tabuísmos deram origem a, por exemplo, eufemismos nas interjeições: “puxa”, “puxa vida”, “poxa”, caramba<sup>54</sup>, “caraca”, “cacilda”, “pombas”, “putz” etc. e outras formas atenuadas substitutivas de palavrões, como “ponte que partiu” (relativamente frequente na BN desde 1968). E também a fórmula “Com perdão da palavra”, com

---

<sup>54</sup>. Cf. Blog de Sérgio Rodrigues (31-07-2020). <https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/caramba-puxa-e-outros-eufemismos> Acesso em 05-12-2023.

que o falante anunciava que ia tomar a liberdade de se permitir o uso de um vocábulo ou locução “inconveniente”... É o caso do verso de Adélia Prado: “Com perdão da palavra, quero cair na vida”<sup>55</sup>.

Pode ser histórica e sociologicamente interessante, verificar como, em outras épocas, se fazia uso da expressão e quais palavras vinham acompanhadas do pedido de perdão. Assim, já na primeira aparição na BN (“Correio Mercantil” RJ, 06-04-1851), ao referir-se a uma “grandíssima asneira” de Fulano, segue-se “com perdão da palavra”. O mesmo após mencionar “diarréia” e “vômito” (“Correio Paulistano” 21-12-1855), novamente junto a uma qualificação de “asneira” (“Diario de Pernambuco” 24-05-1859), “estes Phariseus” (“Argos” SC, 04-07-1857), e em um excesso de pudor (“O Novo Iris” SE, 04-11-1851”), ao dizer que a ignorância “engendra (com perdão da palavra) o orgulho”. O “Brasil Commercial RJ, 18-05-1858” pede perdão até para referir-se a alguém que pudesse aceitar “uma tarefa corruptora”! Não poderia faltar alguma referência ao diabo: “com o perdão da palavra, disse o que o diabo esqueceu no inferno! Desaforo!!” (“Correio Paulistano” 26-02-1865). Pede-se perdão pela palavra de gíria: o júri deixou livres dois “innocentões” (“Correio Paulistano” 18-03-1865). O mesmo jornal (02-04-1865), ao referir-se ao infeliz nome de um beco paulistano, “beco do Solano” pede o perdão da palavra, que é o nome do vilão da Guerra do Paraguai, então em curso, “o generalito Lopes”. Nem o antigo dito da porca é poupado: “Aqui he *que a porca torsse*, com perdão da palavra, o *rabo*” (“Diario de S. Paulo”, 03-04-1866). O “Bazar Volante” (RJ, No. 21,

---

<sup>55</sup> Adélia Prado, “O alfabeto no parque” em *Poesia Reunida*, Siciliano, 1991, página 260. Já a sentença de Clarice Lispector: “Com perdão da palavra, sou um mistério para mim” (“Jornal do Brasil” RJ 22-08-1970), parece indicar um outro tipo de “impropriedade”, como se ela pedisse perdão para a grandiosa palavra “mistério”, algo de origem divina (cf. verbete “*Deus Ludens*”), por uma espécie de “profanação”...

1864) pede perdão por ter deixado escapar a palavra “entrudo”, sinônimo de carnaval, banido pela polícia, dez anos antes, pelos excessos nas “brincadeiras” a que estava ligado, dando lugar ao moderno carnaval.

Na imprensa atual, o uso da expressão “com perdão da palavra”, serve para acompanhar palavrões explícitos (muito mais frequentes do que nos séculos 19 e até meados do 20) e também, jocosamente, após usar palavras pouco usuais (como “efeméride”, “despautério” etc.) e ainda no sentido irônico, invertido, como fazia “O Pasquim”: “Com perdão da palavra, você é fiel?” (18-12-1969). O mesmo jornal referia-se a desafetos, por exemplo Nelson Rodrigues, acrescentando o pedido de perdão assim que citava seu nome...

## **Princípio ou começo?**

“Princípio”, *arkhé*, com seu precioso sentido confundente, é uma dessas palavras-chaves que herdamos dos gregos (via as traduções de Boécio para o latim). Graças a ela, na língua portuguesa podemos acessar importantes setores da realidade, o que não ocorre, no caso, em línguas como o alemão ou o inglês. Referimo-nos ao aspecto de que princípio não é mero começo, mas como diz Heidegger – comentando a afirmação de Platão e Aristóteles de que a admiração é o princípio (*arkhé*) do filosofar – um começo que se projeta em cada passo e impera no interior do processo (*beherrschendes Woher*). Assim, arrumar o espelho retrovisor ou afivelar o cinto de segurança são ações que fazemos para o início de nossa viagem de automóvel; mas o motor ligado é que é o princípio do movimento do carro: é ele que domina-

desde-dentro (*beherrschendes Woher*) cada segundo de seu andamento.

Se um pontapé inicial num jogo de futebol é um mero começo, que pode até ser delegado a alguma celebridade, uma abertura de xadrez já tem algo de princípio: um *fianchetto*, como primeiro lance, prenuncia uma partida “fechada”... (uma diferença entre “to begin” e “to start” é que este se aplica, quando se trata do início de algo mais amplo ou contínuo, como um processo ou uma atividade – mas, claro, não alcança a profundidade de nosso “princípio”).

Heidegger (o mesmo que afirmou só ser possível filosofar em alemão ou grego) reconhece a pobreza de não dispor de “princípio” em sua língua e se vê obrigado a explicar seu sentido para o leitor alemão:

O espanto é, enquanto páthos, a *arkhé* da filosofia. Devemos compreender, em seu pleno sentido, a palavra grega *arkhé*. Designa aquilo de onde algo surge. Mas este “de onde” não é deixado para trás no surgir; antes, a *arkhé* torna-se aquilo que é expresso pelo verbo *arkhein*, o que impera. O páthos do espanto não está simplesmente no começo da filosofia, como, por exemplo, o lavar das mãos precede a operação do cirurgião. O espanto carrega a filosofia e impera em seu interior (O que é isto – a filosofia. In: *Os Pensadores*, p. 219. São Paulo: Abril, 1973).

Limitemo-nos a um exemplo do poder de nossa palavra “princípio”. Quando lemos no início do Evangelho de João: “No princípio era o Verbo”, já se entende que não se trata simplesmente de um pontapé inicial dado na criação, mas que o Verbo, o Logos de Deus, dá em participação contínua a estrutura intrínseca de pensamento que cria e mantém os entes no ser. Algo que o mesmo versículo em

inglês ou alemão – “In the beginning was the Word” / “Im Anfang war das Wort”) não alcança...

## **Provérbios árabes – uma pequena amostra**

A imensa criatividade da gíria brasileira criou a expressão “é a cara de”. Quando uma realidade expressa muito bem uma outra, resume-a em alguns de seus traços essenciais, diz-se que “é (ou tem) a cara dela”. Zeca Pagodinho é a cara do Rio; no campo das instituições, “cara do Rio” é o futevôlei ou o estratégico feriado municipal de São Jorge, 23 de abril, que, “por acaso”, faz ponte com o nacional de Tiradentes... (já os feriados paulistas, 25 de janeiro e 9 de julho, têm a cara de São Paulo: caem nas férias escolares...).

Os provérbios são “a cara” do pensamento e da pedagogia árabes. Certamente, todas as sociedades e épocas criam, conhecem e cultivam provérbios, mas, no caso do árabe, eles expressam o núcleo mais profundo de sua cultura.

É natural que associemos “especialidades” a diversas sociedades, aquilo que é considerado típico de um povo, comunidade, região ou nação. Assim, carnaval é mais brasileiro do que, digamos, inglês ou alemão, e mais carioca ou baiano do que curitibano... São aquelas impressões de consenso, consolidadas pelo tempo e que, por isso mesmo, são denominadas “proverbiais”: a proverbial pontualidade britânica (nunca tipificaríamos a “pontualidade” baiana), a paciência beneditina (e não franciscana), a alegria baiana (e não suíça), a meticulosidade japonesa, a fidelidade da torcida corintiana etc.

O próprio provérbio é, ele mesmo, uma das especialidades proverbiais árabes (e, claro, também chinesa), junto com a hospitalidade, a imaginação poética e literária etc. Em todo o mundo, quando se fala em provérbio árabe, já se tem um *plus* de credibilidade em relação a provérbios de outras procedências, digamos, uruguaia, suíça, canadense etc. O ditado árabe parece gozar de uma aura de sabedoria, avalizada por uma tradição mais do que milenar, veiculada com concisão, engenhosidade, humor e ironia. Claro que estas últimas qualidades podem ocorrer em ditos de qualquer cultura, mas todos consideram especiais os provérbios árabes.

Nesse caso, porém, há ainda algo mais e de muito importante. Dedicamos nosso recente livro “O provérbio: expressão do sistema língua/pensamento árabe” (São Paulo: Cemoroc, 2024) a mostrar como o provérbio árabe guarda uma (surpreendente) relação especial com sua própria língua, constituindo como que a forma do pensar e do falar de seu povo. O sistema língua/pensamento árabe é muito próximo à forma dos provérbios, que, também por esta razão, se afirmam como “a cara” da cultura árabe. Dos 250 provérbios que traduzimos para aquela obra, procedem os 15 que apresentamos aqui, a título de amostra:

Dou uma tâmara ao pobre  
para sentir seu verdadeiro sabor.

Por causa da rosa, a erva daninha acaba sendo regada.

“De que filho a senhora gosta mais?”  
“Do pequeno, até que cresça; do ausente,  
até que volte; do doente, até que sare”.

“Há quanto tempo?”  
“Claro, tu não vais à mesquita, e eu não vou ao cabaré...”

O macaco, aos olhos de sua mãe, é uma gazela.

Bate no cão, tua noiva compreenderá...

Você quer pegar as uvas ou... matar o guarda?<sup>56</sup>

O pai dele é alho; a mãe, cebola. Como pode ele cheirar bem?

Não é por amor a Deus que o gato caça os ratos.

O mar brigou com o vento e quem virou... foi a barquinha<sup>57</sup>.

Na minha noite de núpcias  
ele vem pedir-me emprestado o pandeiro.

Quando perguntaram ao faminto: “Quanto é dois mais dois?”,  
ele respondeu: “Quatro pães!”

Não tendo achado nenhum defeito na rosa,  
apelidaram-na de “bochecha vermelha”.

“Se eu sou príncipe e tu és príncipe,  
quem é que vai atrelar o cavalo?”

“Podem ficar tranquilos: a raposa me garantiu  
que não vai mais pegar galinhas”.

Para apresentar ao menos um exemplo da ligação entre os provérbios árabes e o gênio de sua língua, fiquemos com a propensão ao concreto. Comparativamente, nossos provérbios puxam para o abstrato e, com isso, perdem vivacidade e força: o concreto é mais sugestivo.

Assim, para o nosso, tão abstrato: “A educação vem do berço”, encontramos como correspondente na tradição árabe: “O pai dele é alho; a mãe, cebola. Como pode ele

---

56. Quando já se obteve o que se queria, o melhor é ir embora quanto antes, sem expor-se inutilmente, sem querer tirar satisfações ou afirmar seu ego em discussões...

57. Emprega-se em situações nas quais quem “paga o pato” é o mais fraco e não tinha nada que ver com a briga dos poderosos, que continuam incólumes...

cheirar bem?”. Note-se que, na indefectível e decidida imersão no concreto imaginativo do pensamento oriental, o comportamento é, antes de mais nada, associado ao aroma. O árabe, ainda hoje, diante do filho que lembra os pais diz: “Min rihat umuhu (/abuhu)”, “ele tem o aroma de sua mãe (ou pai)” e, há dois mil anos, também na tradição semita, o apóstolo Paulo – 2 Cor 2,15 – escrevia que os cristãos devem exalar o bom aroma de Cristo (“bonus Christi odor”). Assim, o provérbio refere-se, de modo concreto, ao papel da família em relação ao comportamento dos filhos, enquanto o ocidental fala em abstrato: “a educação”.

Notemos também que o ocidental diz o extremamente genérico: “Quem o feio ama, bonito lhe parece” (“o feio”), enquanto a formulação árabe, para o mesmo conteúdo, vale-se da forma radicalmente oposta: concreta e figurativa: “Al-qurd b’ayn ummuhu gazal” – “O macaco, aos olhos de sua mãe, é uma gazela”.

## **Quebrar o gelo**

Sugestiva expressão, existente em diversas línguas, para ações ou falas que deixem mais à vontade no convívio pessoas que não se conhecem. É muito antiga e tem origem náutica. No sentido metafórico, sua primeira aparição na BN parece ser a de 1872:

[Otto von Bismark...] enviava o príncipe de Reuss a S. Petersbirgo com o encarho especial de fazer todo o possível para quebrar o gelo que existia entre as côrtes da Rússia e da Austria... (“O Movimento” RJ, 01-09-1872)



Em sentido literal, encontramos a expressão em notícia sobre o congelamento do porto de Bremerhaven e a necessidade de rebocar o vapor Mosella até área navegável:

Diante da prôa [do Mosella] achava-se o rebocador Simson, que estava destinado a quebrar o gelo e puxar o Moseella para fora do porto.  
(“A Reforma” RJ, 19-01-1876)

## **Respeito – é bom e eu gosto**

“Respeito é bom e eu gosto” é fórmula que aparece na BN em 1929, como expressão por todos conhecida, mas passa a ser é frequente na imprensa sobretudo nas décadas de 70 e 80). A “Revista do Rádio” (11-03-1952) compara os jovens cantores e compositores com os da velha guarda e, constatando a notória superioridade destes, desfere:

Que é que há meus colegas compositores de hoje? Respeito é bom e eu gosto, tá bem? Vocês terão que fazer muita fôrça porque os balzaquianos estão aí mesmo!

“Respeito” vem do latim **respectus**, ação de olhar (para trás), consideração, atenção. Falta de respeito, para dar um par de exemplos, é a de um jovem que, no ônibus lotado, não oferece o lugar para a senhora idosa que está diante dele; ou a dos dois espectadores que ficam tagarelando na igreja ou durante um concerto de orquestra. Nesses – e em qualquer outro caso – fica claro que o respeito está ligado ao olhar, ao

ver: “Você não está vendo a senhora / Você não vê que está na igreja /etc.)”.

Daí o curioso caráter, como que redundante, da advertência (/ameaça...): “Olha o respeito...!”

## **Salvação da lavoura (e a saúva...)**

Desde a segunda metade do século 19 e até a metade do século 20, a imprensa nacional fala (e muito) da “salvação da lavoura”. Inicialmente não contra pragas ou geadas, mas proporcionando financiamento ou braços que cultivem, como nas duas primeiras ocorrências na BN:

(promover) a criação de um Banco de credito rural – como a unica taboa de salvação da lavoura e da prosperidade da provincia (“O Globo” MA, 18-05-1855).

A camara acredita que a colonisação poderia ser a salvação da lavoura (“Correio Mercantil” RJ, 14-11-1859)

Claro que logo se fala também na salvação da lavoura do café, da cana etc.

A lamentação dos agricultores é tanta que passou a ser usada em sentido figurado, como o fez a famosa revista “O Cruzeiro” (RJ), que a partir de 1959, passa a usá-la só metaforicamente: o rádio é a salvação da lavoura para o candidato Juscelino Kubitschek, a contratação de tal craque é a salvação da lavoura do time etc.

O mesmo processo de metaforização ocorreu com a saúva (da célebre sentença “ou o Brasil acaba com a saúva,

ou a saúva acaba com o Brasil”, que remete à antiga constatação de Saint-Hilaire). Quando a sentença é retomada, à exaustão, a partir das primeiras décadas do século 20, não demora a que a saúva seja tipo para outros inimigos da nação. Assim, em 1959 é lançada a “Marcha da saúva” pela dupla Alvarenga e Ranchinho:

Onde tem mais saúva  
É no Distrito Federal  
Quá Quá Quá Quá,  
E essa é a pior saúva, seu Cabral,  
Que não trabalha  
E mete a mão no capital!  
 (“Manchete” RJ, 05-02-1955)

“Saúvas” também foram a inflação, a correção monetária, a burocracia etc.

Hoje em dia, essas expressões – tanto em sentido literal quanto no figurado – estão praticamente esquecidas.

## **Se cobrir vira circo, se cercar é hospício**

Felicíssima expressão humorística para referir-se à desorganização, desvarios e confusão reinantes em um país, movimento político, time, empresa etc.; uma zorra na qual ninguém se entende.

Aparece por primeira vez na BN em 09-12-1983, no “Jornal do Brasil”, como versos da canção “Sai da Frente Brasil” de Aldir Blanc/Maurício Tapajós:

O Brasil deixa estar como está  
Se organizar é capaz de piorar

Se cobrir vira circo  
Se cercar é hospício

Talvez pelo excesso de uso, a expressão se desgastou e desde 2005 não comparece mais na BN.

## **Se melhorar, estraga**

Próxima ao “Em time que está ganhando, não se mexe” (ou como diz o provérbio inglês “If it is not broken, don’t fix it”), essa expressão previne qualquer tentação de alterar ou aperfeiçoar (o que poderia ter efeitos danosos) algo que está funcionando muito bem. Ela só se popularizou nos anos 90, mas foi usada em 1972 pelo jornalista Joelmir Beting (1936-2012):

Tenho um amigo que jamais responde “mais ou menos” ao “como vai?” de todo mundo. Ele não deixa por menos:  
– Se melhorar, estraga... (...)– Vai tão bem, que se melhorar, estraga...  
 (“Diário de Notícias” RJ, 26-10-1972)

Joelmir destacou-se precisamente pela divulgação e era dotado de agudo senso para traduzir em linguagem popular o hermético economês, os meandros da política etc. Por exemplo, foi ele o grande divulgador da sentença “Na prática, a teoria é outra”, título de seu mais famoso livro, publicado em 1973. Essa expressão só se difundiu com Beting, embora tenha aparecido na BN já em 1945:

Poder-se-ia, para o caso da Rússia bolchevista, repetir o que jocosamente dizia um falecido Professor da nossa Escola Naval: “– Ah, meus Senhores, na prática a teoria é outra...”

(“Excelsior” RJ, 15-10-1945)

[Não seria de estranhar que a expressão fosse originária da Marinha, (arma que não pode se dar ao luxo de aventuras ou correr riscos), como também o clássico provérbio da manutenção: “quem tem dois, tem um, quem tem um, não tem nenhum”]

Essa valorização do popular era uma reação contra a prática de usar uma linguagem afetada e pretensamente erudita, vigente em amplos setores do rádio e da televisão ainda na década de 60. Ficou célebre em 1967, a narração de certo locutor de rádio, em um jogo Corinthians x Palmeiras: “o facultativo esmeraldino adentra o gramado do próprio da municipalidade para atender o filho do Divino, grande figura da esquadra periquita”. Isso para dizer simplesmente que o médico do Palmeiras entrou em campo no Pacaembu para atender o Ademir da Guia...

E quando Chacrinha repetia, uma e outra vez, seu bordão “rrreallllmente”, era para ridicularizar a pronúncia forçadamente “correta” dos radialistas daqueles tempos...

## **Simancol e desconfiômetro**

A feliz sacada lúdica de transformar em “remédio” a advertência para aquele que não percebe a inconveniência, o exagero ou o ridículo de um seu ato ou comportamento, garantiu imensa difusão imediata da gíria “simancol”, desde

que surgiu na BN no carioca “O Jornal”, de 13 de junho de 1963. O articulista ridicularizava os cantores do decadente “iêiê-iê”, que buscavam aproximar-se do samba e receitavam-lhes: “Um ‘Simancol’ de duas em duas horas”.

Claro que um fator adicional de graça na expressão é que ela permite brincar com a posologia, a quantidade e a frequência indicadas do medicamento, em cada caso: “uma concha de sopa, de hora em hora”, “doses cavalares” etc. Além da sonoridade perfeita!

Se o simancol é o remédio, desconfiômetro é o aparelho “científico” para mensurar o grau de inconsciência daquele que é incapaz de perceber seus exageros e impropriedades. Frequentemente, por desgracia, falta o equipamento, ele está desligado ou quebrado e o infeliz não se toca... A primeira ocorrência do “desconfiômetro” na BN é em charge da revista carioca “Careta”, 29-06-1946, na qual o recém-empossado Presidente Dutra se dirige ao ditador deposto Getúlio Vargas e o adverte de que seu “desconfiômetro” está “escangalhado”.

## **Subir (/elevar) o sarrafo – consolida-se uma nova metáfora**

Algumas das expressões que usamos originaram-se de gestos épicos ou marcantes na história, como: cruzar o Rubicão (Júlio César), cortar o nó górdio (Alexandre Magno), lavar as mãos (Pôncio Pilatos), beijo de Judas etc.

A metáfora, tão em voga nos últimos anos, para indicar o arriscar-se em uma nova etapa com metas e ambições mais altas na vida (pessoal / política / empresarial /

escolar / financeira etc.), “subir / elevar o sarrafo” é uma das tantas contribuições do esporte para a linguagem. Sem dúvida, ela foi impulsionada pela brilhante conquista do ouro em salto com vara por Thiago Braz na Olimpíada do Rio de Janeiro em 2016. Em um gesto de extrema coragem, o atleta brasileiro mandou subir o sarrafo cinco centímetros, embora ao contrário do favorito Renaud Lavillenie (então recordista mundial com 6m16), jamais havia saltado 6m03 . O francês ficou só com a prata...

Salvo engano, o primeiro uso dessa metáfora foi feito pelo então ministro da educação Renato Janine Ribeiro, em entrevista à “Folha de S. Paulo” (06-04-2015). À pergunta “a meta de alfabetizar as crianças até os oito anos não é um pouco relaxada demais?”, ele respondeu: “Pode ser uma meta provisória. Uma vez cumprida essa meta, podemos subir o sarrafo”.

Com o feito de Thiago Braz incorporado ao imaginário popular, a metáfora ganhou força e hoje é muito usada no Brasil.

Já na metáfora “descer (/baixar) o sarrafo”, praticar jogo violento (futebol), “sarrafo” é simplesmente “pedaço de pau”. Essa expressão é muito mais antiga. Na primeira aparição na BN, o jogador Eli, transferido do Vasco para o Sport de Recife, após mil declarações de amor ao ex-clubes, declarou brincando sobre um possível confronto dos dois times: “[se eu tiver que enfrentar o Vasco] vou descer o sarrafo”. (“Diário da Noite” RJ, 06-08-1955).

Esse Eli está associado também à primeira ocorrência de “baixar o sarrafo” na BN. O “Jornal dos Sports” (RJ, 26-06-1954) diz que em tal jogo ele não será o capitão do time e, portanto, “Poderá baixar o ‘sarrafo’ sem complicações”.

## Surdo no absurdo

Uma etimologia surpreendente (à primeira vista): a de absurdo. Embora hoje empreguemos a palavra “absurdo” em contextos de lógica ou existenciais, em suas origens ela é do âmbito sonoro, composta de “ab” (no caso, intensivo) e “surdo” (*surdus*). Ensina o Oxford English Dictionary sobre sua etimologia: desarmonioso, insípidez, tolice, surdo, inaudível, insuportável para o ouvido:

[from Latin] absurd-us inharmonious, tasteless, foolish, f. ab off, here intensive + surdus deaf, inaudible, insufferable to the ear.

E o “Webster’s II New Riverside Dictionary” explica que as línguas que tomaram essa palavra do latim não a assumiram em seu sentido primitivo, mas já no figurado: o da impossibilidade lógica, fora da harmonia com a razão:

(*Absurdus* in Latin...) in literal sense was “out of tune”. It was used figuratively outside the realm of music and acoustics to mean “out of harmony with reason”.

Quando nos recordamos de que desde a Antiguidade – e por longos séculos – esteve muito arraigada a ideia da “música das esferas” (legendariamente atribuída a Pitágoras), de que o princípio regulador do próprio Cosmos seria a harmonia de sons e uma melodiosa “matemática”, deixa de ser estranha a etimologia de “absurdo”...



## Torcida celestial

No capítulo 9 da Primeira Epístola aos Coríntios, Paulo compara a vida cristã, em seu empenho para atingir o Céu, a uma competição esportiva e exorta o fiel a correr/combater/competir com o mesmo ímpeto do atleta determinado a vencer a prova.

A liturgia pondera que, pela unidade da Igreja, “corpo místico de Cristo”, não estamos sós nessa “disputa esportiva”, mas contamos com “torcida”: a multidão (“nuvem”) daqueles cristãos que nos antecederam e já atingiram a meta celestial e de lá estão nos contemplando e incitando-nos a perseverar.

É o que diz o Prefácio I da Missa dos Santos:

Nos vossos santos e santas oferecis um exemplo para a nossa vida, a comunhão que nos une, a intercessão que nos ajuda. Assistidos por tão grandes testemunhas, possamos correr, com perseverança, no certame que nos é proposto e receber com eles a coroa imperecível, por Cristo, Senhor nosso<sup>58</sup>.

No original latino:

Qui nobis in eórum [os santos] praebe et conversatióne exemplum, et communióne consortium, et intercessióne subsidium: ut tantam habentes impósitam nubem testium, per patientiam currámus ad propósitum nobis certámen, et cum eis percipiámus immarcescibilem glorie corónam. (<https://www.newliturgicalmovement.org/2020/06/the-new-prefaces-of-ef-mass-part-6.html>)

---

<sup>58</sup>. Arquidiocese de São Paulo: [https://arquisp.org.br/sites/default/files/arquivos/regiao-se/2017\\_10\\_17e18\\_o\\_culto\\_liturgico\\_dos\\_santos\\_e\\_piedade\\_popular.pdf](https://arquisp.org.br/sites/default/files/arquivos/regiao-se/2017_10_17e18_o_culto_liturgico_dos_santos_e_piedade_popular.pdf).0) Acesso em 06-12-2023.

É como se numa partida do time do Santos, hoje, estivessem lá, muito perto, torcendo ao vivo, vibrando e acompanhando tudo: Pelé, Coutinho, o lendário goleiro Gilmar, Zito e todos os grandes craques já falecidos. Com a vantagem que essa “torcida” até pode dar uma ajuda real aos jogadores em campo (o católico crê na intercessão dos santos!) e colaborar para um bom resultado!

### **(Fazer das) Tripas coração**

Temperar – do latim *temperare* – é formar um todo harmônico com elementos diversos. A alface, o tomate, a cenoura estão ali meio insossos; ao ajuntar o azeite, o sal etc., obtém-se um todo harmônico. O ferro unido ao carbono, na proporção certa, dá o aço temperado; a confluência de fatores de personalidade dá o temperamento (é etimologicamente incorreto dizer que uma pessoa agressiva ou destrambelhada é temperamental; ela pratica, isso sim, um *destempero* verbal ou fático).

No já citado (v. Inveja – II) capítulo 12 da Primeira Epístola aos Coríntios, no qual Paulo afirma que os cristãos somos membros de um mesmo corpo e estamos interligados, o Apóstolo afirma também (Vulgata) que *Deus temperavit corpus*: “Deus ‘temperou’ o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela, para que não haja divisão no corpo, mas que os membros tenham igual cuidado uns dos outros” (v. 24 e ss.). Assim, o mais elevado, o coração, sede de muitos nobres sentimentos, é tido também como sede da coragem (como em Ricardo Coração de Leão) e no Oxford English Dictionary, encontramos os seguintes significados

para “heart”: “sede da coragem e, portanto, coragem” (11. a) e “fonte de ardor, entusiasmo e energia” (11 .b).

Não é de estranhar, portanto, que em um corpo “temperado”, em caso de necessidade, partes menos nobres, como as tripas, venham a se unir ao coração, “fazerem-se” coração. Essa expressão é antiquíssima e sempre muito usada no português. Sua primeira aparição na BN dá-se já em 1822, em “O Macaco Brasileiro”, No. 10:

“Tremeo de susto, mas fez das tripas coração”.

## **Ubuntu: eu sou porque nós somos**

Um dos conceitos mais arraigados na tradição antropológica bantu, das línguas (/povos) subsaarianas, é o de *ubuntu*, palavra que se globalizou avassaladoramente a partir da luta (e de suas lideranças) contra o apartheid na África do Sul. Essa palavra é preciosa e contém enorme carga de significado. Nelson Mandela foi considerado a própria personificação do *ubuntu* e o bispo, prêmio Nobel da Paz, Desmond Tutu criou a Teologia *Ubuntu*.

Um fato curioso das línguas bantu é que nelas há classificadores (em geral 10): a primeira sílaba de cada palavra já indica em qual classe de ser (/ pensamento) se situa aquele vocábulo (animal, planta, diminutivo, ação verbal etc.). E há também classificador para realidades acentuadamente abstratas, como é o caso de *ubuntu*.

Um criterioso artigo de Mberia<sup>59</sup> mostra a difusão da palavra *ubuntu* (/ suas variantes), arraigadíssima em diversas línguas bantu, remetendo-a até mesmo ao Proto-Bantu (!) e existente na própria origem dessas línguas, na região entre Nigéria e Camarões (p. 113). *Ubuntu* pertence a uma especial classe abstrata, originariamente significando *humaness* / *humanity* (p.113).

O significado de *ubuntu* é assim resumido por Oppenheim:

A palavra *ubuntu* vem da cultura Xhosa/Zulu, a comunidade na qual Nelson Mandela nasceu e se resume na frase “*Umntu ngumuntu ngabantu*” (...) “uma pessoa é pessoa por meio de outras pessoas” ou “Eu sou porque nós somos” (cit. por Mberia, p. 105).

Na famosa entrevista de 2006 ao jornalista sul africano Tim Modise (cf. p. ex. <https://www.youtube.com/watch?v=HED4h00xPPA>), o próprio Mandela fala sobre o significado de *ubuntu*:

**Entrevistador:** Muitos o enxergam como a personificação de *ubuntu*, como você entende o que é *ubuntu*?

**Nelson Mandela:** Antigamente, quando éramos jovens, um viajante que parasse numa aldeia não teria que pedir por água ou comida. Bastava ele chegar e as pessoas o atenderiam, dar-lhe-iam comida. Este é um aspecto do *ubuntu* mas há vários outros. Respeito, solicitude, compartilhar, comunidade, cuidar, confiar, abertura para o outro: uma única palavra pode significar tanto e é o espírito do *ubuntu*. *Ubuntu*

---

<sup>59</sup>. Mberia, Kithaka wa. Ubuntu: linguistic explorations. **International Journal of Scientific Research and Innovative Technology** Centre for Promoting Knowledge (CPK) Vol. 2 No. 1; January 2015, pp. 103-115.

não significa que alguém não deva ocupar-se de si, mas a questão é: ao fazer isso, é para promover a comunidade a seu redor e promover a melhoria dela?

Em nosso tempo, a palavra *ubuntu* (e a mensagem que ela porta) pode ser poderoso antídoto contra o arraigado envenenamento dos individualismos, partidarismos e ódios vigentes...

## **Vossa Excelência...**

A liturgia dos cargos e cortes, tribunais, parlamento etc. preservam – já avançado o século 21 – protocolos arcaicos de tratamento, que no calor das discussões de uma CPI ou mesmo do STF revelam, por vezes, um certo ridículo. Todos se lembram dos famosos “barracos no Supremo” – de dar pena do intérprete para surdos mudos, como diz José Simão –, nos quais ministro se dirige a colega dizendo:

“Vossa Excelência, quando se dirige a mim, não está falando com seus capangas de Mato Grosso” ou “Me deixa de fora desse seu mau sentimento. Você [ops!] é uma pessoa horrível, uma mistura do mal com atraso e pitadas de psicopatia. Isso não tem nada a ver com o que está sendo julgado. É um absurdo Vossa Excelência aqui, fazer um comício, cheio de ofensas, grosserias”.

Ou ainda:

“Vossa Excelência fica destilando ódio o tempo inteiro, não julga. Não fala coisas racionais, articuladas. Sempre fala coisas contra alguém, está sempre com ódio de alguém, está sempre com raiva de alguém. Use um argumento!”.

Já em seu No. 2, de 26-04-1857, o semanário satírico carioca “A Carapuça” dirigia um soneto-carapuça para as cabeças da época, que exigiam tratamentos pomposos: nada menos do que Vossa Excelência.

O – tu – hoje só tem triste pretinho,  
Que inda sofre os grilhões do prisioneiro;  
O – você – cabe em sorte ao aguadeiro  
Quando d’agua nos traz seu barrilzinho.

O – *vosmencê* – olé dá-se ao meirinho  
Que julga esse tratar baixo e grosseiro:  
Ainda mais, quem pensara! – o marinheiro  
A’ cortezia tal torce o focinho.

Senhoria – diz ter pobre jaqueta,  
Que do *cobre* preciso na carência,  
Nem pode ter casaca de baeta.

E d’ahi para cima, isto é demencia,  
Qualqer bruxa, qualquer bicho careta,  
Na côrte do Brasil tem – *Excellencia!*

Apesar da propalada informalidade do brasileiro, preservamos cerimoniosamente certas solenidades de tratamento, denunciadas também na famosa marchinha do carnaval de 1946, repetida à exaustão pelo iconoclasta Chacrinha, “Cordão dos puxa-saco” (Roberto Martins / Eratóstnes Frazão):

Lá vem o cordão dos “puxa-saco”  
Dando vivas a seus maiores

Quem está na frente é puxado pra trás  
E o cordão dos puxa-saco  
Cada vez aumenta mais  
Vossa Excelência, Vossa Eminência  
Quanta reverência nos cordões eleitorais  
Mas, se o doutor cai do galho e vai ao chão  
A turma toda “evolui” de opinião  
E o cordão dos “puxa-saco”  
cada vez aumenta mais.